

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CONVÊNIO UFPE/ UNIVERSIDADE DE PETROLINA

**O MOVIMENTO DE PAU DE COLHER NA PERSPECTIVA DOS ATORES
SOCIAIS: relações entre significações da religião e da miséria**

ANA LÚCIA AGUIAR LOPES LEANDRO

RECIFE
2003

ANA LÚCIA AGUIAR LOPES LEANDRO

**O MOVIMENTO DE PAU DE COLHER NA PERSPECTIVA DOS ATORES
SOCIAIS: relações entre significações da religião e da miséria**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado
em sociologia da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial para
obtenção do grau de mestre em sociologia.

ORIENTADORA: PROF^a. Dr^a. LÍLIA MARIA JUNQUEIRA

RECIFE
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CONVÊNIO UFPE/UNIVERSIDADE DE PETROLINA

**O MOVIMENTO DE PAU DE COLHER NA PERSPECTIVA DOS ATORES
SOCIAIS: relações entre significações da religião e da miséria**

Banca examinadora

Dra. Lília Maria Junqueira

Dr. Paulo Henrique M. de Albuquerque

Dr. Joanildo Burity

RECIFE
2003

Para Cesar Mello, amigo solidário
em diferentes “caminhadas”.

AGRADECIMENTOS

O resgate do movimento dos caceteiros na perspectiva de buscar os significados da religião de da miséria e a circularidade dos bens simbólicos na construção do vínculo social no interior do “adjunto” é uma dádiva cujo caminho foi buscar o sentido do sentido, do falado, do vivido.

O desafio gerado pela dádiva Pau de Colher foi a busca do significado do partido, do dividido, do espalhado, do compartilhado para compor a ligação de todos os pedaços.

Essa tarefa envolveu muitos atores e, na mesma medida, muitos agradecimentos.

A pesquisa histórico-sociológica, Pau de Colher, sem dúvida, foi partilhada por inúmeras pessoas, e porque não dizer, não só aquelas diretamente envolvidas no cenário do dia-a-dia, mas por aquelas que, nos bastidores, nas coisas que não estão visíveis no cotidiano, foram, todavia, de significativa importância na composição dessa dissertação. O vínculo social construído no percurso desse trabalho, antes, durante e para além dele, foi alicerçado pela solidariedade e, principalmente, por ter criado dívidas que não se anulam, não se apagam, não se extinguem.

Antes de tudo, desde o início da minha formação acadêmica, tenho uma grande dívida para com o Prof^o Armando Souto Maior, admirado professor, que me fez percorrer os caminhos da pesquisa, durante os anos da graduação em História na UFPE. No Arquivo Público do Estado de Pernambuco, antiga cadeia pública lugar de acervo dos documentos, jornais e códices, fiz parte de sua equipe de pesquisa no resgate de Quebra-Quilos e da Guarda Nacional. Iniciamos a relação dialógica com os documentos históricos, as primeiras conversas com os documentos que se tornaram

“falantes”, meu mais sincero respeito por um profissional que compreende um aluno percorrendo com ele um caminho como se nunca tivesse feito o percurso antes.

Aos colegas do Centro Federal de Educação Tecnológica de Petrolina que não se furtaram em me ouvir sobre uma nova descoberta, um novo depoimento no interior da pesquisa, agradeço e destaco Francisco Jesus Souza e Jorge Tadeu Nogueira, amigos, desde sempre. A Antonio Cícero Araújo, pelo cristão e homem religioso convicto.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, que se deslocaram do seu contexto cotidiano e vieram a Petrolina ministrar as aulas do mestrado permitindo que esse programa fosse concretizado, pelos estímulos e orientações que alimentaram, das mais diversas formas, discussões fundamentais para o re-direcionamento e aprofundamento do projeto inicial de pesquisa e, conseqüentemente, pelas contribuições à minha formação acadêmica.

Ao Prof^o Paulo Henrique Martins que, ao me conduzir pelos caminhos do Paradigma da Dádiva, de Marcel Mauss, me fez compreender a dádiva que foi Pau de Colher.

Permitindo outro olhar para o movimento, onde a atuação dos atores sociais envolvidos e a circularidade dos bens simbólicos no “adjunto” poderia romper com a compreensão de um movimento banal, de fanáticos, de ignorantes, da visão utilitária da fé. Juntamente com outras leituras, pude juntar todos os pedaços daquele vínculo social na perspectiva de compreender o movimento dentro de uma rede de relações simbólicas onde homens e mulheres de carne e ossos estavam presentes.

Aos funcionários do Museu do Sertão em Petrolina-PE., da Biblioteca da Diocese em Juazeiro-BA., da Polícia Militar do Estado da Bahia, do Cartório do 2^o Ofício em Casa Nova-BA., da Biblioteca Juracy Magalhães, do Fórum da Comarca de Juazeiro-BA., da Polícia Militar de Pernambuco, da Polícia Militar do Piauí através dos quais tive acesso a documentos importantes para esse trabalho.

Ao Sr. Luiz da Benta, prefeito da cidade de Dom Inocêncio-PI e Valdoite da Benta, amigos sinceros, que me abriram as portas de sua casa onde instalei meu “Quartel General” de onde partia em direção aos povoados e moradias do circuito da pesquisa, nas primeiras horas do dia, por distâncias variadas, com um motorista paciente que pelas estradas de chão (40, 60, 80 quilômetros de distância) me conduzia à procura dos “meus caceteiros” ouvindo meus comentários e por dias consecutivos.

A todos os habitantes da cidade de Dom Inocêncio-PI que me receberam com respeito em suas casas, como se eu já fizesse parte da população local, àqueles que conversavam comigo na praça, nas ruas, na igreja, no mercado, cada um falando o que sabia sobre Pau de Colher, e que me proporcionaram dias agradáveis entre a pesquisa e as conversas noturnas.

Ao Padre Manuel Lira Parente que me recebeu na Fundação Ruralista, Sítio Embargo, Dom Inocêncio PI, prestando considerável contribuição sobre as funções da igreja e que, ao me falar sobre a “desobriga” permitiu incluir em nossas análises as parcas visitas da igreja às populações do meio rural como um componente forte para explicar a religiosidade do homem do sertão.

Aos meus pais, Josefa e Abelardo Aguiar que me ensinaram a rezar, a cantar benditos, a não faltar à missa (era pecado e podia ser castigada), a me confessar para receber o perdão, a ter esperança de um dia ir para o céu, a guardar os domingos e dias santos, a jejuar, a acompanhar as procissões, a respeitar a experiência dos mais velhos, a “ser gente” pelos estudos, minha eterna gratidão.

Graças a Arthur Henrique, Tobias e César Augusto filhos herdeiros de todos os sentimentos que constituíram o vínculo de nossas vidas (alegrias, tristezas, choros, ausências, silêncios, faltas, renúncias...) gratidão por terem sido parceiros de todo o vivido, sentido, falado e aprendido, tanto com a construção quanto com a

desconstrução, tanto no encaixe quanto no desencaixe e por serem hoje “homens feitos” enfrentando, a partir das lições lá do passado, os desafios da vida.

Finalmente, e em especial colocação nesses agradecimentos, a minha gratidão para além de Pau de Colher, à Prof^a Lília Junqueira, em primeiro lugar, por ser a orientadora do presente trabalho, marcando essa aceitação com a simplicidade que carrega uma intelectual do seu gabarito; segundo, pelas seguras e precisas orientações acadêmicas do qual um orientando necessita e, finalmente, pelo entusiasmo constante, durante todo o seu trabalho de orientação com frases estimulantes, desde o início, que me fortaleceram e me deixaram segura e confiante para encarar o trabalho. Na verdade, contando com o apoio da professora Lília, pude perceber que, por trás da orientadora, estava a pesquisadora entusiasmada, o ser humano que compartilhava do cotidiano da produção a que nos arriscamos.

A todos os remanescentes de Pau de Colher, herdeiros e proprietários diretos dessa história, homens e mulheres humildes no ser, mas sofisticados no saber, moradores dos sertões do Piauí, da Bahia e de Pernambuco que colocaram em minhas mãos a dádiva que foi Pau de Colher ou, melhor dizendo, a dádiva maior: suas falas, seus silêncios, suas paixões, seus gestos, suas expressões, suas angústias, seus medos, suas tristezas, sua coragem, sua firmeza, seu suor, seu labor, sua “miséria” e sua religiosidade, seu pensar, seus bens simbólicos, sua história, seu cotidiano, seu vivido...

Ao Sr. João de Souza Rodrigues, seu Janjão (*im memoriam*), falecido em 04 de dezembro de 2001, participante ativo dessa história que, mesmo tendo sua casa incendiada em Olho D’Água – PI., nos contou, com riqueza, “aquele negócio dos caceteiros”, todas as vezes que lá estive, contribuindo, decididamente, para a reconstituição das falas dos atores sociais. Sr.Janjão, durante os delírios no leito da morte, na cidade de Dom Inocêncio-PI, lugar onde fixou residência até os dias últimos

de sua vida, com sua esposa D. Marieta e seu filho Osíris, permitiram vislumbrar que o sacrifício, doação final dos atores sociais do movimento dos caceteiros, não foi em vão e continuam até hoje na história de vida dos remanescentes daqueles idos, colaborando para nova construção/desconstrução, novo focar/desfocar, novo mudar/permanecer, nova utopia, novo lugar, novo tempo, outra reflexividade, um re-significar a partir dos seus filhos órfãos.

Ana Lúcia Aguiar

“O sertão está em toda à parte (...) Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”.

(João Guimarães Rosa, Grande Sertão: veredas, 1986: 8-24)

SUMÁRIO

Capítulo 1

PARA ALÉM DA DICOTOMIA ENTRE SOCIEDADE E RELIGIÃO: 0 movimento de pau de colher como objeto sociológico	14
1.1 O movimento de pau de colher como objeto sociológico	15
1.2 O Objeto	17
1.3 Olhares sobre o movimento de Pau de Colher	24
1.4 O surgimento do problema a partir de uma pesquisa de campo	30
1.5 Metodologia	45

Capítulo 2

PAU DE COLHER: um percurso sobre seu contexto	52
2.1 Brasil: contexto à época do movimento	53
2.2 Situando a região de Casa Nova	67
2.3 A região e a religiosidade de Pau de Colher	72

Capítulo 3

O MOVIMENTO PAU DE COLHER	82
3.1 A origem: o caldeirão de José Lourenço	83
3.2 O início: eles chegaram rezando	86
3.3 Pau de Colher e o sítio Sapateiro	93
3.4 Vinte e oito dias de “adjunto” na voz dos remanescentes	97
3.5 O ritual de Senhorinho	102
3.6 A invasão e o fim do adjunto nos três dias de fogo	107
3.7 O sufocamento do movimento	112
3.8 O que restou do movimento: o Instituto de Preservação e Reforma	117

Capítulo 4

PAU DE COLHER PASSADO A LIMPO	122
4.1 “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra, passaram”	123
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXOS	151

RESUMO

A pesquisa tem como objeto o movimento de Pau de Colher, que teve lugar no município de Casa Nova, Bahia, no período de 1934/1938.

O Tema está inserido na tradição dos movimentos “messiânicos”, mas propõe uma leitura especificamente sociológica ao privilegiar a preocupação de explicar a relação entre as significações da religião e da miséria, na perspectiva dos seus atores sociais, no interior das relações de convívio dentro do “adjunto”.

Os meios empregados para atingir o objetivo dessa experiência religiosa, foi uma aproximação do trabalho junto aos remanescentes e pessoas do mesmo tempo, relatórios e boletins das polícias militares da Bahia, de Pernambuco e do Piauí, jornais de ampla circulação, na época, e do material acadêmico disponível sobre o tema.

Tratando a suposição de que as significações entre a religião e a miséria têm seu centro no universo simbólico construído no interior da cultura rural relacionadas à vida cotidiana, material e espiritual; que tais significações se fundam dentro de uma cultura naturalista-religiosa que dinamiza os viveres cotidianos, os explicam e, ao mesmo tempo, revelam as relações sociais, econômicas e políticas, entre os sujeitos, que estão protegidas dentro dessa cultura, o adjunto de Pau de Colher foi analisado como um lugar histórico-sociológico da experiência religiosa de um grupo no meio rural brasileiro. Assim, a pesquisa tornou possível captar a maneira como aqueles cotidianos se dinamizaram fazendo sair, de onde estava mergulhado, para construir um lugar alternativo para os que o enfrentaram.

Palavras-chave: Casa-Nova, Pau de Colher, salvação, miséria, religião, catolicismo popular, cultura naturalista-religiosa.

ABSTRACT

The research has its object the movement of Pau de Colher, that had a place in the town of Casa Nova, Bahia, in the period of 1934/1938.

The subject is inserted in the tradition of the “messianic” movements, but the concern specifically considers a sociological reading to privilege the concern of explaining the relations between the significance of religion and misery, with the perspective of its social actors, in the interior of the relations of conviviality inside of the “aid”. The part time employees to arrive and achieve the objective of the religious experience was an approach from the work together with the people who stayed behind and also the contemporary ones reports and bulletins from the military police of Bahia, of Pernambuco and Piauí, journals with ample circulation, at the time, and the material available about the subject. Making the assumption that the significance between religion and misery in the core of the universe has a symbol wich was built by the interior culture related to the daily life, material and spiritual; that such significance established inside of the naturalistic-religious culture dynamizes the daily life, they explain to them, at the same time, reveal the social reations, economic and politics, between the civilians, that are protected by this culture, we analyze the aid of Pau de Colher as a historical-sociological place of religious experience in the middle of the agricultural Brazilian group. Thus, the research became possivel in a way that the daily dynamization making them leave, from the location on which they were diving, to construct na alternative place in which they have faced.

Key-Words: Casa-Nova, Pau de Colher, salvation, misery, religion, popular catholicism, naturalistic-religious culture.

1. PARA ALÉM DA DICOTOMIA ENTRE SOCIEDADE E RELIGIÃO: o movimento de pau de colher como objeto sociológico

Mas somos simultaneamente seres de abertura. Ninguém segura os pensamentos, ninguém amarra as emoções. Elas podem nos levar longe no universo, podem estar na pessoa amada, podem estar no coração de Deus. Rompemos tudo, ninguém nos aprisiona. Mesmo que os escravos sejam mantidos nos calabouços e obrigados a cantar hinos à liberdade, são livres, porque sempre nascem livres, e sua essência está na liberdade.

Leonardo Boff

1.1 O MOVIMENTO PAU DE COLHER COMO OBJETO SOCIOLÓGICO

Este trabalho pretende ser uma contribuição à interpretação sobre movimentos religiosos do meio rural brasileiro através da análise do movimento de Pau de Colher, município de Casa Nova – BA, 1938.¹

O Tema está inserido na tradição dos movimentos “messiânicos”, mas propõe uma leitura especificamente sociológica ao privilegiar a preocupação de explicar a relação entre as significações da religião e da miséria, na perspectiva dos seus atores sociais, no interior das relações de convívio dentro do “adjunto”.

O universo simbólico construído e vivido pelos atores sociais e a dinâmica interna que circulou entre a estrutura lá existente e os símbolos, veiculados pelos mesmos, são uma tentativa de diminuir o abismo do entendimento entre o que diz o senso comum intelectual e o senso comum perito do homem simples.

Propõe-se, com essa discussão, que o senso comum aqui posto seja entendido como conhecimentos compartilhados entre os sujeitos da relação social, entendidos, não de costas um para o outro, não dicotomizados, mas em diálogo.

O homem comum vai ser capturado, nesse trabalho, dentro do seu saber cotidiano que é um saber/viver construído no dia a dia do seu agir cotidiano e que para ele satisfaz como resolução das dificuldades. Perito pelo que apresenta de capacidade de resoluções e comum porque é compartilhado. Um saber que ele aprendeu e foi construído ora como educador, ora como educando e, ao mesmo tempo,

¹ Pau de Colher é a denominação do povoado onde se concentraram durante 28 dias os seguidores do Beato Senhorinho, localizado no município de Casa Nova-BA. O povoado recebeu esse nome devido a abundância da árvore Pau de Colher no lugar. Os seguidores retiravam os caules da planta para confeccionar os “cacetes” que eram seus instrumentos símbolos da fé, da salvação, do adjunto. Pau de Colher – árvore lactescente da família das apocináceas (*Peschiera Lacta*)(...). No Nordeste é conhecida como Bom-Nome (2). (PI: paus-de colher). Bom-Nome. (...), N.E. Arvoreta da família das ramanáceas (*Naytenus rígida*), típica da caatinga (...).

compreendendo uma linguagem, uma realidade que, embora estivesse à margem das idéias dominantes, dava conta de suas necessidades, e cujas dúvidas foram tiradas no “tete a tete” do “laboratório” do mundo em que viviam.²

Partindo do pressuposto de que o vínculo social é o campo do vivido, do sentido, do falado, Pau de Colher será colocado como o encontro de simbolismos, das coisas partidas, divididas, na perspectiva da ligação de todos os pedaços que fundaram e deram sentido àquele mundo. Ao mesmo tempo, os bens, visíveis ou invisíveis, os sentimentos, gestos, expressões, palavras, risos, alimento, choro, tristeza, pai, mãe, filhos, família de forma geral, os rosários, os benditos, serão entendidos como base lógica a favor do vínculo social, construído pelos atores sociais envolvidos direta ou indiretamente, considerados como uma dádiva que os levou a um desafio.

Com esse entendimento, o adjunto de Pau de Colher será analisado no sentido de ter sido um lugar histórico-sociológico, da experiência de um grupo no meio rural brasileiro, onde a reflexividade do senso comum perito circulou, cotidianamente, construindo um lugar alternativo a partir de um saber prático, onde o acesso privilegiado para a interpretação foi dado pelo universo de significados elaborados pelos que o enfrentaram.

Portanto, a análise aqui realizada será a de uma realidade simbólica, olhada não como mera realidade objetiva, mas uma realidade integrada por significados circulantes que não está atribuída nem ao indivíduo, nem à estrutura como espaços dicotômicos, nem a uma visão maniqueísta, nem a uma visão moralista, mas como uma realidade

² Manuel Correia de Almeida em sua obra, *A terra e o homem no Nordeste*, (1969, p. 45) no cap. Assim, o sertanejo previdente, guarda para os meses de estio para dos alimentos que adquire durante a estação chuvosa (...) e “preocupando-se com uma possível seca, o sertanejo está sempre às voltas com “experiências” e prognósticos sobre as possibilidades de chuvas nos anos que virão. E que é uma prática histórica do sertanejo: “O sertanejo está sempre preocupado com a possibilidade de uma seca, já que desde os tempos coloniais ela se vem repetindo, com maior ou menor intensidade, mas com periodicidade impressionante (Ibid).

sensível e simbólica onde o agir dos diversos agentes, em suas ações cotidianas, venha desmistificar o discurso hegemônico que coloca esses movimentos como meros acontecimentos, fanatismo, ignorância, loucura coletiva, para trabalhar outra racionalidade, aquela, por exemplo, da construção de um lugar de utopia, mas onde o vínculo social existiu naquele tempo, naquele lugar, para aqueles atores sociais.

A representação simbólica da religião e da miséria, em Pau de Colher, contempla uma totalidade integrada de significações que estão simbolizadas de diversas formas: cacete, rosário, roupas, rituais, benditos, na chuva, na seca, no criatório, no capim, mas também nas palavras, nos gestos, no abraçar, no ajoelhar para pedir a bênção, no deitar para cumprir castigos. Todo esse cenário, onde os significados circulam, articulam atores de diferentes papéis, no campo de força do “adjunto”, onde o espírito de doação esteve presente nessa rede de relações e o sacrifício deixou sementes.

Para isso, o método qualitativo foi o privilegiado, elegendo a pesquisa histórica, com técnica de coleta de dados de história oral, entrevistas semi-estruturadas, entrevista de profundidade e abertas com amostra intencional e a pesquisa etnográfica.

1.2 O OBJETO:

Eu nasci em 05 de fevereiro de 1913 e tinha 25 anos na época. Em 1935 foi a chegada de Conselheiro Severino Tavares, passou três anos fazendo romaria, chegou de Juazeiro do Ceará. O líder lá era José Lourenço dos Caldeirão.

Senhorinho veio para Pau de Colher rezando e iludindo que a vida tornava em outra vida. Morria e tornava a viver, era lavrador e criador. Botava o povo para trabalhar para eles. Ajoelhavam e tomavam a bênção de joelho. Levavam para eles tudo. Vendiam o que tinham. Enganava que com riqueza não ia para o céu. Começaram e o pessoal que não queria seguir a lei, eles judiavam. Mataram três homens, José da Barra, Cacoisa e Rubem. Mataram três pai de família. Ai os outros se revoltaram, se assombraram. Teve um que bebeu o sangue de Zé da Barra e o povo se assombrou. Eu não concordava.

Era home de negócio e era olhado pelos caceteiros. Um dia o meu compadre Francino foi lá (era fanático). A família amarrou, pois estava louco. Vieram buscá-lo em minha casa. Tomaram minha casa em 1938. Eu tinha um comércio grande, tinha poder econômico. Eu não quis sair, tentaram me converter eu não quis fanatismo. Eram cinquenta e uma mulheres em minha casa para refugiar. Cercaram minha casa, mataram dez home, uma muié, um menino. Mataram no facão e no cacete. Houve um pequeno tiroteio. Finalmente um empregad,o meu Joel Rodrigues da Silva disse: vou correr! A casa era grande. Onze vão de casa. As muié tinham saído quando eu corri, saí grudado no pescoço do cavalo. Mataram os que ficaro e queimaram tudo, com querosene. Alcancei minha muié, ganhei a caatinga aí desci fui buscar armamento e home. Com três dia voltei no local do massacre. Os urubu tava comendo tudo. Arranjei rifles e home. A polícia foi atrás.(a de São Raimundo Nonato). Veio a de Casa Nova que mataram o chefe Anjo Pio Cabaça de Olho D'Água (no Piauí), dois tiro de 38 de dois cano. Veio a força grande de Pernambuco, capitão Optato Gueiros. O fogo durou mais de vinte e quatro hora. Morreram vinte e um soldado. Os caceteiro tinham arma matando fazendeiro. Usavam roupa preta, chapéu de couro e as muié xale na cabeça (preto).Nos pés alpargata de couro. As reza era como uma cantiga. Gritava: Vala padim conseeiro! Juntava gente que era um desastre nos sermão. (João de Souza Rodrigues).

A perspectiva que se apresenta neste trabalho é a possibilidade de fazer crescer a lista das contribuições e apresentar outros focos de entendimento juntamente com os deixados por outros estudiosos, até agora, sobre esses eventos, permitindo engrossar os estudos e análises das diferentes manifestações religiosas no Nordeste, no meio rural brasileiro.

A partir do estudo do movimento de Pau de Colher que ocorreu, em 1938, no Município de Casa Nova, no Norte da Bahia e que atingiu moradias dos limites deste Estado com o Piauí e Pernambuco, buscar outros olhares para além da ótica do “fanatismo”, da “ignorância”, das explicações “patológicas”, da “loucura coletiva”, dos determinismos naturais, ou mesmo o de reduzir os participantes à condição de vítimas que precisavam de uma tutela, de inferiores e submissos.³

³ Nos Boletins de ocorrência da polícia militar (Piauí, Pernambuco e Bahia) dão conta das operações militares tratando os seguidores: Piauí “para repressão de atividades malélicas de fanáticos”, 11, fev.

No momento em que se volta para o Movimento de Pau de Colher, o propósito é dar atenção a uma leitura do movimento a partir das significações da religião e da miséria que deram sentido, no interior do “adjunto”⁴, a dinâmica interna do universo simbólico construído pelo movimento e vivido pelos indivíduos, as aspirações, expectativas e imaginário do grupo.

Debruçar-se-á o olhar para o tempo coletivo e para o tempo miúdo da vida cotidiana, dando importância a problematização de suas falas, experiências e modos de viver.⁵

Existem, na atualidade, inúmeros trabalhos sobre movimentos de beatos, de santos, de messias, de forma geral, interpretados como movimentos messiânicos rústicos, entendidos, no dizer de Maria Isaura Pereira de Queiroz, (1976, p. XVI) como “uma resposta à situação histórica de uma classe rural abandonada, que se mostra capaz, utilizando modelos tradicionais, de passar da servidão à cooperação” e, ainda, continua a autora, um “campesinato” que progride através da utilização dos movimentos messiânicos e, além desse aspecto, entendido como uma sociedade presente reagindo sobre estímulos internos ou externos”.

Uma das grandes contribuições extraídas dos esforços da autora de compreender esses movimentos, e o que mais chamou atenção nas produções, até então existentes, foi o de colocar, no debate, a escolha “... *do que deve vir em primeiro lugar e do que deve vir em seguida*, *do que é “causal” e do que é “condição prévia” para a existência desses movimentos*”. Nesse sentido, a autora ao se preocupar com as análises da condição “causal”, o que adota no seu debate como preocupação de análise, abre a

1938; Bahia “impedir a incursão no território bahiano de bandoleiros”, 12, jan. 1938; Pernambuco “Louvor ao cap. Optato Gueiros que libertou zona conflagrada pelos jagunços”, 31, jan. 1938.

⁴ O termo “adjunto” se refere ao local onde ficaram os seguidores do movimento de Pau de Colher. Trata-se de um dos termos utilizados para caracterizar o “ajuntamento”, como diziam.

⁵ Ver mais em “A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história anômala. José de Souza Martins. São Paulo: Hucitec, 2000.

outros pesquisadores, oportunidade para percorrer outros aspectos, como por exemplo, da religião, o que chama de “apenas condição prévia” para acontecimentos dessa natureza. Vejamos:

O estudo paciente de certos movimentos messiânicos de seu país fez-lhe descobrir que por detrás do catolicismo rústico ou do sebastianismo, isto é, das utopias e dos sonhos coletivos, uma “sociedade” presente reagindo a certos estímulos internos ou externos; e, também, a tendência inconsciente de um grupo de homens, num lugar dado, para reestruturar, para re-equilibrar, para anular as tensões insuportáveis, abalando os quadros habituais da vida.(...) de que o messianismo não era nenhuma quimera ou delírio coletivo, mas apresentava uma função precisa. (...) uma primeira reforma agrária tentada no interior dos grupos em torno de um líder carismático.(QUEIROZ,1976, p. 18).

O reconhecimento, pela autora, de que os movimentos messiânicos não acontecem em todos os lugares, mas em um lugar que tem determinadas condições de vida material, como o movimento aqui posto, vem corroborar para a interpretação, aqui proposta, de que há referências a sujeitos de ação que não são desconhecidos, fora do nosso lugar de convívio e recuperar a interpretação de que os mesmos são sujeitos de ação próximos, parentes, amigos, vizinhos e não componentes de um mundo de ficção.

Ao mesmo tempo, reconhecendo que esses movimentos aparecem como uma primeira reforma agrária tentada no interior de grupos, garante, por outro lado, uma interpretação que vai dar força ao aqui proposto de se buscar os elementos concretos da religião e da miséria, do convívio no “lugar dado”.

Ao voltar suas preocupações para os aspectos do social na discriminação dos tipos, pois considera que o religioso se ativa com as pressões do social, deixa para outros a oportunidade de olhar os aspectos da religião como indispensáveis na configuração global geral dos movimentos messiânicos e, ao mesmo tempo, abre oportunidades para uma análise relacional entre os elementos da religião e das condições sociais, o debruçar sobre uma sociologia da religião, reconstrução desses eventos dando lugar a

um desenvolvimento interpretativo, ou mesmo a uma construção do ponto de vista religioso, etnográfico etc...

Roger Bastide, (1976, p. XVII), prefaciando a segunda edição do livro de Maria Isaura “Messianismo no Brasil e no mundo” diz que a autora não negligencia os dados do sagrado, mas que seu mérito é considerar que:

Os critérios religiosos lhe parecem, no entanto, demasiado amplo, para poderem explicar os dados essenciais do fenômeno; o sagrado constitui apenas uma condição prévia para todos os movimentos messiânicos, e não uma qualidade que permita captar as fronteiras entre tipos heterogêneos.

Nesse sentido, as observações de Roger Bastide permitem que outros pesquisadores vislumbrem novas pesquisas e interpretações que não sejam a busca só de estabelecer uma tipologia dos movimentos, ou a busca, através de comparações entre esses movimentos de uma tipologia e funções do messias, mas outras causas específicas que permitam compor um conjunto maior de interpretações.

De Eric Hobsbawm (1978, p.9) que faz um estudo dos movimentos milenaristas, herdou-se a condição de entusiasmo para que se percorressem os lugares do vivido onde ocorreram esses eventos, quando ele afirma que:

Um tema como esse não pode ser estudado através de documentos. O contato pessoal, por breve que seja, com as pessoas e mesmo com os lugares de que se ocupa o historiador é essencial para que ele compreenda problemas que estão muito distantes da vida normal do professor universitário britânico.

Ao fazer uma abordagem sobre o milenarismo, no capítulo quatro do mesmo livro, o autor, continua alertando sobre as diversas interpretações que possam ser dadas a esses acontecimentos e reforça a preocupação dessa pesquisa de que é trabalhar os indivíduos não como algo distante de nós, como se fossem afastados, de um mundo estranho ao nosso ou que não tivesse utilidade prática:

A essência do milenarismo, a esperança de uma modificação completa e radical no mundo, que se refletirá no milênio, um mundo depurado de todas as suas atuais deficiências, não se restringe ao primitivismo. (...) Isso não significa que todos os movimentos revolucionários sejam milenares, no sentido rigoroso da palavra, e muito menos que sejam primitivos, suposição que diminui um pouco o valor do livro do Professor Norman Cohn. (Ibid., p.66).

E continua deixando lugar para outros pesquisadores quando alerta para:

Nem podem ser considerados simplesmente como marginais ou sem importância, embora historiadores antigos assim tivessem procedido com frequência, em arte devido à sua tendência racionalista e “modernizadora”, (...) e em parte ainda por que os historiadores, sendo em sua maioria homens cultos e urbanos, não fizeram, até bem pouco tempo, um esforço suficiente para compreender pessoas que não se assemelham a eles. (...) Embora esses movimentos sejam, sob muitos aspectos, cegos e tateantes (...) não são, porém, marginais ou destituídos de importância. (...) Por isso, o estudo de seus movimentos não é apenas curioso, interessante ou comovente para quem se preocupa com o destino dos homens, mas também de importância prática. (Ibid., p. 12).

Uma das maiores contribuições que faz ao presente trabalho é quando discute a questão dos movimentos suicidas e faz referências a Canudos (*Ibid.*, p. 70):

Não como o único, mas o mais conhecido, nos sertões brasileiros, como um movimento milenarista suicida. A rebelde Sião de Canudos que lutou literalmente até o último homem. Quando foi capturada, nenhum defensor ficou vivo.

O fato de considerar que houve uma captura total no movimento de Canudos nos dá ânimo para percorrer, em Pau de Colher, um outro caminho: o caminho da não linearidade, o caminho do descontínuo, a visão do acontecimento para além da visão física do evento, para além da visão do evento como tragédia.

Por sua vez, Rui Facó (1976) compreendendo que esses movimentos são exteriorizações dramáticas que os fenômenos sociais têm produzido no Nordeste brasileiro (latifúndio improdutivo, miséria, ignorância, a exploração do homem pelo homem, a violência) nos concede um lugar do vivido muito concreto. Rui Facó considera em sua obra, “Cangaceiros e Fanáticos,” que tem se exagerado

indevidamente o olhar sob o fundo místico dos movimentos das massas sertanejas. Ele não nega a existência do fundo místico, do messianismo. O que ele discute é que se coloca a motivação das lutas no falso discurso de que o misticismo e messianismo são seu fim. Ele quer capturar o fundo material. Facó, de modo semelhante, interessa-se pelos “fanáticos” na medida em que lhes revelam uma “religião popular” em sua contestação à ordem dominante.

Outros trabalhos procuram adotar, sem deixar de falar em messianismo, uma conjunção de uma sociologia do meio rural rústico e uma sociologia da religião. Duglas Teixeira Monteiro (1974), seu trabalho “Os Errantes do Novo Século”, analisa o comportamento de uma comunidade humana que, enfrentando uma crise global recolocou os problemas fundamentais de sua existência enquanto grupo. Nesse sentido elaborou um universo mítico.

A partir dos esforços desses autores, cada um se voltando para aspectos importantes e significativos da análise, ora se referindo a “crises” que atingem as formações sociais e explicam o surgimento desses movimentos; ora os interpretando como movimentos dentro da teoria geral do milenarismo e messianismo enquanto fenômeno social específico; ora interessando-se pelos “fanáticos” na medida em que lhe revelam uma “religião popular” em sua contestação à ordem dominante; ora se referindo a movimentos populares de cunho religioso, se alojam outros questionamentos.

Que força representa a falta de condições básicas de vida (indicativos têm as questões sociais) a ponto de provocar necessidade de uma reação que se concretiza em um movimento social? Que lugar tem a religião para fundamentar a constituição de uma organização social efetivamente alternativa? Que relação pode ser vista entre os elementos da vida material e religiosa cotidianas para a formação de um lugar alternativo de vida?

Na tentativa de colocar esses movimentos sobre outro ângulo procurar-se-á, neste trabalho, trazer uma abordagem a partir dos espaços deixados em branco por autores que nos antecederam, e buscaremos outras interpretações tentando superar a visão fragmentada, isolada, dicotomizada, entre sociedade e religião, e, ao mesmo tempo, ou seja, capturar, nesse estudo, os aspectos das conquistas fundamentais do gênero humano que é o aspecto do vivido, do sentido, do desejado, do falado, no interior desses movimentos.

Pretende-se estabelecer um diálogo com o “adjunto” de Pau de Colher, e tudo que lá aconteceu, como um lugar importante do vivido instituído, de sentido, onde a religião e a miséria, entrelaçadas, não estavam destituídas de sentido.

1.3 OLHARES SOBRE O MOVIMENTO DE PAU DE COLHER

No que diz respeito, especificamente, aos autores que escreveram sobre o Movimento de Pau de Colher, a maior parte do pouco que está posto o insere, não apenas na tradição dos autores acima mencionados, mas também como uma extensão do Caldeirão de José Lourenço.

Para a análise de Pau de Colher dentro da tradição do messianismo e na perspectiva da transitoriedade, pode-se assinalar as interpretações de Duarte que:

Analisando o movimento de Pau de Colher e seus antecedentes podemos constatar que o “beato” Severino funciona como um profeta messiânico. (...) A vinda de Severino dá lugar ao surgimento de um mito messiânico caracterizado na aspiração dos caboclos pela ida ao Sítio Caldeirão. (DUARTE, 1969, p.28).

Pretende-se não reduzir Pau de Colher a uma leitura do movimento como um apêndice, um fragmento, um hiato. Há uma transitoriedade em Pau de Colher, mas o seu aspecto

transitório não deve minimizar a importância do movimento, nem reduzi-lo a algo passageiro, deslocando o foco para o Movimento do Caldeirão de José Lourenço.

Assim considerando, partiu-se para o resgate de um grupo extremamente fundamental para o encadeamento daquela experiência localizado no Sítio Sapateiro⁶ (lugarejo distante 36 léguas de Pau de Colher, situado em terras da Fazenda Lagoa Comprida, do município de Casa Nova-BA.), que recebeu seguidores do Piauí, de Olho D'Água, Cacimbas e do Tanque do Bonito, Caiçara e Lagoa Comprida na Bahia, lugar onde ficaram acampados, embaixo de um frondoso umbuzeiro, perto das cacimbas e do cachi⁷ escondidos da polícia, antes de se dirigirem para Pau de Colher, léguas a pé, por caminhos de carreiro, com as mínimas condições de deslocamento.

Contando com a presença do grupo do Sítio Sapateiro para a composição do evento Pau de Colher, o movimento ganha consistência e sua importância não pode ser sombreado pela história mais longa do Sítio Caldeirão.

Minimizar sua importância pelo argumento de transitoriedade, por ter durado apenas vinte e oito dias, é deixar escapar o periférico, o marginal como referência sociológica, não o tempo físico, mas o tempo emocional, subjetivo como se ali o viver estivesse destituído de sentido. É perder Pau de Colher como estratégia. É privar Pau de Colher de uma análise para além do divorciado, para além do torná-los estrangeiros de sua própria história. É mutilar as possibilidades que os vínculos ali construídos permitiram aos seguidores.

⁶ Duarte (1969, p. 18) considera o grupo do Sapateiro como um outro movimento, afirmando tratar-se de “outro movimento do mesmo caráter”.

⁷ Ibid., 15

Esse aspecto deve fazer justiça com o movimento dos caceteiros⁸, no sertão do Brasil, bem como com os seguidores participantes do mesmo, que abandonaram suas casas, suas vidas, sua família para viverem aquela experiência social e religiosa.

A maioria dos autores dando relevo ao Sítio Caldeirão de José Lourenço, e deslocando a importância para tal lugar encobre a riqueza sociológica, histórica e antropológica que foi a convivência daqueles seguidores em Pau de Colher, propriamente, abandonando, ou apagando os vinte e oito dias que lá viveram (de 25 de dezembro a 21 de janeiro), e para além do convívio no adjunto, como uma coletividade que rezava, cantava, respeitava regras, cozinhava, cumpriam castigos, doavam seu corpo para o sacrifício da morte, esperava a salvação.

Um dos primeiros pesquisadores sobre Pau de Colher foi Raymundo Duarte (1969, p. 7) que, através de pesquisas realizadas, dá notícias sobre o mesmo:

No início de 1938 começaram a surgir notícias de que havia um grupo de indivíduos fanatizados reunidos numa clareira aberta em plena caatinga na fazenda denominada Pau de Colher...(...) Entre os anos de 1933 e 1935, vindo do Caldeirão, Severino percorreu em vários sentidos o interior dos municípios de Juazeiro, Remanso, Casa Nova e Sento Sé todos situados na região do Médio São Francisco no Estado da Bahia...(...) A partir de Ouricuri, Severino percorreu, em ordem decrescente, diversas fazendas como São João, Queimadas, Pau de Colher, Malvão, Santa Cruz, Castanheiro, Batateiro, atingindo Lagoa do Alegre.

O mesmo autor afirma ainda ter o Movimento de Pau de Colher íntima relação com outro ocorrido no sul do Ceará, num sítio do município de Crato, denominado Caldeirão Duarte (1963, p. 43).

Em seu trabalho sobre Messianismo no Brasil e no Mundo, Maria Isaura Pereira de Queiroz dá conta do movimento afirmando:

⁸ Termo que está nas falas dos remanescentes de Pau de Colher. Em sua maioria, os depoentes se referem a “os caceteiros” aqueles que participaram do movimento e que usavam um “ cacete” de pau feita da árvore abundante no povoado que dá nome ao lugar Pau de Colher. Era mais ou menos de um metro de comprimento, boleada em quatro faces e tendo uma das extremidades perfuradas e amarrada com uma tira de sisal. Era um instrumento usado por eles e entendido como importante para conseguir a salvação.

Em suas andanças, tinha Severino estado no lugarejo Pau de Colher, a alguma distância da vila de Casa Nova, na Bahia. (...) Em fins de 1937, chegou a Pau de Colher o beato Quinzeiro, um dos remanescentes do Caldeirão; narrou a morte de Severino e disse viera lembrar o Caldeirão.(QUEIROZ, 1976, p.290).

Raimundo Estrela por sua vez que :

(...) o conselheiro Severino Tavares (...) foi preparador intelectual de Pau de Colher (...) porém , o Senhorinho foi a alma da concentração, o principal chefe de Pau de Colher...”(...) Com efeito Severino Tavares prometeu aos seus adeptos que mandaria depois um seu filho para organizar a concentração de fanáticos que, em seguida, marchariam para o sítio Caldeirão.(ESTRELA, 1998, p.37).

Pau de Colher é descrito por vários autores como um local de concentração e de transição para a reorganização do Movimento do Caldeirão Grande, ocorrido no Ceará.

Além disso, todos estão incluídos como continuação do Movimento de Padre Cícero.

Raimundo Estrela coloca a figura do Padre Cícero como determinantes remotos:

(...) A reunião de Pau de Colher teve determinantes que podem ser divididos em remotos e próximos. No centro destes uma figura singular situa-se de maneira insofismável. (...) É o padre Cícero Romão Batista.(ESTRELA, 1998, p.27).

O fato é que os esforços dos estudos feitos até agora ao considerar que o Caldeirão de José Lourenço é o centro de irradiação de beatos, de deslocamento de beatos para o sertão e, ao se preocupar em fazer a ponte Pau de Colher/ Caldeirão, perdem de vista outros elementos que são, também, importantes na composição do evento.

Duarte afirma que:

(...) Dentre os beatos que militavam no Caldeirão, destacava-se o “beato Severino “ que teve aceitação entre os caboclos que lá viviam, e que mais tarde partiu em direção à região do rio São Francisco com intenção de aconselhar as populações que viviam pela caatinga.(DUARTE, 1969, p.6).

É válido que se ressalte o trabalho de Maria Cristina Pompa que, em sua dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Estadual de Campinas em 1995, propõe uma

leitura histórico-religiosa e privilegia o universo simbólico construído pelo movimento.

Com igual diferença dos demais, Gilmário Brito (1999) em seu trabalho “Pau de Colher na letra e na voz” conduziu sua apreensão, à religiosidade na tensão entre uma cultura letrada e outra oral. Nesse aspecto, vai abrindo caminhos que apontam para as possibilidades de interconexão entre história oral e uma história social atenta para experiências historicamente vivenciadas numa perspectiva da cultura, em que valores, moral, tradições e modos de vida constituem problemática do historiador preocupado com as tensões culturais.⁹

A investigação aqui proposta busca, por um lado, acompanhar as preocupações que Ralph Della Cava (1977) e Duglas Teixeira Monteiro (1974) percorreram para colocar os movimentos do Juazeiro e Contestado, respectivamente, em outra perspectiva. Aquele, cedendo lugar a ênfase das análises sobre o olhar de “movimentos populares de cunho religioso” e este, adotando uma interpretação do Contestado dentro da conjunção de uma sociologia do meio rústico.

Analisar os ditos movimentos abandonando o recurso às causas naturais, a abordagem sociológica geral do problema foi o grande passo desses dois escritores. As críticas feitas aos autores que os precederam, que consideraram a dimensão religiosa como um epifenômeno, levou-os a analisar as condições mais objetivas dos dados religiosos para não perder os nexos concretos e não excluir, no caso, essa dimensão.

Foi, com certeza, um grande progresso sair das explicações iniciais para sócio-culturais e históricas, dando lugar a um humano e social concretos.

⁹ “Tanto porque captamos a religiosidade de Pau de Colher na letra e na voz, como porque surpreendemos essa manifestação entre a cultura letrada e a oral” (...) Brito (1999, p. 39).

O presente trabalho quer ser uma contribuição no sentido de ir preenchendo, a partir de novas pesquisas, as lacunas deixadas que, com certeza, se abrirão para outras indagações. Obviamente débitos existirão ainda para com Pau de Colher pois uma pesquisa não se esgota nela própria, pelo contrário, abre mais indagações.

Pode-se apontar, porém, que um avanço pode ser obtido, uma lacuna foi discutida. E nos referimos àquela de levantar as vozes dos remanescentes e buscar o que aconteceu com os que ficaram, dando notícias de suas vivências durante o evento de Pau de Colher e, sobretudo, o de mostrar que muitos ainda estão vivos o que possibilita uma reconstituição mais fiel dos fatos.

Relacionar as condições histórico-sociais que favoreceram a eclosão do movimento de Pau de Colher, através do universo de significados da religião e da miséria construído pelos seus seguidores, entendendo-os numa co-tradução, é uma das lacunas escolhidas, também, para preencher.

Nesse sentido, daremos atenção aos seguintes pontos:

- 1 - Análise dos acontecimentos e não uma análise a partir do herói ou do Estado;
- 2 – Foco na construção dos valores da religião e da miséria e não do fenômeno enquanto tragédia;
- 3 – Visão do movimento enquanto o que aconteceu no adjunto, as coisas “miúdas” não nos limitando ao abrangente e eventos citados nos outros trabalhos.

Por outro lado, é pertinente colocar que, embora o foco do presente trabalho não seja diretamente discutir os pontos limites inferidos dos referidos trabalhos, evidentemente, o desenho que o mesmo fará, em busca das significações da religião e da miséria no adjunto de Pau de Colher, aproveita para apresentar interpretações ligadas aos mesmos uma vez que se pretende abrir novas compreensões sobre o mesmo.

Por que os atores sociais se deslocaram para Pau de Colher?

O que representava o reduto dos caceteiros no que diz respeito à religião e à miséria? Mesmo que possa parecer sempre a mesma coisa falar sobre movimentos desse tipo e, até mesmo, parecer desnecessário, aponta-se para o caso específico de Pau de Colher um longo caminho ainda a percorrer, muito o que escutar, muito o que valorizar...

1.4 O SURGIMENTO DO PROBLEMA APÓS UMA PESQUISA DE CAMPO

Revisitar os guardados na memória e expor esse vivido é uma trajetória tão alicerçada de emoções e paixões quanto a motivação tida ao optar por escrever e apresentar esse tema no Programa de Pós-Graduação de Sociologia da UFPE.

O tema Pau de Colher, que motivou a pesquisa, é o resultado de longos anos de estudo e expedições a Canudos, situada no sertão da Bahia.

E por que Pau de Colher e não Canudos? Por uma explicação muito simples. Canudos já havia recebido considerável atenção de grandes estudiosos, sociólogos, antropólogos, historiadores. Anos e anos de dedicação ao tema. A existência de inúmeros trabalhos (evidentemente não se está aqui minimizando o assunto, nem muito menos o considerando esgotado), deveria, nesse momento, dar lugar a outro espaço de evento tão significativo quanto Canudos e, sobretudo, por não está ainda conhecido.

Mas, Pau de Colher nasceu no interior das expedições realizadas (oito no total) a Canudos quando, durante o centenário daquele movimento, entrevistando dona Silvina¹⁰ que, ao falar de suas memórias, cantou os benditos, incluindo histórias sobre Lampião e perguntou: *a senhora já ouviu falar dos caceteiros?* E decorreu o dia conversando sobre o assunto.

¹⁰ D. Silvina foi entrevistada em Canudos, durante o centenário da Guerra de Canudos. Na época, contava com 103 anos (hoje falecida). No momento da entrevista, resgate da História. Oral daquele movimento, a mesma falou sobre Antonio Conselheiro, Lampião e me perguntou: “você sabe daqueles caceteiros?”.

Ao voltar a Petrolina, a fala foi registrada e transcrita e, logo em seguida, os fatos perseguidos.

No mesmo ano recebeu-se um convite para fazer uma assessoria na Escola Municipal Dom Inocêncio-PÍ, que fica na região próxima a Pau de Colher, 60 km, onde foram encontrados os primeiros remanescentes daquele movimento. Inclusive, ainda vivo, o senhor João de Souza Rodrigues que teve seu sítio, no Sul do Piauí, na fazenda Olho D'Água, incendiado numa das incursões dos caceteiros.

Quando no início de 1990 (02 de janeiro especificamente) tendo mudado de residência para Petrolina pelo concurso federal da antiga Escola Técnica, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica, a idéia era (já que agora estava próxima da região) conhecer de perto, palmo a palmo, e sentir a vida, de fato, nas cercanias do sertão.

De Canudos, aos mineradores da Chapada Diamantina, à Serra da Capivara, às cidades submersas pelas águas da Barragem de Sobradinho-BA., e daí a Pau de Colher, pelos motivos já expostos, foi um passo.

Os autores lidos falavam da busca de um messias, de homens santos que se arvoram pelo sertão em busca de seguidores, em fanatismo, em busca da Nova Jerusalém, em crises econômicas, sociais e políticas que dão existência a esses movimentos, mas, no meu entendimento, faltava algo ainda mais significativo: o significado dos benditos, das romarias, das rezas, dos ofícios, da falta de comida, de água, de terra, de forma entrelaçada, que desse lugar à construção daqueles lugares de experiência, que dessem sentido a essa busca.

Pau de Colher tinha tudo isso e mais: não tinha sido ainda estudado de fato em seu significado simbólico religioso e a relação do mesmo com os significados simbólicos

da terra, da seca, da chuva, do tanque, da cacimba, do cachi, do feijão, do milho, das cabras.

Em 1997, data da primeira ida à região quando foi instalado por quatro dias quartel general em Dom Inocêncio. Nesse momento, nem imaginava que um dia poderia desenvolver um projeto para apresentá-lo em um programa de pós-graduação. Os registros, no entanto, foram tão bem organizados que em 2001, inscrita na seleção para o mestrado em sociologia, houve a decisão de colocá-los como projeto para apreciação, dentro da exigência do programa.

Quando em 2001 voltando pela segunda vez ao campo, estava com um mapa muito mais delineado dos povoados e moradias por onde teria que circular e sobretudo porque esse momento seria bastante significativo no sentido de poder expressar de forma menos distante, mais “real”, esse vivido. Pisando o chão do evento e pernoitando nas moradias dos remanescentes conseguiria interiorizar mais próximo da realidade, as falas, os costumes, os hábitos.

Durante cinco dias de permanência na casa do senhor Lourival de Souza Rodrigues e quatro dias na casa do Senhor Abi Gomes Marques, em Lagoa Comprida, município de Casa Nova-BA., e em Tanque do Bonito, na extrema com o Piauí, conviveu-ser com práticas do catolicismo rural no terreiro de suas casas ou no interior das mesmas, em frente a um oratório, através das falas daqueles que funcionam como os “entendidos” das coisas da igreja.

Livros de orações antigos, rosários, benditos, a bênção que os que participavam das rezas pediam aos mesmos e, em seguida, a comida que era servida, panelas cheias de pintado, bode cozido etc..., desenhavam o cenário daqueles encontros e sobretudo por que, durante as festividades, os pedidos eram em torno de chuva para encher a lagoa , os tanques e os chassis (cacimbas).

Procurou-se observar, nesses encontros, que os discursos eram voltados para passagem de santos e de Jesus, relatos de milagres, pedidos, pagamento de promessas, promessas e milagres alcançados e especificamente observando a divisão social desse trabalho. Seu Abi, por exemplo, tem reza de cura, benze, faz festas e é o líder religioso que não permite um mínimo de conversa durante as rezas. A festa mais importante em sua “terrinha” é a do Bom Jesus Da Lapa, em agosto, que junta “meio mundo de gente”, no seu dizer.

Sessenta e cinco anos depois, as práticas são as mesmas, os componentes são os mesmos, as rezas, os benditos, as coisas funcionam com normalidade, cotidianamente fazem parte de suas vidas e, sobretudo, a relação entre a miséria proporcionada pela falta de água (em suas interpretações) e os rituais para fazer chegar água (que permite a superação da miséria, pois o plantio abunda e os animais engordam), permitem a construção e desconstrução permanentes. A exemplo, o senhor Abi estava se preparando para uma reza a fim de agradecer ao Bom Jesus da Lapa a chuva que encheu o Tanque do Bonito (nome dado a moradia por ter um enorme tanque que enche quando chove).

Além do discurso religioso, suas falas estavam voltadas para a sobrevivência econômica (rezas para vir chuva), para a aspiração de salvação, pelo discurso de se viver no mundo passageiro, pela memória de fanatismo (eles diziam que os que foram para Pau de Colher estavam fanatizados, “insandissados”) e pela figura dos beatos José Senhorinho, Quinzeiro, Severino Tavares e José Lourenço.

Durante os dias de permanência no campo foi percebida a relação íntima entre a miséria, como componente do universo simbólico da religiosidade do mundo rural sertanejo e o universo simbólico do mundo da terra, do plantio, da seca, do criatório.

A relação desses universos e a alimentação de um pelo outro, desembocaram na criação de Pau de Colher e, em seguida, para a “terra prometida” que seria no Sítio Caldeirão do beato José Lourenço.

Então, pensou-se em propor a abordagem de Pau de Colher e o adjunto, propriamente dito, pretendendo interpretar a relação de significações simbólicas entre a religião e a miséria numa perspectiva não da separação entre sagrado e profano, mas na junção dos pedaços de cada uma delas para compor um universo simbólico que desembocou numa totalidade imbricada, no interior do adjunto, durante os vinte e oito dias que ali se mantiveram.

Em 2002 de volta à região e dessa vez ao povoado Pau de Colher propriamente dito, contactou-se o chão onde tinha sido o adjunto, as latadas, o umbuzeiro onde funcionava a feira aos domingos.

Tudo foi fotografado. Mas, Pau de Colher, embora não apresente mais a fisionomia física da época (1938) representa o passado vivido na terra, em suas árvores ressecadas, em seus umbuzeiros, que durante os meses de janeiro, fevereiro e março, estão carregados, nas marcas das balas das metralhadoras do capitão Optato Gueiros, nos túmulos cavados e marcados, hoje, por cruzeiros que os habitantes da área próxima colocaram e das velas que representam a memória dos que lá tombaram, da cacimba, ainda lá existente e dos cercados, parte caída, parte ainda em pé, do chiqueiro dos porcos e dos bodes, das panelas de ferro onde cozinhavam o pintado e, sobretudo, dos restos de forquilhas das únicas duas casas que pertenciam ao beato Senhorinho.

Esse cenário, mais do que qualquer outro, fez perceber o que faltava ainda ser escrito sobre Pau de Colher: essa relação entre terra e rezas, criatório e benditos, chuvas e romarias, pagamento de promessas e festas dos santos homenageados e padroeiros,

tudo isso compondo uma totalidade que significou a redenção com a morte, salvação e ressurreição, no adjunto.

A pesquisa com os remanescentes e informantes com mais de setenta falas gravadas e transcritas (de pais, filhos, netos, contemporâneos, com fotos e filmagens) se preocupou, em dar conta, também, da continuação do movimento de Pau de Colher para além da sua época histórica cuja relação entre religião e miséria ainda continua presente.

O sentido da vida daqueles que, ficando órfãos, naquele tempo, hoje preservam em seu imaginário, em suas representações, não os restos, mas o todo de Pau de Colher, que está em todos os lugares e, sobretudo, para dizer que o que aconteceu em seguida, têm-se notícias.¹¹

Essa é uma colaboração que o presente trabalho vai apresentar pois, a partir da pesquisa, colocou Pau de Colher para além do vivido nos vinte e oito dias de adjunto e que ajudará aos autores anteriores no que diz respeito aos limites com os quais se depararam quanto às notícias sobre os que ficaram. Compreender os lugares e as pessoas de que vai tratar essa pesquisa, foi consequência dessas leituras que nos permitiram uma grande aprendizagem. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976, p. 282) principalmente, por ter estimulado, também, este trabalho ao ter na última frase do capítulo dedicado aos Movimentos Messiânicos Rústicos no item, O beato do Caldeirão e O “Circo” dos Santos, generosamente oferecido a oportunidade de colocar fatos inéditos ao público quando diz: *“O que lhes aconteceu em seguida, não temos notícia”*. (Ibid., p.294).

¹¹ No Fórum de Casa Nova no 2º. ,Cartório da Vara Crime, encontramos parte do processo crime que foi publicado no Diário da Justiça do Estado, 1938, constando a relação dos indiciados juntamente com o Auto dos Menores. Podemos observar que a maioria foi identificada atrelando-se ao sobrenome “Tal” . Exemplo: Amaro de Tal, João de Tal etc...

Nesse aspecto, a pesquisa desenvolvida e que deve permanecer em processo, a além da dissertação de mestrado, já conta com um rol de depoimentos não só de remanescentes da época, mas com a fala de doze órfãs, que vão estar elencados nos anexos desse trabalho, entrevistados, um a um, nos lugares onde residem hoje e que já podem ser rapidamente listados: Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Casa Nova (sede do município, povoados e moradias), Fazenda Lagoa Comprida, Lagoa do Alegre, Sítio Caiçara, Fazenda Barra, Morrinho, Tanque do Bonito, Dom Inocência, São José, São Bento, Pau de Colher, Ouricuri-BA., Casa Nova, Cacimba, Olho D'Água, Afrânio, Cachoeira do Roberto e em Teresina-Pí.

Suas vidas foram registradas, não só os momentos vividos em Pau de Colher (1938), mas, sobretudo como viveram , posteriormente, após o silêncio imprimido pelas tropas do cap. Optato Gueiros, da Polícia Militar de Pernambuco, do cel. Maurino Cezimbra Tavares, da Polícia Militar da Bahia e do cap. Benedito Alves da Luz, da Polícia Militar do Piauí.

No Instituto de Preservação e Reforma (a Casa de Menores), já homens feitos, as experiências de alguns que tomaram parte, como combatentes, durante a Segunda Guerra mundial, seus depoimentos mostram que o universo simbólico da miséria e da religião da experiência que tiveram em Pau de Colher, nos idos de 1935/1938, os acompanha até hoje, compondo seu universo simbólico-imaginário e dando sentido ao vínculo que até hoje permanece vivo. Aqui nos referimos aos vínculos relacionados não só ao espaço físico, mas sobretudo ao emocional que os mesmos mantêm para além de suas existências em 1938.

O trabalho de coleta de dados exigiu, primeiramente, o conhecimento de todas as informações disponíveis sobre o acontecimento estudado e, em seguida, novas fontes

de informações foram procuradas. A reconstituição de Pau de Colher, por incrível que possa parecer, não será aqui tratada como difícil, mas como desafiadora .

Desafiadora porque o *locus* da pesquisa foi o sertão com todas as características naturais de uma área de caatinga. Na maioria das vezes, tive-se que entrar por “carreiro” , enfrentando a “macambira”¹², sem água, sol à pino, no lombo de jumentos, ou na garupa de motocicletas pertencentes aos moradores e percorrendo distâncias quilométricas para que se alcançassem os povoados e moradias do circuito dos caceteiros.

Foi desafiadora, repito, mas esse desafio colocava a pesquisa estimulante a cada momento. Foram encontrados com facilidade os remanescentes que não me negaram a fala, podendo isso ser confirmado no denso diário de campo transcrito das fitas gravadas com mais, hoje, de setenta remanescentes entrevistados.

No início, ficavam inibidos com o gravador, o que é natural e com a máquina fotográfica, mas, em seguida, já estavam à vontade, como foi o caso do senhor José Tintino, em Riachinho, na Fazenda Lagoa Comprida-BA. Que disse:

Dê cá. Essa cova é do meu filho e essa é minha. Eu tenho um gosto de ficar aqui encostado que é minha morada eterna. Aqui olho com fé em Deus. A senhora conte lá em São Paulo que esse aqui é eu. Aqui é a porta. A morte é a morte mesmo, mas eu quero ser enterrado aqui na minha terra que é a vida.

O senhor José Tintino fez várias poses ao lado dos túmulos que construiu, para cada um dos familiares mais próximos (mulher, filho e o dele próprio) ao lado de sua casa, , individualmente.¹³

¹² Carreiro e Macambira são termos do linguajar local que se refere a caminho estreito e a uma planta abundante na região cheia de espinhos, respectivamente.

¹³ A Fazenda São João pertencia a João Tintino, pai de José Tintino. Ficava encravada nas terras de Ouricuri-BA, distante três léguas de Pau de Colher. O Sr. João Tintino, alojou a tropa do cap. Optato Gueiros, em sua fazenda, e os guiou até o lugar Pau de Colher, juntamente com o seu irmão, Miguel Tintino, que morreu no combate.

Evidente que o pesquisador que se arvora pelo sertão deve ter em mente que a resistência física é um dos componentes para vencer as dificuldades naturais próprias da região. Em contrapartida, esses desafios são superados pelo bom acolhimento que o caatingueiro dedica e a satisfação que é receber visitantes, oferecendo o melhor e colocando-se a sua disposição.

Não medem esforços, não fazem conta de nada. Com certeza, os desafios ligados às características físicas da região não são os maiores, comparados com a tarefa do pesquisador, o envolvimento com a pesquisa, com as entrevistas, e, sobretudo, com a análise, em seguida, que terá que dedicar à documentação escrita e oral.

Por outro lado, os cuidados em relação ao que circula entre os estados mentais do observador e observado, a questão ligada à “reificação” e à interpretação dos dados onde entram juízos de valor do observador e do observado, do entrevistador e do entrevistado.¹⁴ O pesquisador deve se cercar de cuidados, como também a pesquisa com a técnica de história oral, a entrevista e a história de vida não devem ser vistas, nem analisadas em termos de suas peças individuais, ou seja, as informações de um único depoente, mas em termos do conjunto de depoimentos que informam um todo e nesse aspecto os dados podem ser checados não só internamente, entre os depoimentos, como externamente, confrontando-os com os dados disponíveis de outras fontes.

Vale ressaltar a posição dos remanescentes quanto ao movimento de Pau de Colher, bem como os aspectos presentes no conteúdo das falas: medo ou dúvida de falar, vergonha de ter participado do adjunto, desconfiança em falar por ter sido uma das

¹⁴ A esse respeito, ver Jeffrey C. Alexander, RBCS n. 4, vol. 2, jun..1987.

“santas”¹⁵ de Senhorinho, o que consideram sobre os participantes (loucos, insantizados, ignorantes, fanáticos como foram tratados pelos representantes do poder do Estado),¹⁶ posições de defesa em torno das camadas dominantes, ligadas a algumas falas de valentia ao combater, convicção ao participar, orgulho de ter sido caceteiro, sabedoria popular, frustração, ausências, coisas partidas.

Falar sobre Pau de Colher, antes de tudo é mexer na emoção nas lembranças do passado, na morte de pais, irmãos e familiares, na presença das metralhadoras do Cap. Optato Gueiros, na ida para a Escola de Menores¹⁷, na longa caminhada, a pé, de Pau de Colher à Casa Nova Antiga, (antes da construção da Barragem de Sobradinho ficava distante 130 quilômetros dali) guiados pelos soldados.

Esse foi o primeiro silêncio com o qual se deu conta. Silêncio regado de choro abafado. Uns encheram seus depoimentos com afirmações:

Mataram meu pai, minha mãe na minha frente”, “eu fiquei muito pequeno no meio dos mortos procurando minha mãe”, “nós viemos com nossos pais e quando chegou em Casa Nova eles pegaram o menino menor que nem eu e outro, nós fomos 50 meninos para Salvador, pro Juízo de Menor, Instituto de Preservação e Reforma. (Lourival de Souza Rodrigues).

Outros de frustração por terem saído da Escola de Menores: *“com vinte e um anos desligaram a gente da escola” (José Justiniano Reis).*

E por que este sentimento de tristeza e frustração?

O que se pode perceber com a análise das diversas falas é que o choque com o rompimento da relação familiar (separação dos pais com a morte no confronto com as

¹⁵ Através dos informantes tomamos conhecimento da existência de algumas mulheres que eram escolhidas, por serem as mais bonitas, para fazerem parte do “santuário” de José Senhorinho. Eram mulheres líderes e que tinham um lugar de destaque no grupo. Respeitadas, representavam várias “Nossa Senhora”.

¹⁶ Os telegramas que constam no Diário Oficial do Estado do Piauí, ano VII – 49 da República, de 11, jan. 1938, mencionam os termos: “horda de bandidos, grupo de fanáticos, bandoleiros, cangaceiros”.

¹⁷ Raimundo Estrela. (1998, p. 85), aponta, através de um telegrama dirigido pelo prefeito de Casa Nova, Tem. Zacarias, ao cel. Tito Lamago, Comandante da Polícia Militar da Bahia, apelando para o mesmo conseguir cinquenta matrículas, na Escola de Menores, em Salvador “para menores que foram pegados em companhia fanáticos”.

forças policiais, ou com a separação da terra, do chão onde viveram suas relações familiares), marca uma ruptura forte para todos e sobretudo porque o mundo que iriam viver, a partir daquele momento, era um mundo totalmente diferente não só em sua configuração físico-espacial, mas em sua dinâmica social e econômica como disse Dona Madalena:

A coisa que mais me lembro ao chegar em Casa Nova, com os cabelos compridos, suja, com aquela roupa preta me levaram para tomar banho no rio e quando eu vi aquele aguaceiro eu me assombrei por que a gente morava na caatinga e que as casas eram todas juntas umas das outras.

Por outro lado, a frustração de alguns que conhecendo “outro mundo” um mundo diferente do até então vivido, a participação na escola, nas aulas do antigo primário na Escola de Menores, mas que, por pedido de familiares, tiveram que voltar, enquanto outros lá permaneceram como disse o senhor José Justiniano Reis: “*se eu tivesse ficado lá em Salvador hoje estaria reformado da marinha ou do exército como os outros..*”

Evidente que não é possível também deixar de registrar as emoções, dos depoentes, quanto ao fato do movimento ter sido combatido com a utilização de armas pesadas, com a morte de quase cento e cinquenta pessoas (pelas forças policiais do cap. Optato Gueiros)¹⁸ e de outros tantos que fugiram para as caatingas, mas que continuaram sendo perseguidos, durante quase três meses como afirmou o senhor João de Souza Rodrigues:

*Bom, eu passei três mês nas caatinga perseguindo caceteiro com os doze fuzis que o cap. Benedito da Luz me deu e com a ordem de matar, por que naquela época não se prendia bandido.*¹⁹

¹⁸ “Ingressando em território bahiano, a volante do cap. Optato Gueiros no dia 20 entrou em combate com os fanáticos que foram completamente destruídos...” (Jornal Diário da Tarde, 24, jan.1938: pág.01)

¹⁹ “Louvo o cap. Benedito Alves da Luz, pela maneira altamente inteligente, enérgica e criteriosa com que agiu na repressão ao bandoleirismo que estava se desenvolvendo no Sul do Estado...(Boletim Regimental do Comando da Polícia Militar do Estado do Piauí, Batalhão de Infantaria, n. 124 de 7, jun.1938).

Não se pode esquecer que, para a polícia, “caceteiro” era sinônimo de “bandido” , de “bandoleiro”²⁰ encontrando até aqueles que disseram em seus depoimentos como Dona Simoa: “... *fui caceteira e fanática e pegava no cacete de novo...*” , e outros que falavam abertamente, e sem receio, de que participaram, ou do combate ao reduto, ou mesmo de terem convivido com os seguidos no adjunto de Pau de Colher.

O que surge nas falas com muita frequência está relacionado exatamente aos símbolos da religião e da miséria que, no contexto do adjunto, aparece muito vivo, repleto de significados.

Por exemplo, a cor das roupas e o estilo da mesma. O preto e as roupas compridas (quem usava curto era da parte da besta fera) têm no seu significado simbólico, a cor que representa o luto pela morte do padre Cícero e a marca de um povo que escolheu ser seguidor do beato Senhorinho, para diferenciar dos não seguidores, cabelos compridos para as mulheres e curto para os homens. O material de couro usado na confecção dos chinelos e chapéus era o couro do bode ou do carneiro, animal abundante na região. Era a morte que representava a vida.

O beato é uma figura central, não só nos sertões do Brasil como sobretudo no movimento estudado.

O beato é aquele que sabe falar, que é respeitado, ouvido, que é acompanhado. Todos, sem exceção, sabiam o roteiro certo:

Primeiro veio o Severino rezando e pregando que o homem do cajado era um só. Que atrás dele vinha outro, mas o homem do bastão era um só. E depois veio o José Senhorinho que era o beato chefe de Pau de Colher, mas que não era de fora, era do Pau de Colher, filho do Rosendo. Depois chegou o Quinzeiro que dormia no mato.

²⁰ “Fanáticos e bandoleiros. Energia e eficiente intervenção da polícia Bahiana rechassando os bandidos – um telegrama do senhor Presidente da República...” (Jornal Diário da Bahia, Salvador, 8, jan. de 1938).

Outro símbolo é o cacete que representava ao mesmo tempo a morte e a salvação, o poder de resistência e a luta para a vitória final no alcance do Sítio Caldeirão, onde esperariam a volta do “padim” Cícero.

O rosário e os benditos funcionavam como um estímulo à espera do dia da salvação quando seriam levados, numa nuvem, para o Sítio Caldeirão e diziam dos preceitos corretos aos quais deveriam seguir para atingir a salvação.

Um dos significados cujo desafio foi maior para resgatar relacionava-se à existência das “santas” (Verônica, Conceição, Nossa Senhora), ainda hoje algumas vivas que não quiseram falar, afirmando, apenas, que “não sabiam de nenhum santa”.

Na Fazenda Lagoa Comprida, no entanto, havia uma família inteira com três remanescentes das “Santas”, conhecidas, também como “rainhas”, avó, mãe e filha.

A mãe Alexandrina de Souza Rodrigues andava segurada, pelos homens, no adjunto, num andor; Verônica, Dona Josefa de Souza Rodrigues, e a avó Graciliana de Souza Rodrigues eram, respectivamente, “Santa” e “Santa chefe” enviadas sempre com os grupos para dentro das caatingas com a tarefa de conquistar adeptos. Dona Graciliana sabia orações de proteção: contra inimigo, contra “pegado” de cobra, para se transformar em toco de pau e para se livrar de bala. Conta-se que as balas do cap. Optato Gueiros caíam em sua saia e que a mesma só morreu com uma cacetada na cabeça (manteve-se contato, com a família Souza Rodrigues, durante cinco dias, na Fazenda Lagoa Comprida-BA., de sua propriedade).

Uma marca, ainda forte, é que aparecem nas falas os termos: “insantizados, loucos, ignorantes, fanatizados”. É a incorporação de um sentimento de menosprezo pelos acontecimentos, de transferência, para parecer que foram para o adjunto

involuntariamente, que não tinham convicção, que foi uma coisa sem valor. Obviamente entendemos que há, nas falas, resquícios da pressão dominante da época.

Nesse tempo nós morava em Olho D'Água, nas extrema do Piauí. O janjão era negociante. Vendia muita fazenda. Vinha de Petrolina. Cargas de fazenda chegava não dava para quem queria. Eles só se vestiam de branco, azul e preto. Os caceteiros compravam demais, compravam e pagavam na hora, não ficavam devendo a ninguém. Era um povo bom, amigo da gente e virar uns cão desse? Era uma ilusão pra ir pro céu, para a salvação. O povo ficou insantizado. Eu não sei que negócio era esse. (Dona Marieta).

Quando não se referem assim, ao movimento, elogiam a figura daqueles que os receberam como órfãos, pois alguns foram adotados pelas famílias de poder em Casa Nova, como é o caso da família Viana que adotou alguns dos que chegaram a Casa Nova e que ainda proporcionaram a volta de outros de Salvador, inclusive libertando alguns da prisão. Foi o que ocorreu com José Camilo, “um caceteiro perigoso”, mas que era apadrinhado dos Viana. A morte de José Camilo foi divulgada para justificar a retirada do mesmo da cadeira. Por ter sido considerado morto não recebeu aposentadoria.

Todos os que haviam sido presos em Salvador tinham sido libertos e José Camilo perguntou ao juiz porque ele estava preso quando todos tinham sido soltos. Aí o juiz perguntou para ele: você sabe o que é ser um líder? E aí ele teve que se calar. José Camilo foi solto de uma forma estranha. Ele não cumpriu a pena toda não, na penitenciária. A família Viana forjou um atestado de óbito para ele e ele foi tido como se tivesse morrido. Tanto é que ele não conseguiu se aposentar. Ele morreu em Casa Nova, em 1996 e só falava do assunto com a oligarquia vianista. (Raimundo Pereira da Silva Pinto).

Muito embora um certo resquício do passado exista, como essa questão relacionada à ideologia dominante, não tive dificuldades em saber os nomes completos dos participantes, inclusive ditos exatamente pelos mesmos, sem temor. Há um momento histórico diferente hoje em Casa Nova: é que a família Viana perdeu o mando em 1992, quando saiu do poder e as pessoas já começam a se desprender.

Talvez por estarem vivendo um momento diferente eles não tenham se negado a dizer seus nomes completos, de seus pais e avós. É bom frisar que foram entrevistados com alguém da família de lado, um filho, ou neto, cuidado que se teve, pois hoje estão na faixa etária entre 70 e 95 anos.

Com todas as testemunhas o diálogo foi possível, sem dificuldade. Um dos aspectos positivos foi o fato de ter convivido, todas as vezes que ia ao campo, em suas casas, acompanhando e convivendo com seus hábitos cotidianos, não esquecendo que, na maioria das vezes, era apresentada por alguém do lugar.

Esta é uma experiência de religiosidade que foi vivenciada por sujeitos humanos no sertão do Nordeste do Brasil que, sem sombra de dúvida, reflete vários aspectos de suas vidas cotidianas: falta de chuva, moradias afastadas umas das outras, criação e plantio de subsistência, religiosidade que, por ausência de padres (lembrar da desobriga que só acontecia de tempos em tempos), a presença de homens rezadores era a prática e bem aceita, bem como as manifestações de religiosidade ligadas à terra, à natureza, às condições materiais de existência às quais atribuíam significados. Quais? Como? Em que condições? Como esses componentes da religião e da miséria fizeram nascer e fluir seus valores e tradições? Senhor Abi, por exemplo, lá no Tanque do Bonito, com toda a sua família, reza uma vez por semana, ao redor do oratório que fica na sala de sua casa para vir chuva.

Essas problematizações foram esclarecidas através do resgate das vozes de homens e mulheres que viveram seus momentos no movimento de Pau de Colher, compartilhadas com outras fontes documentais das quais a pesquisa lançou mão e que foram, na mesma medida, levantadas, cuidadosamente, ao longo da pesquisa.

Finalmente, em sua última fase, foi visitado em Salvador: o Arquivo Público, O Arquivo da Polícia Militar (Quartel dos Aflitos), a Biblioteca Pública Estadual, O

Instituto Histórico; em Teresina: O Arquivo Público, o Arquivo do Quartel Geral da Polícia Militar do Piauí; em Recife: O Arquivo Geral da Polícia Militar (Quartel do Derby), O Arquivo Público do Estado, A Biblioteca Pública, O Instituto Joaquim Nabuco, O Centro de Estudos Históricos Municipal; em Casa Nova-BA.: o Cartório do Segundo Ofício, no Fórum Desembargador José Manoel Viana de Castro, cartório crime e a Biblioteca Pública Municipal; em Petrolina-PE.: O Museu do Sertão, A Biblioteca Pública Municipal, O Quartel do 5º. Batalhão de Polícia Militar; em Juazeiro-BA.: A Biblioteca da Diocese , a Biblioteca Pública Municipal e o 3º. Batalhão de Polícia Militar. Em todos esses locais de pesquisa visitei, não só os livros de Boletins Gerais, Boletim de Ocorrência da Polícia Motorizada, Boletim do Batalhão de Caçadores, assim como os jornais de maior circulação e os de menor vulto que serão listados na página destinada às fontes de pesquisa e bibliografia.

1.5 METODOLOGIA

O objeto de estudo proposto com esse trabalho foi o de examinar, cuidadosamente, o movimento de Pau de Colher para conhecer as significações entre a religião e a miséria imputadas, pelos remanescentes, familiares, vizinhos da região de ocorrência do movimento, que reuniu vários povoados e moradias distintos dos Estados do Piauí, Bahia e Pernambuco, *ao por quê os atores sociais se deslocaram para Pau de Colher e como os mesmos representavam o “adjunto” e, nesse sentido, qual a dimensão da religião e da miséria para os seguidores.*

Trabalhou-se a hipótese de que a criação do “adjunto” representou, para os seguidores, a aspiração de salvação e santificação e que as populações ligadas ao evento aderiram, ao mesmo, guiadas pelas práticas da religiosidade rural. Esse aspecto vem demonstrar

que o movimento de Pau de Colher, suas causas podem ser localizadas no interior da esfera do divino, se fundam dentro de uma cultura naturalista-religiosa que dinamiza os viveres cotidianos e os explicam.

Não tem chuva é devido os planeta que tudo é regido pela natureza não é? E tudo que ta no céu e na terra ta nos podere de Deus a e ele é quem comanda e não os home. A gente vai vivendo da terra e da graça de Deus e olhe, tudo isso aqui, nossa morada, as criação, a roça tudo é o que nós tem de certo. Não chove e a gente reza , a gente faz nossos bendito, nossas romaria . Um dia é na morada de um e outro dia é na morada do outro. O que nós quer mais? O Pau de Colher foi tudo gente daqui mesmo. Tudo conhecido que levaro tudo o que tinha pra ir tudo se salvar. Lá era como um oratório que era um acampamento terríve de grande. A nossa vida é se apegar às reza que é tudo na fé tudo bonito que só vendo quando a gente vai pagar uma promessa ou puxar uma romaria. (Rosalina Amorim Miranda)..

Pau de Colher tem sido empunhada dentro do rótulo do messianismo, do fanatismo religioso, da ignorância, dentro de uma forma de explicar a sociedade brasileira dividida em espaços dicotômicos; o sertão estigmatizado como espaço de atraso social, político, econômico, religioso e a cidade como espaço avançado da sociedade.

Ao contrário, concede-se a esta pesquisa, uma oportunidade que abre espaço para que os seguidores, vivos e ainda em grande número, de um movimento ainda pouco estudado, apresentem seu olhar como atores sociais, sujeitos históricos do processo de construção do universo Pau de Colher. Convém destacar, ainda, que é através desse Brasil real, de gente concreta, que temos espaço de papel decisivo para esta pesquisa.

Oportunidade cujo valor simbólico permitirá conhecer idéias sobre a maneira, como os seguidores desenvolviam seus afetos, suas emoções, seus sentimentos, suas atitudes como humanos no dia a dia da vida produtiva de sobrevivência e da vida espiritual. Desse modo, a metodologia põe em evidência as falas, as conversações, as histórias de vida, a memória, as rezas, os benditos, os relatórios oficiais, os jornais que vão exprimir o universo simbólico que buscamos compreender.

Mais de 70, hoje entrevistados, remanescentes e informantes, resgatados em mais de 15 povoados e moradias, com cerca de 310 fotos e uma fita de vídeo cuja filmagem foi realizada nas regiões indicadas no tópico, “O surgimento do problema a partir de uma pesquisa de campo”, fazem parte de um vasto arquivo realizado pela pesquisadora o que tornou possível examinar os componentes do universo simbólico entre a religião e a miséria. Todavia, devido às exigências do tempo e do formato do trabalho, fomos obrigados a reduzir o material trabalhado decidindo pelo tratamento de 28 entrevistas selecionadas pela importância dos dados relacionados ao tema.

Os remanescentes, que eram denominados de caceteiros por usarem cacetes de pau fabricados de forma artesanal por eles próprios com madeira retirada da vegetação abundante na região, são pessoas que vivem ainda hoje nos mesmos locais da época do movimento e que foram entrevistados em seus locais cuja escolha foi determinada por: terem vivido no adjunto durante os 28 dias que durou aquela experiência; serem filhos, irmãos, tios, primos, marido ou mulher de remanescente e que passaram pela mesma experiência; estarem dentro da faixa etária entre 70 e 90 anos, o que abarcou um universo de indivíduos que, à época do movimento, tinham entre 3 e 26 anos de idade; envolver, de forma equitativa, homens e mulheres.

A localização dos sujeitos deu-se por informação de familiares que por sua vez iam apontando outros, no contexto da entrevista. Muito embora exista um vasto arquivo, desenvolvido, como já foi colocado, tivemos necessidade de reduzir o material, para análise, obrigados pelas exigências do tempo e formato do trabalho. Selecionamos 28 depoimentos mais significativos, do ponto de vista da pesquisa, pela riqueza do discurso, da fala, do conteúdo (inclusive com um acervo em objetos doados pelos remanescentes: panela de ferro onde cozinham o pintado, chapéus de couro, urna em madeira confeccionada na Escola de Preservação de Menores) , sobre o tema e

carregados de significados sobre a miséria e religião, são eles: João de Souza Rodrigues, Silvina, Lourival de Souza Rodrigues, Abi Gomes Marques, José Tintino, José Justiniano Reis, Maria Madalena Nascimento, Maria de Oliveira Rodrigues, Raimundo Pereira Pinto, Rosalina Amorim Miranda, Simoa Maria Pereira, Vicente Mendes da Silva, Manuel Rodrigues Ribeiro, Alvina da Silva Pinto, Maria da Silva Carvalho, Manuel de Anchieta da Silva Carvalho, Abel Moreira de Siqueira, José Teles, Manuel Lira Parente, Teodoro Pereira do Rosário, Rufino Rodrigues de Souza, Maria Ferreira Santos, Maria Nascimento, Josefa de Souza Rodrigues, Raimundo do Zeca, Raimunda Santos Castro, Daniel Nascimento, Vitalina da Costa, cuja idade lugar de origem serão mencionados junto às fontes primárias.

Debruçamo-nos, com um trabalho de análise sobre as entrevistas, concedendo atenção tanto ao *conteúdo manifesto como ao conteúdo latente (Ibid., p.16)*, que os mesmos possuem, o que permitiu, entre a descrição e a interpretação, entre as caracterizações e as significações das falas, dos discursos, dos conteúdos, trabalhar com as inferências como etapa intermediária Bardin (1977, p. 38).

Ocupamo-nos com a entrevista semi-estruturada, entrevista de profundidade como técnica de coleta de informações, o que oportunizou partindo de alguns questionamentos em torno de temas básicos e freqüência, dentro do foco principal da pesquisa, abertura para fazer entrar novas questões que pudessem tornar mais profundo os discursos e procurando explicitar da forma mais clara possível em relação à idéia que anima o presente projeto. Entrevistador e entrevistado não se encontraram em pólos opostos (quem fala e quem responde), mas numa dimensão interativa. As entrevistas foram gravadas, fotografadas e acompanhadas de anotações gerais sobre atitudes e comportamentos dos entrevistados. Utilizamos as perguntas de natureza descritivas com o intuito de atingir o máximo de clareza nas descrições sobre o nosso

objeto de estudo. Todas as entrevistas, que foram gravadas, acompanhadas de anotações gerais sobre atitudes, gestos, silêncios, sentimentos e imediatamente transcritas, literalmente, nos permitiram contar com todo o material fornecido.

Após a transcrição imediata das entrevistas e da observação livre, seguiu-se uma leitura inicial do material com o intuito de operacionalizar e sistematizar as idéias iniciais às quais fizemos organizando o material por temas a fim de nos permitir as operações sucessivas que garantissem, também, a flexibilidade permitindo a introdução de novos procedimentos. Um dos pontos fundamentais, nessa primeira fase, pré-análise Bardin (1977, p. 95) foi o da escolha dos depoimentos a serem submetidos à análise e isso deveu-se, como já foi abordado, à riqueza das informações relacionadas com as significações da miséria e da religião em torno do movimento de Pau de Colher. Para a constituição desse *corpus*, nos ativemos a todos os elementos não deixando de fora qualquer deles (regra de exaustividade); a análise da parte representativa do universo (regra de representatividade); a critérios precisos de escolha (regra da homogeneidade); foi observada sua adequação de modo a garantir corresponderem aos objetivos da análise (regra de pertinência); assim como as regras de fidelidade e objetividade. Fizemos uma leitura “flutuante” (*Ibid.*,p.96) a que foi permitindo, em seguida, uma leitura mais precisa. Para os documentos levantados nos arquivos das polícias militares, (relatórios, boletins, livros do serviço de saúde) nas bibliotecas, arquivos públicos e IBGE (jornais e livros), que foram devidamente xerocados e autenticados, pelos respectivos órgãos, o tratamento foi através de uma classificação e armazenamento. O acervo acima, além de nos permitir o máximo de informações, foi utilizado para uma comparação com as informações dadas, sobre o objetivo da pesquisa, com as diferentes fontes entre si e a exatidão da informação registrada, abrindo espaço para as evidências externa e interna Richardson (1999, p.

250) e, diga-se de passagem, procedimento durante toda a fase de pesquisa. Uma vez as entrevistas transcritas, artigos de jornal, relatórios e boletins oficiais recortados e marcados, com marca texto, fizemos, em seguida, a classificação dos elementos constitutivos das entrevistas em categorias temáticas (categorização) passando de dados brutos a dados organizados e, mais uma vez aqui, seguindo os princípios da pertinência, da objetividade e da fidelidade Bardin, (1977, p. 97-98 e120); Richardson, (1999, p. 240). Como foi colocado inicialmente, fizemos as abordagens temáticas compartilhando teoria e dados na exploração do material e, com a codificação por temas, partimos para as questões mais específicas.

Uma vez realizadas a codificação e a categorização, que nos permitiram uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo da religião e da miséria, passamos ao tratamento dos resultados e interpretação de forma a transformar os dados brutos, como nos ensina Bardin (1977, p.101) a serem “falantes” e válidos abrindo espaço para as inferências e a interpretação, dentro dos objetivos da nossa investigação, retirando dos mesmos, após todo esse procedimento, seus ensinamentos. Identificamos que as significações entre a religião e a miséria reivindicadas pelos atores sociais *ao por quê os atores sociais se deslocaram para Pau de Colher e ao que representava o “adjunto” para os mesmos*, estão alojadas dentro de uma explicação onde prevalece um entendimento natural-religioso. O “adjunto” de Pau de Colher se cercou, a partir desse entendimento, de um olhar que ocultou as vinculações sociais, políticas e econômicas dentro dessa explicação, e, nesse sentido, os aspectos naturais e religiosos foram valorizados. Muito embora instalassem as vinculações sociais do lado de fora das explicações materiais, o universo simbólico construído a partir da religião e da miséria, em torno dos seguidores, são produto de suas relações sociais e que

suscitaram um universo simbólico repleto de significados da religião e da miséria por eles vividos no dia-a-dia.

2. PAU DE COLHER: um percurso sobre seu contexto

O que é importante é que Milton Santos diz, que o território visto através das horizontalidades não é apenas o lugar de uma nação pragmática e seu exercício comporta também o exercício do território, a experiência do território, comporta também uma parte da vida, uma parcela de emoção que permite os valores representar um papel.

(Jan Bitoun, 2003, p.28)

2.1 BRASIL: contexto à época do movimento de Pau de Colher

Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves (...), coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus, para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.

(Machado de Assis, A Semana, 11/11/1900)

Situar o contexto histórico de Pau de Colher, numa perspectiva mais ampla, saindo do povoado em direção a um contexto brasileiro e deste ao contexto mundial se faz necessário pelo momento de transformações que o mundo estava passando cujas mudanças já vinham se processando, desde as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, nos países mais desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos, o que estava sendo sentido no âmbito das tecnologias.

Essas transformações abrangem o envolvimento das pessoas, afetando os hábitos da vida cotidiana das populações de forma geral, sinalizando permanências e/ou mudanças em suas concepções de mundo e de vida.

A prática internacional do capitalismo, tornando-se global, embrenha-se em diversos lugares, estendendo sua rede de influências e envolvimento por espaços os mais distantes que se possa pensar existir, prática e mudanças essas que alguns, como os países historicamente mais ricos do mundo, já experimentavam, mas que foram, também, direcionadas para os lugares onde se concentravam populações menos favorecida.

Como resultado dessas transformações, a difusão de uma concepção européia está presente no seu avanço sobre as sociedades tradicionais que se dão conta, diante da ocorrência dessa expansão, submetidas, dentro daquelas imposições econômicas, sociais, políticas, culturais a vivenciarem um projeto político de satisfação dos ritmos de vida e necessidades externas onde, produção e consumo estavam voltados para o atendimento à satisfação dos interesses de fora, o que levou a se registrar, nas áreas de economia tradicionais, vários movimentos de revoltas regionais, revoltas localizadas em áreas mais afastadas do centro da dinâmica do capitalismo, que emergiam do íntimo, de descontentamentos e que produziram novas formas de se buscar um modo de vida diferente, lugares de experiência, lugares de sentido, lugares do vivido.

Percebe-se que os desdobramentos da Revolução Industrial, com invenções que passam a fazer parte da vida das comunidades, no que diz respeito aos diversos ramos de uma indústria, vão gerar, como consequência, novos campos de exploração e, nesse sentido, o novo olhar da dinâmica capitalista mundial não deixou de visualizar a América Latina o que se pode observar nos centros considerados eixos econômicos e, conseqüentemente, áreas estratégicas.

O período no qual se insere o movimento de Pau de Colher está dentro do que foi pensado por Eric Hobsbawm, “A era da catástrofe”, que aloja, por assim dizer, as Guerras Mundiais, o abismo econômico com a Grande Depressão, a queda do liberalismo e o fim dos impérios, demarcado, pelo mesmo autor, pelo período que vai de 1914 a 1950 seguindo-se um período de extraordinário crescimento econômico e transformação social, identificando-se, na interpretação do mesmo, como anos de mudanças das mais profundas para a sociedade humana que qualquer outro período de brevidade comparável.

Os conhecimentos herdados da Revolução Industrial, anterior a esse período, estiveram, também, a serviço das chamadas Guerras Mundiais e desembocaram num dos maiores choques imperialistas até então visto quando o mundo voltando-se, o mundo, paralelamente, para o conflito, para o crescimento do operariado, para interesses hegemônicos, para conquistas a partir de todo o conhecimento tecnológico cujas notícias, locais, regionais ou globais, locais, regionais ou globais chegavam até nos mais distantes espaços, a exemplo de Petrolina, que através do jornal, o Pharol, dava-se conta das duas Guerras Mundiais, da Guerra Civil Espanhola, da Revolução Socialista que acontecia na Rússia, discursos de Hitler, dos discursos de Mussolini, dos discursos de Getúlio Vargas, do como a sociedade estava se movimentando a partir desse processo.

Esses fatos podem ser reconhecidos dentro da lógica da economia mundial que girava em torno do capitalismo e que vinha, por assim dizer, endereçar suas ações para “lugares de interesse”, sua rede de influências e poder concordando-se que, falar sobre a história da economia mundial é falar sobre a história do capitalismo e refletir do texto abaixo de Eric Hobsbawm o seguinte:

A história da economia mundial desde a Revolução Industrial tem sido de acelerado progresso técnico, de contínuo, mas irregular crescimento econômico, e de crescente “globalização”, ou seja, de uma divisão mundial cada vez mais elaborada e complexa de trabalho; uma rede cada vez maior de fluxos e intercâmbios que ligam todas as partes da economia mundial ao sistema global. O progresso técnico continuou e até se acelerou na Era da Catástrofe, transformando e sendo transformado pela era das guerras mundiais. (HOBSBAWM, 1995, p. 92).

Na ótica de uma não linearidade entende-se que essas transformações e essa fisionomia embora desenhassem o cenário mundial, há de se reconhecer que a maior parte das populações do mundo, em contraposição, ainda convivia com um campesinato muito forte cuja mudança só vai ser vista em 1950.

Afinal, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, só havia um país industrial além da Grã-Bretanha, onde a agricultura e a pesca empregavam menos de 20% da população, a Bélgica. Mesmo na Alemanha e nos Estados Unidos, as maiores economias industriais, a população agrícola, apesar de estar de fato em declínio constante, ainda equivalia mais ou menos a um quarto dos habitantes; a França, Suécia e Áustria ainda estavam entre 35% e 40%. Quanto aos países agrários atrasados – digamos, na Europa, a Bulgária e a Romênia, cerca de quatro em cada cinco habitantes trabalhavam na terra. (Ibid.,1995, p.284).

Visitando os analistas da história política e econômica do Brasil, em suas reflexões sobre esta mesma época, por sua vez, certificou-se que, também, o Brasil estava integrado ao sistema capitalista internacional e se pode inferir que, a partir da década de trinta, de uma maneira tímida, registram-se, no país, modificações de crescimento econômico com um desenho voltado para os incentivos às indústrias, urbanização intensificada, conseqüentemente, e a centralização do poder político.

Inserido no interior dessas inquietações da “Era da Catástrofe” está a crise mundial desencadeada em 1929, como foi abordado anteriormente (a Depressão Econômica), que repercutiu bastante no Brasil, fornecedor de matéria-prima, no sentido de estimular a produção interna e estimular o crescimento nacional o que indica o comentário abaixo:

Tais modificações que se faziam como resultado da generalização das formas capitalistas de produção, teriam definido as perspectivas de uma época modernizante. Grupos industriais começam a se fortalecer. E a iniciativa estatal do Estado Novo tentou se firmar através de um controle mais direto nos domínios dos grupos rurais. (SÁ, 1974, p. 30).

O Brasil sinaliza nesse momento, sua história, no processo republicano, através de suas elites inspiradas nos ideais de controle de seus rendimentos e, sobretudo, na possibilidade de uso desse poder econômico para decidir a ordem republicana nascente no interior da qual, nos primeiros trinta anos de República, o Brasil, aponta para uma questão muito forte de liderança econômica através das oligarquias que vai se

fortalecendo e participando juntamente com um outro grupo, marcadamente existente, naquele período: o coronel político.

Para Sá (1974), a República intensifica o jogo de compromissos com as esferas estaduais e federais num jogo compartilhado com o coronelismo, com redefinições alternativas, pois assegurar-se-iam no poder. O coronel, especificamente, passaria, agora, a depender do seu relacionamento com as esferas, estadual e federal, e não mais com sua autonomia local, firmando, tradições de compromissos entre aquelas esferas.

Na corrida modernizadora, as novas elites empenham-se em reduzir a sociedade brasileira ao ajustamento imposto por padrões forasteiros norte-americanos e europeus registrando-se, quando a República foi proclamada, como medida política, a abertura da economia a capitais estrangeiros e, por outro lado, um quadro político com o domínio das oligarquias que gerou um processo de desestabilização da sociedade e cultura tradicionais.

Não mediam esforços os governos republicanos, para conter qualquer prejuízo aos seus interesses combatendo, “eficientemente”, qualquer movimento considerado de desafio aos seus projetos, como foi interpretado, o evento de Canudos. Guiados por pensamento e, sobretudo, ações fundadas no interior de uma visão urbana, comportamento dos governantes, no Brasil, no momento de todo e qualquer movimento considerado uma ameaça para o regime a única alternativa possível, seria por um ponto final sem pensar. Invocamos para dentro dessas posições o evento de Contestado e de Juazeiro do Padre Cícero. Tratados como uma “perturbação da ordem pública” e guiados pela lógica do sufocamento, a ação do Estado aproveitava-se de qualquer oportunidade, sobre qualquer motivo, para justificar ações em defesa da “ordem” é o que se usou à época do movimento de Canudos. Um pretexto, um argumento, estratégias de sensibilização da opinião pública, aplicação de meios

disponíveis, condições favoráveis para justificar objetivos se encontram, por exemplo, naquele movimento quando o governo da Bahia divulgou notícias de que, os conselheirista (que se dirigiam a Juazeiro para buscar a madeira que ergueria a igreja em Canudos e cuja compra haviam feito em Juazeiro), viriam atacar e que grupos contrários à República se concentravam no lugar Belo Monte. Juntando-se, as forças locais para cumprir suas funções, é o que se percebe do telegrama abaixo do Juiz de Direito, de Juazeiro, Dr. Arlindo Leôni:

O governador do Estado da Bahia pede, então, que avise por telegrama caso o boato se confirmasse, pois “(...) o governo fica prevenido para enviar incontinenti, em trem expresso, a força necessária para rechaçá-los e garantir a cidade...” (CUNHA,1991, p.153).

Por sua vez os jornais anunciavam:

É que o momento é assustador e tudo se deve despende de esforço e sacrifício a fim de que nos resguardemos de um possível ataque por parte dos pseudos fanáticos sob a direção de Antonio Conselheiro, o inconsciente alçoz dos bravos defensores da República. (Jornal A tarde, 19/03/1987).

A exemplo de Canudos, existem outras formas de reação aos ajustamentos pretendidos pela nova ordem dominante inserida no ideal de promover a modernização a todo custo, bem como ações alternativas de promoção da vinda de capitais estrangeiros, abertura para o capital internacional, a consolidação das práticas assalariadas nas relações de produção que vão provocar uma desestabilização da sociedade e da cultura tradicionais caracterizando o cenário brasileiro daquele período no interior do qual, com o domínio político e econômico das oligarquias, a maioria da população brasileira se achava impedida de participar da vida política do país e, sobretudo, revela como essa situação de modernidade era precária para a maior parte das camadas da população.

A presença de Getúlio Vargas no poder não altera a situação do Brasil, em nível do domínio das oligarquias, pois a população brasileira vivencia a continuação do mesmo modelo de dominação, após a chamada “Revolução de 1930”, com a inclusão, do Rio Grande do Sul, quando a esfera política passando para a tutela varguista, que vai até 1945, em sua primeira fase, não é outra senão a orientação autoritária do governo com a pretensão de construir uma base de sustentação para o seu poder.

Atrela-se a esse comportamento no dizer de Nicolau Sevckenko:²¹

Haurindo ensinamentos dos regimes repressivos que se multiplicam na Europa nesse período, as autoridades federais procurariam tirar o máximo proveito, das técnicas de propaganda e dos meios de comunicação social, muito especialmente do rádio. (SEVCENKO, 1998, p. 37).

Mais adiante, ele afirma que o discurso do presidente Getúlio Vargas, no dia 1º de maio, na Estação de São Januário, e o noticiário da Voz do Brasil, eram dois instrumentos básicos da nova ordem recheados de nexos simbólicos que iriam irradiar uma expressão de ânimo para a população.

Têm-se por um lado, a população exposta à trajetória de mudanças que ficaria na mira das intrusões externas e, de outro, ao domínio das elites que, internamente, manobravam um cenário político conveniente aos seus interesses e, assim, ditavam as regras para as populações como um todo e, no interior, desse contexto político e econômico internacional é que se localizam as bases econômicas do Brasil. Herança de uma tradição colonial patriarcal, aliada à grande propriedade, apontada para uma política econômica voltada, no início da República, para dois eixos (São Paulo- Minas Gerais), cujas produções, café e leite, respectivamente, a partir dos ditames das

²¹ Ver em História da vida privada no Brasil / coordenador geral da coleção Fernando Novaes; organizador do volume Nicolau Sevckenko – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

oligarquias desse dois estados, conduzem à conexão entre o mandonismo federal e estadual, intensificando-se o jogo de compromisso entre essas duas esferas.

Confirma-se a presença do coronel, mandonismo local, que cresce paulatinamente e, mesmo com ascensão de Vargas ao poder, no que se denominou Revolução de 30, reafirmando-se uma vez que o respeito a essa autonomia estava relacionado ao suporte básico que as atividades agrárias ainda representavam na economia nacional. Com essa base solidificada, agiam como quisessem em seus domínios e entendendo que sua autonomia passa pela relação com governos no âmbito federal e estadual.

O período que se inicia em 1930, portanto, com a subida de Vargas ao poder, vai não só confirmar a presença do coronel, como as ligações desse segmento com outro grupo de interesse econômico: o industrial.

No interior desse cenário, temos as transformações ocorridas em nível do desenvolvimento da economia nacional localizando os centros industriais no Sudeste e os centros de fornecimento de matéria-prima, no Nordeste. Essa separação de atividades econômicas, entre Sudeste e Nordeste, vai determinar novos comportamentos, em nível do mando, confirmando a presença do coronel, pois, sendo a base econômica agrária muito forte, como foi colocado, o governo não pode prescindir do eleitorado rural controlado pelos coronéis cuja sintonia e política de boa vizinhança (um não deveria aborrecer o outro) sustentaria a relação e seus projetos pessoais.

Para Maria Isaura de Queiroz sobre essa posição:

Ela existia no âmbito municipal, formada ou pelo coronel que por qualquer razão se descontentara com o governo estadual, ou pelo chefe político local vencido por outro chefe mais forte que, conservando certa força, se opunha ao vencedor e, através deste, ao governo estadual que o apoiava. Reunidos vários chefes deste tipo dentro do estado, formava-se a oposição ao governo estadual. (QUEIROZ, 1969, p.98).

Observando-se o espaço campo brasileiro, penetrado pelas formas capitalistas de produção e, passando por um jogo político de interesses particulares entre essas diferentes esferas, localizamos atitudes alternativas encontradas pelas populações que ao conviver com esse jogo vai, ao mesmo tempo, reagir a favor das buscas de novas formas de convívio e satisfação de vida, mesmo que seja olhado, por alguns, estranho, ficção, fora do comum, anormal, alheio.

Cabe, ainda, ressaltar que o cenário político nacional, desde a Revolução de 30, apresenta ampla confirmação dessa política de mando e de centralizações, como confirma Queiroz:

Como na queda do império, o fenômeno mais notável que desde logo apresentou a Revolução foi, de um lado, ter sido feita com políticos que haviam sido expoentes da Primeira República, de outro ter provocado, desde que se afirmou vitoriosa a adesão unânime dos coronéis do interior do país.. Lancemos novamente mão para o nosso exemplo clássico que é o do P. Cícero no sertão cearense.(QUEIROZ, 1969, p.123).

Recorrendo a Maria Auxiliadora Ferraz de Sá (1974), que extrapola sua análise para além de 1930, ao contrário de Queiroz (1969) , cuja leitura só vai até 1930, deduz-se que, apesar do Estado Novo se inaugurar fortemente centralizador:

Verifica-se uma acomodação do governo às regras políticas dos coronéis mesmo em fins do Estado Novo. O governo federal aceitou a continuação da autonomia local dos coronéis, uma vez que as atividades agrárias ainda representavam o suporte básico da economia nacional.(SÁ, 1974, p.31).

Ao mesmo tempo, muito embora o Estado Novo tivesse aceito as regras políticas dos coronéis, Getúlio Vargas, ao fazer seus discursos demonstra em seus textos, um perfil de presidente que assume o comando do país e aquele que aponta as regras para o mesmo.

O discurso irradiante, afetivo e emocionalmente cuidado do então Presidente da República, revela-se nessa direção:

Já está no domínio público a decretação do novo “estado de guerra” para todo o país, motivado pela nova ameaça de subversão da ordem pública, criminosamente preparada pelos extremistas vermelhos e emissários do “Komitern”²², distribuídos em toda a extensão do território para fomentarem a mashorca, por meio da indisciplina cuidadosamente implantada no seio de todas as classes sociais desde o operariado até as classes armadas visando a destruição total das instituições vigentes para a implantação de um regime de terror, com todo o seu lúgubre cortejo de crimes e misérias, a tripudiar sobre a honra da nacionalidade. (...) A todos os brasileiros dignos, competem, pois cercarem fileiras em torno dos que defendem o regimen e as instituições nacionais, a fim de evitar que se fundem em sangue e lama a honra e a dignidade do Brasil. Os que se negarem a observância desse dever impiedoso, cometem um monstruoso crime de lesa-pátria, conrrendo para que sobre as nossas cabeças e nossos lares se derrame a mais negra das misérias, a mais hedionda das escravidões que podem pesar sobre a história da civilização de um povo culto e sobretudo christão. Salvemos o Brasil. Presidente Getúlio Vargas.²³

A ênfase dada à emocionalidade em seu discurso, a voz irradiada e conotações afetivas, percebe-se uma postura de comando quando diz que já há uma “decretação do novo “estado de guerra” para todo o país”. Arriscando uma análise mais subjetiva, é perceptível uma certa insegurança dos governos, após a primeira guerra mundial que vai passar pela necessidade de regimes repressores, autoritários, que despontaram de imediato na Europa.

E oportuno dizer que numa continuidade de fatos que marcaram a História Mundial como a Revolução Inglesa, a Revolução Francesa e a Russa, inserem-se as preocupações dos conservadores, e suas múltiplas estratégias, a fim de continuarem se protegendo, ressaltando-se que o mundo estava, nesse momento, na iminência de uma Segunda Guerra Mundial.

²² Termo utilizado para designar os partidos comunistas internacionais.

²³ Jornal o Pharol, Petrolina, p.5, out. 1937. Pesquisa feita no Museu do Sertão, Petrolina-PE., no período de janeiro a março de 2003.

Aproximando para o objeto de estudo do presente trabalho, a situação política do Nordeste do Brasil, à época do movimento de Pau de Colher, apresenta-se com um cenário onde o Nordeste vivia, 1935, em grande tensão política. Recife e Natal, no Nordeste, refletem esse momento de inquietação, instabilidade e insegurança, cujas causas ainda se reportam ao movimento de 30 e que mobilizou os Batalhões de Caçadores e a Brigada Militar.²⁴

Greves, levantes militares, de operários, funcionários públicos para os quais tropas do Exército e das Polícias dos Estados vizinhos ajudaram a restabelecer a ordem, é um dos exemplos desse momento. A determinação era clara: quem estava contra o governo era “comunista” e em decorrência as prisões ficaram superlotadas e, ao mesmo tempo, a Polícia do Estado estava em busca de Lampião.

O Brasil insere-se, a nível nacional, nessas estratégias de proteção o que pode ser lido no jornal O Pharol, do dia 13 de novembro de 1937:

Apoiado pelas forças armadas o presidente Getúlio Vargas promulgou nova constituição, dissolvendo a Câmara, o Senado, os Legislativos Estaduais.

O Estado Novo assegura-se da mais ampla repercussão de seus atos. Através da rede de informações da Agência Nacional, da distribuição de fotografias, artigos, comentários, chegou a fornecer mais de 60% da matéria divulgada pelos jornais. (...) Daí por diante, a matéria oficial figura, destacadamente, em todos os jornais, cujo espaço rareia para outro tipo de noticiário.

Ao mesmo tempo são designados para a Bahia e Pernambuco novos interventores conforme noticia o jornal O Pharol, do mesmo dia:

Não contando com a colaboração política da Bahia e de Pernambuco, cujos governos se mantiveram coerentes com as suas atitudes, o Governo Federal decretou intervenção nos referidos Estados, nomeando interventores os commandantes das regiões Ceis. Antonio Fernandes Dantas e Azambuja Villanova os quais já tomaram posse e designaram os seus secretários.

²⁴ Ver mais sobre o assunto em Hélio Silva. História da República Brasileira, Ed. Três S.A. São Paulo.

Como se pode perceber a ação do Governo Federal é imediata no sentido de resguardar, sob seu controle, de forma mais centralizada, o poder Federal sobre os Estados, designando pessoas de sua inteira confiança para os comandos.

No interior desse cenário, localiza-se uma elite dominante com uma acentuada dose de formação no velho mundo, impondo seus padrões de existência às populações que viam como instrumentos para seus projetos maiores.

Quanto ao contexto acima descrito, sobre o cenário brasileiro à época do movimento de Pau de Colher, propõe-se não essa mesma forma de localizar, apenas, os indivíduos em sociedade ou vice versa, mas uma reflexão sobre uma outra forma de representar a sociedade que não seja a dimensão da representação que as diferentes instâncias (mundial, federal, estadual, municipal) fazem sobre a mesma, patriarcalista, autoritária, desigual, individualista, apontado uma outra interpretação que perceba que os valores de vínculos sociais que se formam a partir do universo simbólico construído pelos sujeitos em suas relações sociais ultrapassam as relações utilitaristas e unilaterais, e vem atender a uma pluralidade de lógicas, a uma pluralidade de ação

Ficar no entendimento diocotômico onde o governo (a ordem) de um lado e a sociedade (a desordem) do outro, como foram entendidos Canudos, Contestado, Juazeiro, Pau de Colher é, primeiro, não entender que ambos (ordem/desordem) são indissociáveis; que o homem pode ser gerador de contingência e de desordem e que não sejam consideradas com antítese, mas como uma no interior da outra e que “*A desordem portadora de uma infinidade de possíveis, de uma inesgotável fecundidade, é geradora da própria ordem; faz desta um acidente, um acontecimento*” Balandier (1997, p.47); segundo, não perder de vista o universo simbólico que circula nas práticas sociais e que dão constituição à vida social e que segundo Minayo (1995, p. 92), para Mauss “*a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e*

instituições através da linguagem, da arte, da ciência, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas”.

Por assim dizer, tem-se, no interior dessa fase de mudanças no contexto internacional e por extensão, no Brasil, até aqui mencionada, no Norte da Bahia, no Município de Casa Nova, especificamente no povoado de Pau de Colher, um grupo que vai criar, no meio dessa turbulência de mudanças, um campo de experiência social, lugar de vivido e de sentido, onde suas tensões foram localizadas e superadas, pelo menos temporariamente, mas não compreendidas.

Aí eu fui pro Pau de Colher, fui com meu marido e dois filho, nós morava no Piauí. Fui caceteira, minha dona e fazia tudo de novo. Eu tava de dieta e levei um molinho, molinho. Já tinha muita gente tudo naquelas latada quando eu cheguei lá. Todo mundo fez suas latada de pau, debaixo dos pé de pau e coberta de ramo e garrancho E todo mundo foi pra rezar Naquela época nós fazia nossas reza Os pade vinha de tempos em tempos. Mas as reza era de Deus. E a gente fazia aquelas reza para pedir e agradecer as coisa que Deus mandava. Arrangei logo um cantinho pra ficar. Nós fomo porque eles prometiam a salvação e de ir lá pro sítio caldeirão para ver o tal Zé Lourenço. (Simoa Pereira).

Existe, juntamente com outras representações que daremos conta no 3º. capítulo, uma riqueza de representação simbólica na passagem acima dando sinais para que se possa inferir que as populações participantes, aderem a uma representação de Pau de Colher natural-religiosa o que permite a convivência com o lugar. Pau de Colher representa a dimensão da necessidade, pela falta, pela representação da ausência da presença, primeiro, de padres, do catolicismo oficial e, segundo, pela representação da dimensão do preenchimento de Deus-socorredor e do símbolo Deus como misericordioso que iria permitir a salvação e aliviador dos sofrimentos quando os recompensaria com o atendimento dos seus pedidos, rezas, promessas, providenciando o que faltava.

Há nessa perspectiva, o anseio, no presente trabalho, de examinar o lugar do miúdo e compreender de que forma e o sentido dessa integração e transformação em sua

relação horizontal com o que ocorria no plano maior, principalmente por se tratar de populações assinaladas por diferentes níveis de desenvolvimento.

E no dizer de Santos:

Ao deslocar o centro, a subjetividade de fronteira coloca-se em melhor posição para compreender a opressão que o centro reproduz e oculta por meio de estratégias hegemônicas. É que na margem haveria uma certa “vontade de maximizar” as oportunidades de liberdade e autonomia. (SANTOS, 2000, p.254).

Nesse contexto, localiza-se o povoado de Pau de Colher como um *lócus*, onde a relação entre religião e miséria construía um lugar, para os envolvidos, que articularam religião, vida material, cultura dentro de seu cotidiano e, com base nos depoimentos, na história de vida verbalizada, a partir das “vozes do mato”, procurou-se abrir espaço para a presença dos seus atores, captando a linguagem dos remanescentes e, através das narrativas, alcançou-se o universo simbólico cultural dos participantes. Através do conteúdo das falas, foi possível captar a compreensão dos mesmos sobre o seu mundo de sobrevivência material, das experiências relacionadas entre esse mundo e suas práticas cotidianas de fé. As narrativas bíblicas que evocavam os ensinamentos do Evangelho em torno da doação, da humildade, da vida de sacrifício, da entrega; os benditos que expressavam seus anseios, seus afetos, suas regras de convivência e manifestam a relação com textos do catolicismo oficial; as rezas e promessas aos santos padroeiros que, aliados às necessidades da vida material vieram a propósito de que se aproximasse da cultura interpretada pelo homem do sertão, da caatinga.

O beato Senhorinho a memória dele era do juízo dele. Ninguém nunca ensinou, nunca entrou em escola. Não tinha pessoa mais sabida do que ele dentro do mato. Podia aparecer o que aparecesse ele lia tudo direitinho. Sabia tudo da Bíblia e contava tudo pra gente. Ele cantava os bendito muito bonito e a gente cantava tudo do mesmo jeitinho dele. (Simoa Pereira).

Minha escola foi um mês e dezesseis dia, mas eu nunca topei um formado pra me passar pra traz. Eu sei as reza da Bíblia, do

Evangelho e sei tudo de reza de encantamento, de livrar de pegada de cobra, de livrar de inimigo, contra bala. Aprendi comigo mesmo.
(Vicente Mendes).

As falas acima indicam que, mesmo sendo iletrados, praticavam e interpretavam um conteúdo religioso a partir de seus valores, seus modos de vida e seu entendimento.

Retornando ao contexto inicial, apesar de estar inserida na interseção dessas múltiplas, tensões (mundiais, nacionais e locais), procuraram os habitantes dos povoados e moradias da região do município de Casa Nova, onde está localizada Pau de Colher, dar substância aos seus anseios, inventando formas e lutando, mesmo a despeito da força do mando local, alargar o sentimento de pertencimento a um local coletivo e sobretudo demonstrar as possibilidades de uma autonomia individual.

Nesse sentido, vão compartilhando suas interpretações e suas formas de buscar “saídas” com quem quisesse também vivenciar esses “lugares de vida”, esses lugares onde os anseios tiveram uma filiação. *“Nós fomo tudo pra lá. Era um circão grande tudo o que era famia nas barraca e de lá era pra ir pro sitio Caldeirão que ia ser o terminal que era um lugar de igualdade”.*(Manuel Ribeiro).

Assim está sendo olhado o movimento de Pau de Colher.

2.2 SITUANDO A REGIÃO DE CASA NOVA

Segundo dados do IBGE, Casa Nova fica na região do Baixo Médio São Francisco cujas fronteiras estão situadas ao Norte com os Estados do Piauí e Pernambuco; ao Sul com os municípios de Uauá, Jaguarari, Campo Formoso, Umburanas, Morro do

Chapéu, São Gabriel, Jussara, Itaguaçu da Bahia, Xique-Xique, Barra e Buritirama; ao Leste com os municípios de Abaré e Chorrochó e a Oeste com o Estado do Piauí.²⁵

Ainda informando, o município específico de Casa Nova está situado ao Norte do Estado da Bahia, entre 40° 40' e 41° 56' 30'' de longitude oeste e 8° 45' e 9° 40' de latitude Sul, na micro região do Baixo São Francisco, à margem esquerda do Lago de Sobradinho em pleno sertão semi-árido, com altitude média de 317m.

Limita-se ao Norte com o município de São João do Piauí, ao Nordeste com o município de Dom Inocêncio-PÍ, ao Nordeste com o município de Afrânio- PE., a Leste com o município de Petrolina-PE., a Oeste com o município de Remanso-BA., ao Sul com o Lago de Sobradinho-BA.

As terras do Baixo Médio São Francisco têm atividade agrícola regular para lavouras, sem aptidão para a silvicultura e regular e restrita para a pastagem natural cujo clima árido e semi-árido, período chuvoso de janeiro a março, com altos riscos de seca é uma área inserida no polígono das secas em 100%, como aparece nos registros do IBGE.

Nessa região do Baixo Médio São Francisco, está situada Casa Nova, terras do governador Luiz Viana, cuja família historicamente comandou a região e, segundo historiadores, a gênese histórica do município de Casa Nova esta fundada mais na tradição do que em documentações. Aponta-se para essa região terras que margeiam e servem de leito ao Riacho Casa Nova, afluente do São Francisco, ricas em cloreto de sódio, cujas minas, segundo se presume, foram descobertas em fins do século XIX.²⁶

²⁵ Informações básicas dos municípios baianos, ISBN 85-7117-011-8, Baixo Médio São Francisco, Governo do Estado da Bahia. Secretaria de Planejamento Ciência e Tecnologia. Centro de Estatística e Informações. Salvador-BA., 1993.

²⁶ A descoberta possibilitou que nas terras da Fazenda Riacho de Casa Nova, de propriedade do Coronel Manuel Viana, surgisse uma povoação que ficou conhecida em virtude do progresso e desenvolvimento do seu comercio. Ver mais nas coletâneas que se encontram na Biblioteca Municipal de Casa Nova organizadas por Maria do Carmo Vieira da Silva em 11/12/2002.

Esse descobrimento concorreu para que, nas terras de propriedade do capitão José Manoel Viana, à margem esquerda do rio São Francisco, no ponto de confluência do Riacho de Casa Nova, a 25 léguas abaixo de Remanso, se tornasse conhecida e, em virtude do progresso do desenvolvimento do comércio do "sal", fizesse surgir, no local, um povoado composto principalmente por trabalhadores das salinas o que atraiu, mais tarde, sertanejos que ali se fixaram ou transitavam conduzindo boiadas vindas do Piauí, destinadas à Bahia.

Em conseqüência, estabeleceu-se um ativo e intenso comércio local, que tinha no sal seu principal produto, passando a ser gênero de exportação, o que resultou um intenso trânsito de barcas que floresceu no contexto da civilização do couro. Segundo o estudo de Melo (1989, p. 43), pode-se confirmar que Casa Nova era uma povoação que vivia essencialmente do fabrico do sal, exportando 4 a 5 mil alqueires ou, juntamente com outras salinas vizinhas, 40 a 50 mil alqueires atingindo, este sal, um preço mais elevado rio acima. Juntava-se, a essa atividade, a criação de vacum e a produção da agricultura de auto-abastecimento.

Todo esse progresso colaborou para que, em 03 de abril de 1873, fosse promulgada a Lei Provincial número 1.265, que elevou "São José do Riacho de Casa Nova", a categoria de freguesia de Santo Antonio do Remanso do Pilão Arcado. Em 1879, como sede da freguesia elevada à categoria de Vila, com o nome "Vila de São José de Casa Nova" e por Lei Provincial número 1873, de 20 de junho daquele mesmo ano, foi criado o município, permanecendo o mesmo nome, com território desmembrado de Remanso, mas seu funcionamento se verificou somente a 15 de novembro de 1888 com denominação atual que provém do Decreto número 7479, de 8 de julho de 1931, que simplificou para "Casa Nova" o nome do município cuja emancipação, em 20 de

março de 1938, lhe consagrou foros de cidade com cinco distritos: Casa Nova (sede), Bem-Bom, Luiz Viana, Pau-a-pique e Santana do Sobrado.

Em 1971, a decisão do governo Federal de construir uma barragem hidroelétrica na Cachoeira de Sobradinho, sob a responsabilidade da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), do grupo Eletrobrás, objetivando represar água para alimentar o complexo de Paulo Afonso, a fim de atender a demanda do Nordeste em energia elétrica, causou grande impacto entre as populações locais, cuja construção, à medida que as obras avançavam, fazia crescer a ansiedade do povo pela incerteza dos acontecimentos futuros. Preparada a festa de despedida da Velha Cidade, com atos religiosos, culminando com uma gigantesca procissão, no dia 01 de maio, consagrada ao Padroeiro São José, assistidos, também, por centenas de casanovenses vindos de várias partes do Brasil, configurando-se em um espetáculo comovente.

Ressalta-se que o momento mais marcante na morte da Velha Cidade (Casa Nova), ocorreu na implosão da Igreja Matriz, transmitida pela TV, causando emoção a todos e uma torrente de lágrimas nos casanovenses invadidos pelo sentimento de despatriamento e saudosismo de sua terra estremecida que ficou submersa nas águas do Velho Chico.²⁷

Como essa não é a preocupação, fundamental, desse trabalho não cabe, aqui, apresentar, com mais profundidade, esse momento da história do Município de Casa Nova.

A transferência para a nova cidade ocorreu afinal no dia 21 de fevereiro de 1977, quando o prefeito Clodoaldo da Silva Castro, tomando providências cabíveis junto à

²⁷ Realizamos, durante o ano de 2002, várias idas à região de Casa Nova Velha e Barra da Cruz Velha, com entrevistas de profundidade e posterior análise dos significados, que as mesmas me apontaram, com alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Petrolina, num trabalho de resgate da memória daqueles que foram atingidos pela inundação do Lago de Sobradinho em 1978.

Superintendência de Sobradinho, em especial da CHESF, assinou os atos legislativos emanados da Câmara de Vereadores a fim de legalizar a posse do território de Casa Nova. É oportuno frisar, pois a transferência geográfica culminou em uma nova fase administrativa, política, econômica e social de Casa Nova quando vislumbra-se surgir uma nova "Casa Nova" com outra arquitetura dotada de infra-estrutura mais moderna, sem que essa mudança tenha, porém, apagado da memória a “velha cidade”. Segundo seus habitantes, permanece na perene saudade e na eterna lembrança dos casanovenses que lá, nasceram e viveram, sempre evocada nas conversas dos velhos moradores saudosistas.

No que diz respeito ao domínio político em Casa Nova, aponta-se a presença histórica da família Viana que, desde a primeira República, consolida sua representação parlamentar com senadores e deputados estaduais e federais e, através dos estudo de Melo (1989, p.88) pode-se verificar que, o território dos Viana, Casa Nova, era delimitado e estendido sua influência política tanto no sentido de Remanso como de Juazeiro. Caracterizava-se pela não ingerência nos conflitos locais, ao contrário, agiam como elementos mediadores nos mesmos.

Esse aspecto pode ser visto nos depoimentos dos remanescentes de Pau de Colher que acusam Antonio Honorato Viana (seu Tonho, como chamavam) de não ter tomado providências imediatas quanto ao movimento, responsabilizando-o, alguns, pela demora em conter os caceteiros.

Seu Tonho, o povo já está matando gente. Seu Tonho é Antonio Honorato Viana, era parente de Dr. Adolfo Viana.

Seu Tonho dizia: tão nada, meu filho, eles só tão lá rezando.

E vinha outro e dizia: seu Tonho o povo lá tão terrível.

Seu Tonho respondia: Tão nada eles só tão rezando e de luto. (Alvina da Silva Pinto).

Meu pai vinha da notícia do ajuntamento deles, porque meu pai era um homem curioso, muito vivo, meu pai não gostava dessas coisas e vinha avisar em Casa Nova a seu Tonho, por que ele sabia que não ia

acontecer nada de bom. Mas eles não ligavam dizendo que eles só tavam rezando e reza não faz mal a ninguém. Até que deu no que deu.
(Maria da Silva Carvalho).

A família Viana tinha presença em quase todos os setores de atividades da qual não se podia fugir: eram proprietários de terra (das melhores terras), faziam arrendamento de terras, eram donos de barcas, eram donos de casa de exportação, criavam gado, plantavam algodão, etc... e, em qualquer ramo de atividade que se procurasse, estava um Viana o que, em consequência, fugir da coerção se tornava difícil.

Segundo depoimento dos moradores de Casa Nova, nos dias atuais, as pessoas já começam a se soltar porque a família Viana perdeu seu poder histórico.

Em 1992 ganha Orlando Nunes Chavier, PFL, e uma nova história começa a se contar, pois a família Viana sai do poder. O último Viana foi Gilson Viana de Castro, filho de Anísio Viana Castro, irmão de Adolpho Viana de Castro que era um chefão.
(Manuel de Anchieta da Silva Carvalho).

2.3 A REGIÃO E A RELIGIOSIDADE DE PAU DE COLHER

Situado à margem esquerda do São Francisco, o município de Casa Nova limita-se com Pernambuco pelo município de Petrolina e com Piauí pelo município de São João; com Remanso, BA., e pela margem esquerda do São Francisco com os municípios de Sento Sé e Juazeiro que também são baianos localizando-se, a região do movimento de Pau de Colher

A região atingida pelo movimento de Pau de Colher está incluída no triângulo delimitado pelos municípios baianos de Casa Nova e Remanso e pelo município piauiense de São Raimundo Nonato. Segundo Raimundo Duarte, a fazenda Pau de

Colher, lugarejo do município de Casa Nova, situava-se ao Norte e Nordeste de Casa Nova, entre os povoados de Ouricuri e Lagoa do Alegre.

Os municípios que tiveram participação no movimento foram: Casa Nova e Remanso, na Bahia; São João do Piauí e São Raimundo Nonato, no Piauí; Petrolina que se viu ameaçada na região de Afrânio, por onde passou a tropa do cap.Optato Gueiros; Juazeiro da Bahia de onde saiu o Destacamento do Vale do São Francisco.²⁸

A esse cenário geográfico atrelam-se os povoados e moradias por onde passaram os caceteiros e por onde circularam as forças acima, em incursões, durante três meses, na perseguição aos seguidores do beato Senhorinho, e que se seguem: Fazenda Barra, Lagoa do Alegre, Morrinho, São Bento, São José, Fazenda Lagoa Comprida, Sapateiro, Tanque do Bonito, Caiçara, Castanheiro, Baraúna, Batateiro, Lagoinha, Brejão, Grotão, na Bahia; Ollho D'Água e Cacimbas, no Piauí, Cachoeira do Roberto, em Pernambuco.

É oportuno ressaltar que a região em estudo (na época do movimento distava 90 Km de Casa Nova) caracteriza-se por estar na ocorrência do clima semi-árido, baixo índice de pluviosidade (típico sertão do semi-árido nordestino), contando com um clima que apresenta um período de chuvas irregulares (aproximadamente do mês de outubro a abril), a presença de uma paisagem de vegetação xerófila basicamente da caatinga e, estando Pau de Colher distante das margens do rio São Francisco, era impossível uma agricultura de vazante e que, segundo afirma Raimundo Duarte, (1969) é uma região que tem uma paisagem vegetal formada por espécies como o juazeiro, a macambira, o

²⁸ O envolvimento desses municípios pode ser constatado no Diário Oficial do Estado do Piauí, de 11, jan.1938, p. 01, através dos telegramas enviados pelos prefeitos daquelas localidades ao, então, interventor federal Cel. Fernando Dantas; nos Boletins do Esquadrão Motorizado da Polícia Militar do Estado da Bahia, no. 15 e 19, de 19 e 24, jan.1938, respectivamente e nos Boletins da Brigada Militar da Polícia Militar de Pernambuco, no. 22 e 24, de 28 e 31, jan.1938, respectivamente.

mandacaru, o xique-xique, a caatinga de porco, o umbuzeiro etc...que caracteriza a vegetação xerófila da caatinga brasileira.

Plantavam mandioca, milho, feijão, abóbora e desenvolviam pequena criação de caprinos e, no interior desse quadro natural, com um período de seca desenrolando-se aproximadamente de abril a outubro, a economia estava fortemente determinada pela seca.

(...) preenchiam as necessidades de subsistência que na região é sobretudo agravada pelas suas condições climáticas, o que obriga o camponês e toda a sua família desenvolverem uma grande atividade durante o período de outubro a abril a fim de não perderem as oportunidades oferecidas pelas chuvas de trovoada. (DUARTE, 1969, p.13).

Muito embora as condições aparentemente difíceis naquela região, caracterizada, pela presença da seca, constata-se em vários depoimentos uma enorme satisfação, por outro lado, com a terra, com o plantio, com o “viver no meu lugar”, como diziam. É importante ressaltar o prazer do caatingueiro pelo seu lugar de vida e a relação de sua existência com essas condições o que aparece na fala da maioria dos depoentes:

Meus pais morava na roça. Plantavam, feijão, mandioca, milho, tinha criação. Todo mundo tinha o de comer , vivia dentro de casa, nós vivia feliz. (Alvina Pereira da Silva Pinto).

Olhe, a senhora conte lá que eu quero morrer e ser enterrado aqui do lado da minha casa. Isso é o prazer de eu morar aqui nesse rancho e eu quero ficar aqui no meu terreiro. A morte é a morte mesmo, mas eu quero ficar aqui que é a vida..(José Tintino).

Percebe-se, também, que a vida não era um isolamento total, pois havia, embora em uma circulação restrita, o comércio através dos pequenos comerciantes e de alguns fazendeiros, que tinham em seus agregados, mão de obra para o transporte de mercadoria pelo município.

Neste tempo nós morava em Olho D' Água. O Janjão era negociante. Vendia de tudo. Vinha de Petrolina cargas de fazenda. (D. Marieta).

Eu fui comprar uma mercadoria de tecido em Petrolina e levar um frete na Fazenda Barra, deixar na casa do finado Zé da Barra. Então meu pai chegou de Petrolina e falou: as carga vem pelo Nicolau (era um outro negociante). Nós ia nos lombo dos jumento mesmo que era o nosso transporte. (Abel Moreira de Siqueira).

Vale registrar, também, a existência, desde 1913, do início das obras da antiga estrada de ferro Petrolina/Teresina e, em 1919, iniciada a escavação do trecho até Afrânio, cuja ação política do Presidente Getulio Vargas, durante a seca de 1932, é no sentido de minimizar a calamidade do povo (que estava se alimentando de raízes de angelim cuca e macambira),²⁹ autorizando, no mês de outubro de 1932, o reinício dos trabalhos de escavação da PT (Petrolina/Teresina).³⁰

Ressalta-se ainda que dentro dessas adversidades naturais encontrar um caatingueiro em determinado povoado é encontrar um seu parente, em outro. As relações de parentesco predominantes, nessa região, vão nos colocar diante de, por assim dizer, uma só família onde alguém é seu primo, cunhado, tio, irmão etc... E no dizer dos mesmos: *“Ele chega a ser meu primo, é filho do marido da minha tia”*.

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, as sociedades em que se desenrolam os movimentos messiânicos são sociedades de linhagem, de parentelas, de famílias extensas.³¹ Através dos depoimentos percebe-se que num ambiente desse, de relações familiares próximas, vislumbra-se sempre um casamento, inclusive orientado pelos próprios pais, que “arrumam” um casamento para o filho ou para a filha. No mesmo sentido, a vida na região é sustentada um pelo outro numa cooperação intensa e assim

²⁹ Essas plantas da caatinga contêm uma massa em suas raízes com a qual o caatingueiro fazia um mingau.

³⁰ Antes da estrada de ferro, uma viagem de Afrânio para Petrolina feita em lombo de burro, durava cinco dias. Com a Estrada de ferro reduziu para três horas de trem. Essas informações foram dadas pelo senhor José Teles último mestre de linha da Estrada de Ferro PT, hoje com 86 anos, cuja história dessa estrada de ferro está devidamente registrada em seus arquivos.

³¹ Você pode ver mais em Maria Isaura Pereira de Queiroz. O Messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Alfa/Omega, 1976.

as relações de trabalho (na roça, no criatório, no transporte dos produtos para a feira) tornam-se solidárias.

Outro aspecto importante é a religiosidade do caatingueiro. A sua religiosidade está marcada pelas bases históricas sobretudo com a presença dos capuchinhos italianos que vinham de longe através das missões do Brasil colonial.

Mesmo com a restrição sofrida durante a Independência do Brasil (1822), devido ao emocionalismo político contra os estrangeiros, no período após a Regência, em 1843, o governo do império manda buscar os capuchinhos na Itália: *“Em 1843, pelo decreto 285 9 21.6.1843), o governo imperial é autorizado a buscar missionários capuchinhos na Itália”*. Silva (1988, p.19).

Percebe-se que as bases religiosas estavam ligadas aos capuchinhos italianos como missionários, responsáveis pela evangelização do interior, ao contrário dos lazaristas franceses que se dedicavam mais aos seminários.³²

Compreende-se que a religiosidade na região e em Pau de Colher, embora derivem do catolicismo oficial, vai se adaptando ao seu modo de vida, costumes, cultura do caatingueiro (catolicismo rural) já que o contato com a Igreja Católica só se fazia nos momentos da desobriga³³ ou quando as pessoas se deslocavam para a sede do município, nos momentos de festividades (casamentos, batizados, festa de Natal e Ano Bom) ocasião de contato com o catolicismo oficial o que iam adaptando para o seu

³² Bandeira,(2001, p. 156) também vem confirmar, “as missões religiosas foram outro fator explicativo para a ocupação do Nordeste da Bahia”, dando conta da presença de padres capuchinhos e franciscanos nas missões.

³³ “A Desobriga correspondia a visitas esporádicas de padres pelo sertão às quais tinha o intuito de batizar, casar, celebrar missa na fazenda principal”. (Padre Manuel Lira Parente, Fundação Ruralista, Dom Inocêncio-PI, 22/10/2002).

contexto de vida, para o seu mundo e, assim, construindo, relacionando suas crenças às condições do meio ambiente em que viviam.³⁴

Com base nos depoimentos, de forma expressiva, é costume, ainda hoje, alguns moradores mais “entendidos”, terem seu oratório na sala de sua morada e promover as rezas dos santos mais populares (Bom Jesus da Lapa, Santo Antonio, Santa Luzia, São Gonçalo) momento em que junta muita gente em seus terreiros. É a festa permanente que no dizer de Monteiro (1974, p. 69) “*na vida sertaneja comum, a festa religiosa ocupa um lugar de destaque*”. A maioria dos remanescentes entrevistados evidenciam uma ligação íntima, no que diz respeito às manifestações das práticas devocionais em Pau de Colher com as práticas tradicionais da catolicismo oficial. É oportuno ressaltar que ainda hoje, na região do circuito do movimento, os rituais são os mesmos.

Os agentes do sagrado como José Senhorinho, José Lourenço, Quinzeiro e outros estão substituídos por outros, como seu Abi Marques, que mora hoje em Tanque do Bonito-BA., que é procurado para tirar reza, cantar benditos, organizar festa de padroeiros, por ser “entendido” da leitura.

As penitências, as procissões, os festejos, as romarias introduzem homem/Deus numa relação recíproca de intervenções. É o momento em que projetam a viagem ao Caldeirão tendo como momento de “purificação” e penitência, os dias que passariam em Pau de Colher até a grande viagem numa “nuvem”.

Vejam os que nos relatou seu Vicente Mendes um dos remanescentes que já era “rapaz feito” quando foi para o Pau de Colher:

Todos os dia a gente pegava o terço para rezar. Tinha a hora que era a do beato Senhorinho. Ele pulava de uma perna só caminhando pelas fila de home e de mulher. A gente saía de romaria em romaria pelo acampamento todo, todo mundo, era uma festa. A cantoria dos bendito e as reza era para dá proteção pra nós chegar lá no sítio Caldeirão.

³⁴ Brito (1999, p. 48) localiza a religiosidade do homem da caatinga que “a partir de seu comportamento religioso, expressa toda uma cultura da caatinga da zona “Sanfranciscana”.

Era meio mundo de gente tudo ali unido. Era como uma comunidade de fiel. Os santo que cada um carregava e pedia ajuda na hora do sermão do beato Senhorinho. O beato Senhorinho era home sabido. Falava que era uma beleza. Era a fé do povo e a religião. Pau de Colher era como nós tava numa penitência.

A ausência da Igreja Católica, pois os padres só apareciam de tempo em tempo para a desobriga, como foi comentado, a ausência da medicina oficial e de escolas favoreceu a construção das crenças e práticas tradicionais/alternativas que vão receber a cobertura de um contexto simbólico que dá dinamismo a essas práticas e que recobre a vida do sertanejo.

No entender de Raymundo Duarte, (1969, p.6), a região do Caldeirão de José Lourenço, “representava um centro de dispersão de “beatos” que se dirigiam ao São Francisco, ou para outras direções no sentido de “aconselhar” o povo no cumprimento dos padrões ideais de conduta moral e religiosa”.

O cotidiano da região de Pau de Colher estava representado por um espaço onde a morada está associada ao espaço da produção, do criatório, do tanque, do oratório. Trabalho e devoção se misturam; condições de sobrevivência e práticas de fé (rezas, benditos, romarias, promessas, penitências) criam textos que falam e expressam suas necessidades “Olhe, aqui é assim, é coisa simples. *A vida aqui de nós tudo é tranqüila. A gente luta com a terra todo dia, falta água a gente reza, faz promessa e espera. Deus manda chuva a gente paga a promessa. A vida da gente é plantar e rezar e tudo é isso é nossa riqueza*”. (Abi Marques).

O que se percebe na região de Pau de Colher é que as expressões do modo de vida de uma cultura rural, onde as questões relacionadas às regras, às normas, aos valores tornam-se referências de suas condutas. A religiosidade manifestava-se a partir do catolicismo oficial que os mesmos interpretavam dentro de suas práticas e modos de

vida. Em conseqüência, essa religiosidade vai se originar da compreensão do mundo e das relações com o meio.

Este catolicismo que concentra a atenção nos santos padroeiros como a figura de São José (que era incorporado por Senhorinho), Nossa Senhora da Conceição, Bom Jesus da Lapa, Santo Antonio, vai manifestar-se num cotidiano onde o conjunto seca/chuva advém da presença de um Deus que castiga e que concede a graça.

A autonomia expressa pelo catolicismo rural, pela religiosidade das populações dos Sertões do Nordeste concretiza-se pela presença dos atores líderes, homens que são “entendidos” na leitura da Bíblia: rezadores, beatos, conselheiros. São agentes do catolicismo que coexistem com os agentes oficiais do catolicismo oficial que saem pelos povoados pregando e aos quais os habitantes depositam inteira confiança de atuação em novenas, nas festividades dos santos padroeiros, nos cantos dos benditos, nas rezas.

Monteiro (1974) nos ensina, ainda, que o “catolicismo rústico” enfatiza sua autonomia em relação ao catolicismo oficial, manifesta para ele nas “práticas mágico-religiosas curativas”, nos “recursos de autodefesa e proteção” e na “tradição das festas dos padroeiros locais”. E ainda afirma que não há uma hostilidade em relação aos agentes eclesiais oficiais, mas que tornam sua presença dispensável.

Como já foi comentado neste capítulo a influência das práticas desenvolvidas pelos capuchinhos nos sertões baianos correspondem as “santas missões” que, segundo Silva (1988), “*respondem à fome de Deus muito grande que tem o nosso povo*”.

As procissões para cumprir penitências, os benditos cantados em alta voz reafirmavam a unidade do grupo em Pau de Colher no sentido do que vislumbravam: a salvação.

Para o povo de Pau de Colher essa religiosidade, continuada do seu dia-a-dia, transportados para o “adjunto”, significava experimentar, de forma mais profunda, a religiosidade coletivamente e instrutiva na vida e na luta cotidiana.

O grupo reunido em Pau de Colher cantava os benditos, andava, no acampamento, carregando cruzeiros e tinha, durante todo o dia, os rosários nas mãos. Agarrados às imagens dos santos devotos e principalmente, à imagem do Padre Cícero, tinham na reza sua principal atividade.

O que nos transmite o cel. Maurino Cezimbra Tavares, nos fatos que relata em 30 de março de 1950, trabalho apresentado ao Instituto Baiano de História, nos coloca diante dessa devoção quando descreve como se encontravam os seguidores após a invasão do “adjunto” pelas tropas do cap. Optato Gueiros:

Pendidos aos pescoços cordões com a medalha tendo em um dos lados a efígie do Padre Cícero. Estavam vestidos de roupa preta, amarradas à cintura, com cordões com cinco nós. Eram muitos cacetes e cruzeiros ao lado dos seus corpos. Os informantes revelaram que os seguidores acompanhavam Senhorinho cantando e repetindo os textos dos benditos embelezados pelas prédicas bíblicas cuja leitura era feita ao amanhecer e a tarde, à hora da Ave Maria.

Todos esses elementos são reveladores da forte presença de uma cultura oral cujo conhecimento bíblico foi adquirido num processo de alfabetização compartilhada durante as rezas, as prédicas, as procissões, os sermões etc...

Sustentados por Brito (1999), que trabalhou a religiosidade de Pau de Colher na tradição oral, ilustramos a importância dessa oralidade quando diz:

Passou a ser significativa, para nós, nesta pesquisa, uma tradição de oralidade que se manifesta na religiosidade popular mediante o cântico de benditos, a declamação de bem-aventuranças, assim como de versículos e parábolas bíblicas (...) a cantoria de benditos e ladainhas constituiu-se numa das formas de manifestação religiosa de Pau de Colher.

Dialogando com Pau de Colher a partir do meio natural, de Deus e dos indivíduos componentes desse evento; dialogando com a miséria e a religiosidade em Pau de Colher; dialogando com o íntimo, com o corpo, com a fome, com a esperança dos remanescentes, percebe-se que, o catolicismo rural empunhado pelo homem sertanejo, projetavam na religiosidade uma via para a passagem de uma revolta inconsciente, revolta de indivíduos que talvez já se sentissem socialmente mortos. Pau de Colher, onde beatos e conselheiros assumem papéis preponderantes na prática de uma cultura entre a miséria e a religião, abre espaço para uma história de vida. Pau de Colher expressaria ou silenciaria suas revoltas interiores “*Seu Teodoro, o senhor pode dizer o que foi Pau de Colher em sua vida*”? Ele, baixou a cabeça. Ficou em silêncio.

3. O MOVIMENTO PAU DE COLHER

*E se somos severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos severinos
Iguais em tudo na sina.*

(João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina)

3.1 A ORIGEM: O CALDEIRÃO DE JOSÉ LOURENÇO

Muito embora se queira situar o movimento de Pau de Colher como um momento onde, a expressão do povo que a ele se juntara, toma personalidade própria da região onde o mesmo aconteceu, não se pode falar do mesmo sem fazer alusão ao sítio Caldeirão de José Lourenço.

Há em quase todos os depoimentos, referências àquele beato e, no centro deste, uma outra figura inquestionável, o Padre Cícero Romão Batista, que congregava multidões ao seu redor.³⁵

É sabido, também, que José Lourenço e Padre Cícero tinham uma profunda ligação, pois após uma grande peregrinação, para descontar suas maldades, Padre Cícero confiou-lhe a missão de ir para Baixa Danta, no município do Crato-CE., com um grande número de pessoas, e fundar uma comunidade que se dedicaria ao cultivo da terra.³⁶

Através não só de depoimentos, mas também de matérias de jornais e Boletins das Polícias Militares, tomou-se conhecimento da alusão ao nome do beato José Lourenço no evento de Pau de Colher . Os seguidores de Pau de Colher não conheciam de fato o beato José Lourenço, mas conheciam Severino Tavares e Quinzeiro que eram discípulos do mesmo e que teriam vindo do sítio Caldeirão e José Senhorinho que teria feito algumas visitas ao beato para aprender sobre a irmandade.

³⁵ Roger Bastide afirma “e o povo encarava-o como seu verdadeiro chefe espiritual”. Brasil Terra de Contrastes (1978, p.103).

³⁶ Segundo Bruno Bacelar de Oliveira (1998) “É sabido que José Lourenço pertencia à ordem dos penitentes e que há muito tempo vinha enviando beatos com o objetivo de fundar núcleos de cooperação para a lavra da terra e a criação de gado”.

Atente-se a um dos trechos da fala de Rufino Rodrigues de Souza³⁷: *“disse que era para ir para o sítio Caldeirão para ir se salvar. Ele chamava Zé Lourenço”*.

Uma outra notícia do Jornal O Estado da Bahia dizia: *“na vila de Casa Nova refugiam-se inúmeros fanáticos do beato José Lourenço do Ceará, percorrem o município saqueando e matando tendo assassinado na povoação de Pau de Colher o fazendeiro José Rodrigues de Souza e dois primos seus”*.³⁸

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976, p. 282) localiza o Padre Cícero, no Nordeste e José Maria, no Sul como polarizadores em torno de si e dando origem a vários embriões de movimentos tendo como o primeiro deles o beato do Caldeirão ou beato José Lourenço, afilhado de Padre Cícero, em quem, após a morte do padrinho, se pretendeu reconhecer uma reencarnação deste ou pelo menos um enviado que o substituiria.

Através do conteúdo dos discursos dos beatos tomava-se conhecimento de que iriam para a “terra prometida” que era nos “Caldeirão de José Lourenço” e que lá iriam esperar a vinda do “Padim Ciço”, que era preciso entregar tudo o que tinham, os recursos, os bens, o corpo, a própria vida *“a gente levava tudo o que tinha e entregava a Senhorinho por que não ia precisar mais. A gente ia morrer e depois voltar porque Deus, ele, dá tudo de volta até a vida da gente. Deus não deu seu filho por nós?”*.³⁹

Nesse sentido, podemos localizar a leitura maussiana da dádiva cristã onde situamos uma reflexão de Pau de Colher para além de uma leitura utilitarista das práticas de fé

³⁷ Rufino Rodrigues de Souza era filho de José Rodrigues de Souza, conhecido como José da Barra, cuja fazenda Barra fora atacada pelos caceteiros no qual ataque morrera o próprio José da Barra e dois primos, Cacoisa e Rubem. Foi, a partir desse ataque que, segundo relatos, começara a fase agressiva do movimento(Livro de Campo, entrevista feita em 17/11/01, na Fazenda Barra, p.21).

³⁸ Jornal O Estado da Bahia, 30, dez.1937.

³⁹ Lourival de Souza Rodrigues, filho de Pedro Benvenuto, um dos “mandados” de Senhorinho. A avó Graciliana Rodrigues era a rezadora ra chefe do Adjunto. Entrevista feita na Fazenda Lagoa Comprida, março de 2003

que estão *diretamente influenciadas pelas obrigações mútuas que a “graça” produz entre os atores do campo religiosos*”. (MAUSS apud MARTINS, 2002, p.14).

O vale do Cariri, onde está situada a região de Juazeiro do Norte, Crato, sítio Caldeirão, sítio Baixa d’Anta ficou conhecido e visitado por ser um centro de referência religiosa e faz fronteira com o Ceará e Pernambuco.

No sítio Caldeirão, todos trabalhavam. O sítio era composto por roças, engenhos, cercados, açudes sendo os instrumentos do dia a dia, machado, foice, enxada, as rezas, as romarias, os sermões do beato. Todos trabalhavam, inclusive o beato Zé Lourenço. Os que convergiam para lá vinham de muitos lugares: Pernambuco, Ceará, Paraíba, Alagoas, Piauí e eram muitos, cerca de duas mil pessoas.⁴⁰ A produção era depositada em armazéns e distribuída para a comunidade.

Era uma experiência inovadora para a região e para aquele tempo. Trata-se para Raimundo Duarte (1969, p. 6) de um grupo coeso e auto-suficiente e que não havia dúvida de que os fatores que determinaram a coesão do grupo, eram as atividades religiosas e econômicas realizadas no plano comunitário.

Em suas andanças, Severino Tavares passou por Pau de Colher onde conheceu José Senhorinho e observou que era um bom conhecedor da doutrina religiosa fato que o faz encarregá-lo pela condução de todo o povo da região.⁴¹

Assim, Pau de Colher fazia sua ponte com o sítio Caldeirão na medida em que os fundamentos religiosos ali vividos tinham sido calcados pela difusão das práticas de fé, da vida comunitária e da terra prometida e constituía-se num lugar para o qual todas as aspirações deveriam se conduzir. Os participantes de Pau de Colher tinham, como

⁴⁰ Pode-se obter mais informações em: Raymundo Duarte (1969); Raimundo Estrela (1999); Ruy Bruno Bacelar de Oliveira (1998); Rui Facó (1963).

⁴¹ Ver mais sobre o assunto na obra “De caldeirão à Pau de Colher: a guerra dos caceteiros de Ruy Bruno Bacelar de Oliveira (1998, p.53); Duarte Raymundo “O movimento messiânico de Pau de Colher” (1969, p.16).

“novo lugar” de vida, o sítio Caldeirão, e isso pode ser reconhecido expressivamente na maioria dos depoimentos.⁴²

3.2 O INÍCIO: ELES CHEGARAM REZANDO

Primeiro veio um conseeiro, o Severino, aconselhando o pessoal e rezando muito, ensinando o bendito.

*Disse o pobre paciente
Riqueza não quero ter
Só quero um cantinho na glória
Salvação quando eu morrer.*

*Disse o rico impaciente
Riqueza eu quero ter
Indas que eu vá pros inferno
Lá não vai ninguém saber*

Depois veio o José Senhorinho rezando nas casa. Ele pregava, rezava o terço. Ninguém nunca ensinou ele. A memória dele era do juízo dele. Nunca entrou numa escola. Não tinha pessoa mais sabida do que ele dentro desse mato. Podia aparecer o que aparecesse, ele lia tudo direitinho. Ele usava um rosário no pescoço. (Simoa Maria Pereira).

Depois chegou o Quinzeiro que era o chefe deles. Ele não ficava dento da casa, não, era no mato assim afastado e não gostava de ajuntamento ao redor dele. Esse foi o derradeiro que chegou e veio do Caldeirão. (Maria de Oliveira Rodrigues).

Raimundo Estrela (1998, p. 27), vai colocar na figura do Padre Cícero Romão Batista, os condicionantes remotos de Pau de Colher, figura de grande projeção que dominou o Norte e Nordeste do país durante anos.

Após o cerco do cap. Optato Gueiros, que durou três dias, foram encontrados pelos policiais militares da Bahia, rosários e medalhas pendidas ao pescoço dos seguidores, tendo em um dos lados da medalha gravada a imagem do Padre Cícero.⁴³

⁴² “Nós ia tudo pro sítio Caldeirão do tal Zé Lourenço porque lá a vida era uma igualdade. Tudo o que nós tinha agora ia ter em dobro, tudo certo: a casa, o criatório, nossa família e a igreja onde Zé Lourenço fazia os sermão”. (Maria Beata, Morrinho-BA., 02/03/03):.

Tavares (1950, p.25), aponta a presença do ideário do Padre Cícero, no contexto do movimento, ao se referir, no seu relato ao comando maior da polícia militar da Bahia, como encontrou o adjunto, após o cerco do cap. Optato Gueiros e alude o fato de “os fanáticos *terem pendidos aos pescoços rosários com medalhas, tendo em um dos lados gravadas a efigie do Padre Cícero (...) de que a religiosidade mórbida foi um dos fatores, senão o único da reunião dos indivíduos...*

Após sua morte, em 1934, os padres salesianos ocuparam a paróquia e os grupos caboclos se dirigiram para um dos sítios do padre, o sítio Caldeirão, local onde se estabeleceu o beato José Lourenço.

Severino Tavares era um dos que militavam no Caldeirão e que partiu, mais tarde, em direção à região do São Francisco, aconselhando as populações que viviam nessa região, como está registrado nos depoimentos acima. Em 1935, segundo o depoimento do senhor João de Souza Rodrigues, chegou na região “*o conselheiro Severino que passou três anos rezando e fazendo romaria e pregando que não tivessem medo de morrer porque em sete anos voltariam, jovens e ricos*”.

Severino Tavares falava sempre sobre o padre Cícero e aconselhava que quem quisesse visitá-lo fosse até o mês de junho (1934). Em suas andanças, atravessou Pernambuco, penetrou no município de Casa Nova, no norte da Bahia, e foi para Ouricuri-BA., bem próximo da região de Pau de Colher.

Falava sobre o fim do mundo e aconselhava que, aqueles que não tivessem seguindo um caminho reto, deveriam fazê-lo. Pedia união dos caboclos, pregava normas rígidas de comportamento, o desapego aos bens materiais, a entrega de sua vida a Deus, uma melhor educação dos pais para com os filhos, o amor ao próximo, a feitura do sinal da

⁴³ Tavares alude ao fato de que, através de depoimentos de alguns, no adjunto prevalecia a leitura da Bíblia pelo beato Senhorinho acompanhada de prédicas feitas em altas vozes e que os cacetes eram símbolo da fé. (1950, p.25).

cruz e as orações. Rezava ofícios, orações e ladainhas e cantava muitos benditos onde aparecia a preocupação com o respeito às relações familiares e a promessa de Deus em torno da nova morada. “*É necessário reintegrar os pobres e, para tal efeito, tudo o que é supérfluo deve ser dado*”. (MAUSS apud MARTINS, 2002, p. 180). A morte em Pau de Colher ganha o sentido da vida e vai dá o sentido à morte do doador primeiro: Jesus.

*Bendito louvado seja
Minha virgem da Conceição
Neste mundo eu quero a vida
Lá no outro a salvação*

*As mulher que são casada
E são falsa aos marido
Estão na porta do inferno
Já estão preta denegrada*

*Os home que são casado
Que são falso as suas mulher
Neste mundo é desprezado
No outro Deus não lhe quer. (Maria Ferreira Santos).*

Conforme o depoimento de Dona Simoa, observa-se que José Senhorinho era uma pessoa esclarecida e conhecia a Bíblia, admirado por ser “sabido”. Viviam nessa época, em Pau de Colher, três famílias chefiadas por Romualdo, Rosendo e Luis Carlota.

Dentre as pessoas que viviam em Pau de Colher, José Senhorinho, sabia ler muito bem a Bíblia e, dessa forma, adquiriu prestígio junto aos moradores daquela região.⁴⁴ Além disso, era “rezador” e um dos mais importantes lavradores do lugar. Sua família plantava milho, feijão, algodão, mamona que eram produtos de comercialização de grande peso, naquela época.

⁴⁴ Brito (1999, p.39) faz referência à Bíblia afirmando que: “ (...) nos encontros realizados aos domingos, foram assimilados de tal forma que a Bíblia tornou-se a principal referência de suas vidas (...).”

Quando passou por Pau de Colher, Severino manteve contato com Senhorinho e ficou admirado com seu conhecimento sobre a Bíblia e tudo o que perguntava, ele trazia a resposta certa. Os livros estudados eram: A Bíblia, Caminho Reto e Missão Abreviada. Com a sabedoria e liderança de Senhorinho era certo que Severino Tavares o deixasse responsável por toda a gente daquela região que passou a se reunir em sua casa aos domingos. Vinha gente de todos os lugares. *“Juntava gente que era um desastre nos sermão”*. (Dona Marieta).

Raimundo Estrela, (1998, p. 119), diz que Senhorinho esteve em Juazeiro-CE, era trabalhador e negociante, depois se tornou curandeiro e místico.

Ouvir pessoas que falavam sobre as coisas boas do paraíso era um caminho para superar as vidas sofridas, os corpos exaustos, um alento para o desespero, para suas dificuldades, suas necessidades diárias que entendiam como algo natural concedido por Deus e o único caminho para o alívio seria através de Deus: castigo e recompensa *“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos”* (Mateus, 5-6).

A vida das pessoas na caatinga circula em função do plantio, da criação e das rezas.

De dia vamos pro mato, limpar e plantar. De noite, ao redor do oratório fazemos nossas rezas e entregamo nossa vida a Deus e assim fica a família toda. Nos dias de festa de santo a reunião é maior aqui em casa, no terreiro. A gente se junta para agradecer pela água da chuva que encheu nosso cachi e, aqui na minha morada, o enchimento do tanque, aquele lá que eu mostrei a senhora, aquele grandão.(Abi Gomes Marques)

A possibilidade de conviver no meio rural, durante alguns dias, permitiu uma melhor avaliação da vida de seus habitantes do acordar ao anoitecer. É um convívio permeado por atividades diárias na roça e à noite o livro de oração cujas rezas vão ser orientadas para os pedidos em torno do que lhes falta e a cura de doenças. Do momento de

oração, observa-se que a interpretação dos escritos, da Bíblia e dos Ofícios, fica por conta, principalmente de quem sabe usar o espaço da fala e na maioria das vezes é aquele que “sabe mais”, ler e interpretar e, nesse sentido, os demais seguem sua orientação.⁴⁵

É um ir e vir, entre a leitura e a interpretação deles próprios de uma prática religiosa (sem interferência da igreja que só aparece no meio rural de tempos em tempos), alicerçada no exercício das relações de solidariedade e fé cujos vínculos foram efetivados no cotidiano da labuta diária, através dos seus rituais religiosos, gestos, olhares, sorrisos, tristezas, decepções, esperanças, uma palavra, um abraço, um cumprimento que privilegia o vínculo “*de preferência aos bens e sua dimensão simbólica ganha mais importância que a dimensão funcional e utilitarista*” (MAUSS *apud* CAILLÉ, 2002, p. 231). Assim, o caatingueiro vai dando seu contorno próprio aos momentos religiosos e, certamente, ligando as rezas, os pedidos, as promessas, aos componentes do meio ambiente dos quais precisam para continuar a vida junto aos familiares (filhos, noras, genros, netos, bisnetos, cunhados) que vão permanecendo, ali nas terras, constroem suas casas e vão se agregando. Vias alternativas que vão criando para explicar e solucionar seus limites. Evidente que a religiosidade construída na zona rural, pelos seguidores de Pau de Colher, mostra um outro viés em relação ao Estado que se firma na ótica de um catolicismo oficial, do urbano, do civilizado e, no caso do Estado Novo, na esteira de um Estado forte, centralizado e nacionalista.

⁴⁵ Como todos os depoimentos, sem exceção, foram realizados pela pesquisadora, pudemos observar a forma como dialogam com seu cotidiano, como a cultura está impregnada por valores de respeito aos mais velhos, como o exercício cotidiano do ministério do Evangelho aloja características da tradição das missões religiosas católicas entrelaçada com a cultura caatingueira.

A notícia da chegada de Quinzeiro em 1937, em Pau de Colher, após a destruição do Caldeirão provocou uma corrida dos moradores para Pau de Colher, no final de 1937 (dezembro) com a notícia de que o mundo estaria próximo de se acabar.

Sua missão era lembrar a comunidade de José Lourenço, no Crato. Não admitia aglomerações e no dizer de Raimundo Duarte, ele não gostava de “magotada”⁴⁶.

Muitos que vinham ver Quinzeiro permaneciam ali trazendo consigo seus pertences, inclusive seus santos. “*O Quinzeiro tinha chegado do Piauí. Ele deitava de trás da casa, numa rede, afastado dos outros*”.(Simoa Maria Pereira).

As significações sociais que fundamentam o porquê da realidade, da experiência religiosa de Pau de Colher estão de forma clara voltadas para a marca natural-religiosa. Os remanescentes concebem Pau de Colher no interior de suas vidas cotidianas de miséria, de pobreza, da relação entre as condições minguadas de vida que vão construir um universo simbólico, que o movimentou, a partir de sua religiosidade. Pau de Colher não seria o desembocar de uma consciência social porque os remanescentes desligam sua condição de vida da esfera da responsabilidade dos poderes públicos, desligam seu cotidiano, as faltas, as ausências da ação dos governantes. Ao contrário vão alojar Pau de Colher, dentro do entendimento das explicações naturais e religiosas, do ideal de salvação, do entregar a pobreza, a escassez, tudo o que lhes pertencia, sua própria vida no sentido de compartilhar com o plano de salvação bíblico, do ato sacrificial, do entregar-se, da morte. Submetidos, os seguidores, ao plano divino, Pau de Colher seria o encontro da pobreza com a bondade divina, das faltas com os preenchimentos, dos sofrimentos com o alívio que exigiu um ato de doação através do sacrifício com a entrega de suas dores materiais e de suas esperanças espirituais “*o caminho da vida, da*

⁴⁶ Aglomerações

ressurreição, para seus adeptos".⁴⁷ Era a vida social representada pela miséria e pela religião movimentada pela construção de um universo simbólico que vinha falar das suas necessidades, pedir ajuda para as mesmas, agradecer o retorno dos pedidos feitos, prometer fidelidade ao divino, oferecer-se em holocausto para a salvação. As rezas, os benditos, as romarias construídas a partir do contexto vivido, da realidade próxima, dirigindo a vida social. As festas de santos padroeiros, as imagens dos santos (São José, Santa Luzia, Bom Jesus da Lapa, Santo Antonio) sobre os quais, ao pé do oratório, fazem e acreditam no retorno aos seus pedidos, os rituais em torno dessas festas, as comemorações do São João, do Natal, do Ano Bom, as crenças, o significado do sapo que canta na "beira" do rio, a presença de formigas dizendo da presença de água, da flor da macambira, quando cai sobre o solo, das plantas utilizadas para curas e bebidas (mulungu, Jurema).⁴⁸

Os remanescentes reconheciam os componentes de suas vidas do dia-a-dia e sabiam do lugar de importância de cada um deles dentro de sua cultura. Conviviam com a roça, com o criatório, com os tanques cheios ou secos, com o pasto verde ou seco, com a importância da morada, da família, das funções de cada um no processo de produção das condições de sobrevivência; conviviam cotidianamente com o oratório, com os santos padroeiros, com as promessas, com os pedidos criando um universo simbólico que dinamizava seu tempo, seu lugar, sua espera, seus anseios, com uma idéia de Deus que vinha punir e defender. O que precisavam a nível material eles sabiam: a água; a nível espiritual: um Deus provedor, bondoso, suas bênçãos. O que queriam alcançar? A maior parte dos depoimentos aponta para uma vida material melhor que seria no sítio

⁴⁷ "No entanto, esta lógica que introduzia o mensageiro na mensagem, sua morte no domo, seu corpo e seu sangue na troca graciosa (...) se a lógica da dádiva graciosa (...) também serviu para a introdução da linguagem sacrificial no cristianismo" é o que pode ser aprofundado no livro "dádiva entre os modernos" (Martins 2002, p.181).

⁴⁸ Alfredo Gomes (1998) abordando sobre "as formas de apreensão e representações sociais do por quê da existência da realidade seca", localiza o fenômeno sob um prisma natural-religioso.

Caldeirão onde, através da via religiosa, construiriam a passagem para acalmar as inquietações interiores, o martírio do corpo, o preenchimento da fome com o alimento em abundância, onde suas ansiedades seu desespero seriam resolvidos “*Eles diziam que a gente retornaria rico e novo lá no sítio Caldeirão junto com o padim Ciço, lá era o lugar onde não faltava nada*” (Maria Ferreira Santos).

Na realidade, a partir do momento em que deixaram tudo para trás, abandonando suas casas, suas famílias⁴⁹, seus criatórios, quartos cheios de cereais, uma vida..., pode-se considerar que buscavam um outro lugar onde o vivido pudesse ser diferente, onde o lugar de sentido estivesse ligado à vontade divina uma forma inconsciente de pensar a mudança.

É nesse contexto que vai ser construído o lugar Pau de Colher.

3.3 PAU DE COLHER E O SÍTIO DO SAPATEIRO

A área é realmente muito grande. Um espaço no meio da caatinga que começava plano para em seguida, continuar com uma pequena elevação.

O silêncio nos transportou para o passado. O movimento começou a ser visto no interior desse espaço, desse “limpo grande”, como falou um remanescente: “*era gente que negrejava*” rezando, cantando benditos, as latadas cobertas de ramos, de palha da natureza.

O lugar onde era a casa de Senhorinho começou a tomar vida. Gente se agregando para rezar e se aconselhar. A busca da salvação. Entregaram tudo. Todos os pertences, seus

⁴⁹ Muitos foram sem seus familiares, no início, como é o caso de Dona Maria Nascimento cujo marido, voltando, após uma visita a Pau de Colher de cabeça raspada para buscar suas coisas, foi sozinho, pois a mesma não o quis acompanhar. Foi em seguida, pois toda a sua família estava lá.

bens. Deixaram as casas abertas. Correram para, em volta de Senhorinho, se agregar, passando o mesmo a ser uma figura “santa” e aquele que os conduziria à salvação.

As pessoas levavam alimentos, santos que guardavam em casa e cada um ia procurando um “cantinho” para ficar. O cantinho que lhe determinaria um lugar no paraíso, um lugar diferente daquele que estavam acostumados a viver. Abdicavam, sem restrições, sua vida familiar, sua vida conjugal. Nada importava dentro dos objetivos que definiram para suas vidas.

No “reduto”, no “mafuá”, no “coito”, no “balaio”, no “reboição”, no “circo”, no “adjunto”, no “redemoinho”, o que tenha sido denominado, o dia-a-dia era marcado pelas rezas que antecipariam a ida para o Caldeirão.⁵⁰

Alguns seguidores se destacavam por fazer parte do primeiro *staff* de Senhorinho: as rainhas⁵¹, que tinham progressão entre os beatos: os homens de missão como José Camilo, Anjo Cabaça, João Damásio, Pedro Benvenuto.

Ouçamos o que dizem os remanescentes:

Aí fiquemo lá fizemo uma barraca de folha. A casa deles era no meio. Era um limpo e as barraca por fora, era uma maiada grande, terrível. Era só nessa labuta, era rezando, de dia e de noite. Lá o de comer era o pintado, milho e feijão. Quem queria se salvar subia nas galha dos juazeiro, cansei de ver o povo subindo nas gaia do juazeiro e caindo, home e muié. Os mandado deles como o José Camilo e outros tinham orde de puxar reza. (Maria Nascimento).

Quando Deus mandava chuva os tanques enchia tudo e era a fartura. Tendo água no mato a gente tem a riqueza mas isso depende de Deus mandar e aí tem os planeta também. Quando nós foi tudo pro Pau de Colher nós levamo tudo o que tinha e lá caçamo um lugarzinho pra ficar esperando a salvação de Deus. Nós ia pro sítio Caldeirão. (José Justiniano Reis).

⁵⁰ Essas expressões foram utilizadas por alguns remanescentes onde se percebe um forte peso da representação social do adjunto feita pelo Estado e pela Igreja.

⁵¹ As rainhas eram as mulheres mais bonitas escolhidas, por Senhorinho, para fazerem parte do rol das Santas/madrinhas cujos seguidores deveriam tomar a bênção. Eram respeitadas e algumas, como dona Graciliana Benvenuto, seguia muitas vezes em missão para puxar as rezas ou mesmo era carregada em um andor, dentro do adjunto. Dona Josefa de Souza Rodrigues, sua neta, representava Santa Verônica. (Entrevista feita na Fazenda Lagoa Comprida, de propriedade da família Benvenuto, em 06/03/2003). Dona Josefa ainda está viva e mora, atualmente, em Petrolina.

No contexto de Pau de Colher vai se alojar um outro grupo, do Sapateiro, que reuniu os seguidores do Piauí que possibilita apresentar a extensão do movimento de Pau de Colher para além das fronteiras da Bahia.

Durante cinco dias, permanecemos alojados na dita fazenda, partindo todos os dias a percorrer a região, chegando até o Sul do Piauí.

O sítio Sapateiro fica encravado em terras da Fazenda Lagoa Comprida, município de Casa Nova, extremo com o Sul do Piauí, tem uma área de 560 hectares e vai fazer fronteira com os povoados de Cacimbas e Olho D'Água, estados do Piauí, cujas populações tiveram participação ativa no movimento.⁵²

A Fazenda Lagoa Comprida era de propriedade, na época, do senhor Pedro de Souza Rodrigues⁵³ que era um homem de recurso, sabia ler e escrever e considerado o homem mais inteligente da região. Católico de família, tinha em sua fazenda uma capela na qual, durante as desobrigas, era uma das fazendas visitadas..

Sua esposa, dona Alexandrina de Souza Rodrigues, mulher devota e boa companheira, não abria mão das leis da igreja católica para a qual concorria reunindo várias pessoas na capela da fazenda, em tempos de romarias e homenagem aos santos devotos, como o Bom Jesus da Lapa. Também há a presença de sua mãe, dona Graciliana Benvenuto, mulher de catolicismo fervoroso e sua filha, esposa de Sr. Pedro, dona Alexandrina de

⁵² Obtivemos informações, em várias entrevistas, sobre o sítio Sapateiro com o Sr. Lourival de Souza Rodrigues, filho de Pedro Benvenuto que foi um dos caceteiros de liderança junto ao adjunto. Continua residindo na mesma propriedade que hoje está dividida entre três irmãos, Livro de Campo, 02, mar. 2003, p. 89.

⁵³ Pedro de Souza Rodrigues, conhecido no Pau de Colher como Pedro do Benvenuto (sobrenome do pai), foi um caceteiro de destaque pois tinha ascensão sobre as populações locais por ter uma grande fazenda composta de muitas cabeças de gado, ser um homem que lia e escrevia e por essa razão considerado o chefe do local. Todas as pessoas o procuravam para resolver suas questões sejam quais fossem (problemas de terra, briga de família, negócios, comercio). Em fim, era um homem bastante respeitado e, por essa razão, muitas pessoas o acompanharam ao adjunto de Pau de Colher. Hoje a fazenda está dividida entre seus três herdeiros que, também, fizeram parte do movimento de Pau de Colher. Livro de campo, 19, fev.2003, p.90).

Souza Rodrigues e de sua filha Josefa de Souza Rodrigues que eram três das seis “santas” de Pau de Colher.⁵⁴

Quinzeiro, que conhecia muito bem a Bíblia, se aproximou da Fazenda Lagoa Comprida, mas, não querendo ficar na sede, como era seu costume ficar isolado, seu Pedro Benvenuto o alojou no sítio Sapateiro seguindo, com o grupo, para Pau de Colher como nos revelou Dona Maria Nascimento: *“vieram com ele umas santas do Piauí, Josefa de Souza Rodrigues que era santa Verônica e a esposa e a mãe de Pedro Benvenuto que andava num andor carregada pelos mandados de Senhorinho”*

Podemos observar que a presença do grupo do Sapateiro vai concretizar a participação do Piauí no adjunto de Pau de Colher, inclusive com uma grande representação de mulheres rezadoras, pois dona Graciliana Benvenuto, conta-se que era levada nas incursões para liderar as rezas.

A hipótese principal posta neste trabalho refere-se à natureza das significações entre a religião e a miséria, cujos participantes vão abrigá-la junto à explicação natural-religiosa, em sua maioria expressiva. Os remanescentes tomam a aspiração da salvação, a vida em um “novo lugar”, como motivações que geraram a ida para Pau de Colher cujo lugar final seria Caldeirão de Zé Lourenço, cujo universo simbólico vai ser construído no interior do convívio com as condições de miséria e práticas da fé que se organizam a partir do dia-a-dia e que são valorizadas como algo que se fundamenta dentro de uma visão natural-religiosa.

A vida simples entre a morada, a roça e o oratório, o cotidiano de miséria, de ausências, de faltas, a religião e Deus se misturam numa perspectiva que os

⁵⁴ Josefa de Souza Rodrigues foi entrevistada na Fazenda Lagoa comprida, tinha 15 anos na época do movimento. Hoje é protestante da Assembléia de Deus. Ao perguntarmos porque optou pela igreja protestante, a mesma explicou que o pastor era como um conselheiro, um líder e que defendia a salvação dos seus fiéis. Livro de Campo, mar. 2003, p.100.

remanescentes identificam como os elementos fundantes de Pau de Colher. É sob as bases da miséria e da religião que os remanescentes justificaram a existência de Pau de Colher: a falta de chuva que gera o roçado sem plantio, a existência dos planetas que faz chover e faz a seca. E a naturalização da vida social que se desliga da vida social enquanto agires políticos, enquanto relações sociais de poder; a natureza, sendo uma dádiva de Deus, a Ele pertence, também, a responsabilidade da chuva ou da seca, pois “Deus quer, Ele tira e Ele dá”. Temos, nesse sentido, um Deus responsável por um sujeito que deveria se submeter à sua vontade e, ao mesmo tempo, se sacrificando com a doação de toda a sua vida e desenhando sua relação com esse ser superior.

3.4 VINTE E OITO DIAS DE “ADJUNTO” NA VOZ DOS REMANESCENTES

Pode-se inferir que com a chegada do beato Quinzeiro em setembro de 1937 em Pau de Colher, para anunciar a morte do beato Severino Tavares, tenha sido um fato importante para a concentração cada vez maior de sertanejos em Pau de Colher, a fim de ouvirem as pregações do beato. Como emissário de Severino, Quinzeiro já conhecia Senhorinho durante as visitas ao sítio Caldeirão. Instalou-se portando na fazenda Queimadas, próxima a Pau de Colher e manteve contato com Senhorinho. O povo, ao saber de sua chegada, começou a se deslocar em número cada vez maior para Pau de Colher a fim de receber suas bênção e ouvir os seus conselhos no que diz respeito a defender Pau de Colher e viajar para ao sítio Caldeirão. Vinham recebiam suas bênção, ouviam seus conselhos e retornavam para suas moradas e povoados.

Porém, a chegada de Quinzeiro no período próximo às festas natalinas, sua missão, a destruição recente do sítio Caldeirão, o ataque à serra do Araripe, o momento esperado de se reunirem para irem para o sítio Caldeirão, as primeiras chuvas que caíam na

região foram pontos de significativa importância para o deslocamento definitivo do grupo para Pau de Colher como podemos observar no depoimento abaixo:

A senhora sabe não é, as pessoa aqui festeja as festa dos santo. Isso é o que a gente tem de certo na vida. A vida e a morte que pertence a Deus. O menino Jesus foi a promessa de Deus para retirar nosso sofrimento, nossos pecado. O que a gente nos mato leva a sero é essas coisa mesmo. O Natal pra gente aqui é o nascimento da nossa salvação, de todos nós que leva fé. E nós foi tudo no dia 25 e ficamo até o derradeiro que foi o dia 21 de janeiro quando virou o ano. Saímo de lá só Deus foi quem ajudou porque as bala era muita. Nós saímo tudo se arrastando. Pois então O beato Quinzeiro vinha avisar a morte do beato Severino aquele que veio primeiro e que disse que vinha atrás outro. Ora, era chegada a horinha certa de nós tudo ir encontrar com a salvação. O que era que nós ia ficar fazendo mais aqui? Pois foi tudinho. Era como se fosse hoje, nós tudo indo pro Pau de Colher. Gente que ia com a roupa do corpo, gente que levava as coisa, gente que deixava as casa aberta, abandonava tudo. Nós ia para o sítio Caldeirão. (Maria Nascimento).

Fomo tudinho pro lugar. Daqui mesmo da Lagoa Comprida foro três dia andando de a pé. Chegamo lá já tinha muita gente. Era um campão grande muita gente minha dona. Era meio mundo de gente. Tudo limpo, sem mato. Era uma latadona. A senhora num sabe um circão grande? Mas tinha barraquinha por aqui e pra acolá, afastada. Era as casinha tudo de mato coberta com ramo de mato, com palha, com pano. Cada quem tinha seu lugar com sua família. Era igual. Tinha duas casa lá mais pro alto que era a do Senhorinho e a outra que era uma capela onde nós botemo nossos santo que nos trouxemo de casa. (Josefa Rodrigues).

Lá nós comia o pintado todo dia. Pintado é um cozido de feijão e milho. Nós só comia milho, feijão, rapadura e nós pegava imbu que era nos tempo do imbu. A gente não podia comer carne e nem gordura. O povo santo não devia. A senhora sabe que porco é um bicho de carne perigosa. Ta lá nos escrito da Biblia e Senhorinho dizia nos sermão. (Raimunda Castro).

Senhorinho era daqui mesmo e era nosso amigo. Eles vinham e compravam as coisa aqui no Olho d'Água no meu comercio. Eles mandavam pegar farinha, feijão, milho, rapadura, o arroz. Mas era um povo honesto. Eles pegavam as coisa e pagavam. Não deviam a ninguém. O dinheiro era do pessoal que tava lá no acampamento deles. Tinha mesmo o Pedro Benvenuto da Lagoa Comprida que era rico demais, tinha muita cabeça de gado. (João de Souza Rodrigues).

Lá no adjunto todo mundo comia. Era aquelas saca de feijão e milho que cozinhava. Tinha um casa só para as mulhé cozinhar. As mulhé que cozinhava e despachava. Mais os home também distribuía as comida nas panelinha. Era cada panelona de comida que cozinhava que dava gosto. Era aquelas panelona de ferro. Cada cá recebia sua comida nas barraquinha. Seus punhado todo dia. Recebia o prato e ia

se senta. As pessoa levaro seus dinheiro para o Pau de Colher e comprava as coisa também. Senhorinho dava orde de sair de dois. Ele não deixava sair sozinho. A orde era essa. (Simoa Pereira).

Era de preto e de azul que nós se vestia. Os cabelo era tudo cumprido das mulher e dos home tudo rapado. Outra qualidade Senhorinho não deixava. Era a orde dele. Nós usava aquelea espécie de roupa. Quem não tinha as roupa pedia a ele: “Meu padim deixa eu pegar isso ou aquilo lá em casa?”. Se ele deixasse ia, se não, não ia. Ele falava firme: vá. Nós tudinho lá usava de bom trato com todo mundo. Não era permitido que ninguém xingasse o outro. Nem usasse de maldade com o outro. Lá era de um modo que chamava tudo um pelo outro de “meu irmão”. Os marido não chamava mais minha mulhé. Era tudo na irmandade. A gente não via escândalo. Era tudo rezando, andando pra lá e pra cá. A gente não trabalhava lá, não. Era rezando o dia todo e ouvindo os chefão falar. Mas era na hora certa que eles vinha falar e rezar. A gente ficava o dia todo conversando com os outro e rezando, cantando os bendito e esperando a nuvem. Foi todo o tempo assim até quando chegou o cap. Optato e desmanchou tudo. Cada cá tinha suas tarefa lá. Não era desocupado não. Tudo na obediência, no cabresto, na orde dele. Era o modo certo, não é. Quem já se viu tratar mal uns aos outro? Ele não permitia deboche lá dentro, não. Se soubesse era castigado. (Lourival Rodrigues).

A gente ficava todo o tempo lá rezando com o terço na mão, conversando ou comendo. O dia todo. Cada por sua conta. De noite juntava todo mundo. Aquele mundaréu de gente e Senhorinho ia rezar com todo mundo e dizer da missão da gente. Era todo mundo ouvindo e esperando a permissão dele para viajar que nós sabia que não ia ficar ali o tempo todo não. Do dia 25 de dezembro desde o dia que começou era o Senhorinho com aquele rosário enrolado no pescoço. Amanhecia e anoitecia com o rosário no pescoço. Até o dia que ele morreu que o cabo Vieira matou ele no dia dez de janeiro. Ele botava a gente numa fila. As mulhé de um lado que era o esquerdo com as menina por detrás e os home do lado direito com os menino por detrás também. Tinha uma casa com as image e uma vela acesa. Ele vicava na frente dessa casa e a multidão em baixo de frente pra ele. Por que o acampamento tinha uma parte mais alta, não era muito alta não mais era mais alta um pouco ode tava a casa dele. Ele saía correndo do canto onde ele tava até no final das fila onde tinha uma fogueira e voltava pra trás. (Manuel Ribeiro).

Lá ele tinha os mandado dele que ficava destacado do grupo. Ele mandava chamar os mandado que era José Camilo, Pedro, João Damázio, Luiz Dentão e outros pra palestrar. Ele respeitava esses daí. As conversa dele ninguém não sabia. Eu era sobrinha e entendo desses negócio. Minha mãe ela era irmã dele me dizia. Eles queria saber o que cada um tinha visto. E um dizia que tinha visto uma visão e outro que tinha visto outra. Eu, minha dona, ele tinha cisma porque eu era sabida. Ele vivia de olho em mim. Ele não queria que ninguém fizesse nada sem a orde dele. A gente tomava a bênção a ele e às santa. Ele era São José e a mulhé dele, Ana, era Nossa Senhora. Tinha que se ajoelhar e pedir a bênção. Até dos mandado dele a gente tinha

que pedir. Cada cá rezava nas suas latada. O rezeiro era grande o dia todo. Podia rezar sozinho. Só quem podia rezar debaixo dos juazeiro como se fosse romaria era as santa e os mandado dele. Aí todo mundo tinha que acompanhar. Era muito pe de pau de juazeiro no acampamento. (Simoa Pereira).

Lá durante esse tempo foi bom com calma ninguém se estremecia pra essas coisa de briga não. Só foi quando o povo começou a noticiar lá em Casa Nova que a gente tava rezando. Zé da Barra foi dos que falou. Aí começou tudo e também por que a gente ia comprar comida nas fazenda e ficou difíce. Mas a guerrona mesmo foi começar quando o cabo Vieira matou o Senhorinho e morreu também. Aí veio soldado por tudo quanto era lado. Veio do Piauí, de Casa Nova e do Pernamnuco. Foi um destacamento grande de força de poliça. O fogo durou três dia. O dia 21 de janeiro foi o derradeiro dia lá no Pau de Colher. Foi um dia de sexta-feira. Mas isso nós foi saber depois porque tava tudo desunerado. Deu pena, minha dona, tudo acabando, morrendo, correndo, criança, menino, muié, home. A gente nem sabia pra que lado nós ia. Tudo pros mato pra se esconder. Ficou muito morto no chão que o sangue dava nos meio das perna. Aí se acabou tudo. Levaros os preço pra Casa Nova, as criança foro pra Salvador e teve delas que foi pra Teresina. Muita gente presa sem família. (Maria Nascimento).

Percebe-se, através dos depoimentos acima, a referência muito forte da religiosidade do sertanejo e no interior da mesma a presença do Deus, os santos que o representa, o lugar-comum que afirma ser o “cantinho” do sertão, o lugar de intensa festividade em torno do significado maior que é expressa através do catolicismo popular.

Percebe-se que a ida para o “adjunto” de Pau de Colher vai acontecer exatamente num momento especial de significação cuja data, 25 de dezembro, comemora o nascimento de Jesus segundo o calendário cristão. Essa data anuncia o novo, uma nova era que significativamente expressa o novo que nasce. Para Pau de Colher, a saída naquele dia para a concentração, a corrida, o deixar tudo para trás, casas abertas, redes no terreiro, gado no mato, significava, evidente, o novo que os seguidores esperavam, um novo dia, uma nova vida, um novo lugar, lugar desejado que daria início a uma nova vida. O nascimento de Jesus anuncia uma nova ordem, uma nova era. É um entrelaçar de simbologias, emoções e preocupações, resposta para as interrogações e inquietações

sobre o futuro. A vinda de alguém, de um lugar que pudesse responder as perguntas da incerteza, o salvador, a força do poder misericordioso do Deus que dando seu filho único demonstra sua infinita misericórdia e bondade.

No interior desse desejo, dessa certeza, desenvolveu-se em Pau de Colher um lugar-comum de espera e sacrifício. Acolhido por esse objetivo, em Pau de Colher, em volta da casa de Senhorinho, que se tornou um santuário, organiza-se uma grande latada coberta de ramos, palhas e panos onde ficavam as mulheres e crianças em uma área limpa num extenso trecho da caatinga. Como o princípio era de irmandade, os homens dormiam separados em redes armadas entre as árvores. Era uma divisão rígida. O tempo e o espaço em Pau de Colher eram delimitados pelas rezas que aconteciam de forma individual e coletiva. Observa-se que o momento mais importante era o da reza coletiva quando Senhorinho estabelecia, de acordo com seu ritual, a divisão entre homens e mulheres e aproveitava para externar publicamente seus dotes de beato. Ao mesmo tempo, Senhorinho tinha um grupo de líderes com o qual dividia as preocupações espirituais da comunidade e as tarefas para manutenção do grupo unido até a partida. Não havia muita clareza quanto ao projeto da viagem, nem quanto ao sítio Caldeirão ou mesmo o que se passaria por lá. Certo é que iriam para o sítio Caldeirão ao encontro do padre Cícero cuja efigie foi encontrada em cordões pendurados a pescoço dos que morreram durante o ataque do cap. Optato, pelo cel. Maurino Cezimbra Tavares em sua operação de sepultamento dos mortos três dias após o dia 21 de janeiro.

Observa-se que não foram desenvolvidas atividades agrícolas durante a permanência no “adjunto” o que se entende pelo caráter transitório do grupo. Como percebemos, pelos depoimentos, a manutenção do grupo era realizada pelos produtos que vinham das roças de Senhorinho, do Pedro Benvenuto e das compras que faziam em povoados

vizinhos cuja alimentação era preparada pelas mulheres e distribuídas ao grupo de forma coletiva. Percebe-se que existiam preceitos alimentares rígidos e determinados alimentos, comuns entre os sertanejos, foram abolidas no “adjunto” como: carne, gordura, açúcar. Eram, também, proibidos o fumo e o álcool. Portanto, as atividades eram limitadas ao campo estritamente religioso ou às práticas que fortalecesse o ideal de salvação da irmandade com a ida ao sítio Caldeirão, como o ataque à fazenda Barra e ao sítio Olho d’Água o que pode ser entendido como primeiras manifestações de “guerra santa”, entre os caceteiros.

É sabido que o medo dos que não haviam aderido ao ideal de Pau de Colher fez com que muitos fugissem para o mato (*“a gente não dormia mais nas casa, nem em carroiro. Era tudo por dentro dos mato”*) ou se queixassem ao governo de Casa Nova. *“E aí, menina, foi a coisa mais horrível que se viu. Dava pena. Eu escapei por um milagre de Deus. O fogo tomou conta de tudo...”*

3.5 O RITUAL DE SENHORINHO

Um dos aspectos significativos e que dava dinâmica a Pau de Colher eram as rezas realizadas por Senhorinho dentro de um ritual dirigido por ele, pois Quinzeiro não gostava de “magotada”. Era homem de temperamento fechado e estava quase sempre em “missão” sobretudo no sítio Sapateiro.

As práticas religiosas seguiam as normas rígidas do Caldeirão e ensinadas por Severino Tavares giravam em torno do ideal de irmandade, as normas estabelecidas pela igreja católica e a obediência às regras morais de costumes, as rezas cotidianas, abstenção de vícios, respeito durante o ato religioso (nas pregações de José Lourenço, no sítio Caldeirão ninguém falava, era uma exigência).

O ritual da reza iniciava no “santuário” na casa de Senhorinho (sua casa ficava no lugar mais elevado do adjunto)⁵⁵ quando todo o grupo estava em fila e a primeira reza do dia acontecia de madrugada. Mulheres de um lado (à direita); os homens, do outro (à esquerda). As crianças ficavam junto dos pais. Senhorinho acordava a todos cantando:

*Alevanta pecador
Da cama em que está deitado
Vamos ver Jesus em tormentos
Pelos nossos grandes pecados.*

Senhorinho corria entre as duas filas de um pé só, rodando o rosário fortemente e todos os seguidores acompanhavam os seus movimentos, mas sem sair do lugar, chocalhando os braços para cima e para baixo em movimentos apressados. Seguia-se uma pregação onde dizia ao grupo que era perdido, mas que não vivia mais no mundo da perdição “*vocês não sabem que eu era perdido mesmo, cachaceiro? Hoje essas pessoas não conduzem mais comigo nem eu conduzo mais com essas pessoas*”. Em seguida, todos faziam o sinal da cruz, acompanhando Senhorinho, que dava início à reza, intercalada com o canto dos benditos, rezava o rosário e outras orações como “Ave Maria”, “O Credo”, Ato de Contrição”. Ao meio-dia e no início da noite, as rezas também aconteciam.

Senhorinho se recolhia para o interior da sua casa com as “santas”, beijava os santos e ia dormir.⁵⁶

Durante o dia, Senhorinho conduzia o ritual da salvação no pé de juazeiro. Sob sua ordem, alguns podiam subir no alto do juazeiro para ver a nuvem que viria levá-los

⁵⁵ Durand (2001,p.1 37), trabalhando as estruturas antropológicas nos diz que: A freqüentização dos lugares altos, o processo de gigantização ou divinização que toda a altitude e toda a ascensão inspiram dão conta do que Bachelard chama judiciosamente uma atitude de “contemplação monástica” ligada ao arquétipo luminoso visual, por um lado, e, por outro, ao arquétipo psicossociológico da dominação soberana”.

⁵⁶ Duarte (1969, p. 21); Queiroz (1969, p.292);Oliveira (1998, p.116). Depoimentos contidos no livro de campo: Simoa Pereira p. 25; Maria Nascimento p. 48

para o sítio Caldeirão, como se observa no depoimento de Dona Zelina Maria Souza:

“Quando cheguei lá tava tudo dependurado como louro e Senhorinho de baixo. Era home e muié. Quem não dependurava não ia pro céu”.

Eles rezava assim: fazia um redemoinho, fazia uma fila de muié assim de um lado e home do outro, era só na hora da reza deles. Home e muié lá vivia tudo na lei que era a lei de Deus. Tudo na linha de Deus. Eu vi ele matar um que deitou com a muié, mandou matar e tocar fogo, ele Senhorinho. Pra rezar o terço era home do lado direito e muié do lado esquerdo em linha. Ele rezava o terço e quando acabava de rezar ia pro altar com a muié dele. Era assim que ele rezava: Os home assubia no pé de pau para viajar para o sítio Caldeirão para onde tava Zé Lourenço. Mas só quando era a orde dele. Quando acordava era pra dizer: bença padinho mãe Zé. Ele me bateu com o lado do facão, me deu uma pisa. Um dia eu tava tonta de sono e me deitei.. Aí eu me deitei no chão, tonta de sono, sozinha eu e Deus. Agarrei no sono. Aí veio outras e pegaram a deitar tudo dormindo. Foram contar a ele que eu tava mandando o povo deitar. Ah! Se eu ia mandar nunca.: (Simoa Maria Pereira).

Era uma reza. Eles balançavam o terço assim chega chocalhava, tudo agitando os braço.. (Maria Nascimento).

Estava claro para todos que a figura de Senhorinho era o centro do sistema religioso e como poder no interior do adjunto era respeitado por ter, para os seguidores, poder de conduzi-los à salvação e, buscando esse objetivo, começou a chegar mais e mais gente todos os dias que construíam suas latadas e ali iam ficando.

As regras de convívio e a alimentação simples formavam um cenário de quem estava disposto a abdicar dos recursos que tinham em busca de um plano de vida diferente onde os seus vazios, materiais e religiosos, seriam ocupados.

Diz que quando morrer vai para o céu. Outros dizia que morria e sobrevivia de novo e tornava a ressuscitar . Aí o povo vivia nessa ilusão, nessa esperança. (Raimundo do Zeca).

As pessoas abandonavam tudo, casas com legume, porco, criação, gado, saco de farinha. (Raimunda Santos Castro).

Os componentes do dia-a-dia de cada seguidor (água, casa, terra, os alimentos, a família, os filhos), elementos do viver cotidiano, da miséria cotidiana, ganhavam

sentido dentro da compreensão da vida futura que imaginavam e que, ao se deslocarem em “uma nuvem” para o outro lugar, os bens materiais individualmente pensados torna-se-iam coletivos, no sítio Caldeirão, onde “*a vida era de igualdade e abundância*.”⁵⁷ Percebe-se que a vida minguada está numa relação de vizinhança com a vida religiosa.

A correspondência que faziam ente Pau de Colher como um lugar de arrebatamento para o encontro de um outro lugar, compartilha o ideal cristão apontado no Novo Testamento, na primeira Epístola de Paulo aos Tessalonicenses : “*depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o senhor*”. (Tessalonicenses, 4:17).

No interior da maior parte dos depoimentos encontra-se a perspectiva disciplinar, vigilante e punitiva de uma religiosidade entre os remanescentes que deslizou mediada entre as escrituras bíblicas e suas experiências de vida. Passagens do Sermão da Montanha da liderança, de Moisés ao transportar o povo de Deus para a Terra prometida. Senhorinho teria a função de repassar para os seus irmãos, como intérprete, a mensagem da salvação do lugar prometido.

Em Pau de Colher, Senhorinho representava a autoridade dada por Deus de comando, obediência e disciplina. A organização rígida em Pau de Colher consideravam orientada sob bases bíblicas. A disciplina de convívio em Pau de Colher, os rituais de fé, as normas de conduta, não eram determinadas por questões de gênero, idade ou posição social, mas a uma questão de autoridade,

⁵⁷ O sítio Caldeirão era o lugar que, segundo os remanescentes, onde a relação homem- Deus de piedade, através do Padre Cícero, os receberia pondo um ponto final à espera que não seria atingida sem sofrimento e de sacrifício “*nós tudo tinha que se sacrificar, entregar tudo que nós tinha por que lá nos Caldeirão nós não ia ter mais essa agonia que a gente vivia, o tempo todo esperando e onde estava padim Ciço*”. (Manuel Ribeiro, São Bento-BA).

equilíbrio, ordem, respeito/obediência vivenciados no cotidiano do adjunto baseadas nas palavras dos textos sagrados para se alcançar o fim prometido: Caldeirão. Estava-se diante de um conteúdo eclesialístico interpretado e pregado de acordo com a concepção e valores de uma cultura caatingueira. Os benditos, as orações, as rezas, as romarias estão carregadas da mensagem do Sermão da Montanha que era muito bem conhecida pelos que comandavam junto com Senhorinho. A legitimação do poder e da competência, ligados a preceitos religiosos, era assimilada como organizadores das normas de convivência. Senhorinho dividia com Zé Camilo, Luiz Dentão, João Damázio, Pedro Benvenuto, Anjo Cabaça e com as “santas” que ficavam ao redor do santuário, a responsabilidade da condução religiosa a exemplo do que orientou Deus a Moisés.⁵⁸ O Antigo e o Novo Testamento estavam presentes desde sempre como base teórica do movimento de Pau de Colher onde investir, transmitir autoridade, disciplinar ao grupo estava ligado a preceitos bíblicos. O princípio da autoridade, o princípio da designação estabeleceu um conjunto de normas de conduta, normas de convivência social que recebiam a cobertura dos códigos e padrões bíblicos. Ao ser castigada por Senhorinho, Simoa, ou qualquer um outro, estava sendo disciplinada por liderar, fora da hierarquia e por quem não tinha competência, o ritual de reza deitada no chão juntamente com as outras mulheres. O irmão de Simoa, também ao ser punido por subir no pé de Juazeiro (que era considerado sagrado e lugar da salvação), sem ordem expressa de José Senhorinho ou dos seus “mandados”, fora punido com a

⁵⁸ “Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez (Êxodo, 18:21); Depois disto o Senhor designou outros setenta, e os enviou de dois em dois para que o procedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir” (Lucas, 10:01). “Os mandados de Senhorinho mandavam junto com ele e cumpriam o que ele ordenava, saiam para trazer mais gente, alimento, por que o tinha tava fraquecendo, e tinham permissão para puxar a reza. Senhorinho determinava que era pra sair de dois em dois. Até dentro do adjunto quando a gente ia buscar água na cacimba e tirar umbu dos pé de pau. Senhorinho determina que era pra sair de dois em dois”. (Simoa Pereira, São Bento-BA.).

morte: desrespeito a hierarquia e a autoridade de quem tinha, dentro do adjunto, poder de designação para tal. O Facão e o cacete constituíam juntamente com a Bíblia, o rosário, as rezas, as romarias, as penitências, símbolos do poder Bourdieu (2001: 15).⁵⁹ Eram instrumentos que representavam uma força devoradora do poder divino para fazer prevalecer o ideal de Pau de Colher e aí mais uma vez relembra-se a postura corretiva de Moisés, exemplando os que desobedecessem as leis de Deus, era a palavra e a ação reguladora necessária para manutenção do ideal do grupo.⁶⁰

3.6 A INVASÃO E O FIM DO ADJUNTO NOS TRÊS DIAS DE FOGO

Aí menina chega estrondou tudo. A tropa do cap. Optate chegou e nós tava tudinho numas roda rezando. Mas ninguém quis conversa não. Ele mandou um deles saber se nós queria se render, mas nós não queria não. A querença era ir pro Caldeirão do Zé Lourenço. Aí minha filha a bala rolou. Meu Deus, era um fogo em Pau de Colher. Aquilo durou três dia. O povo não sabia o que fizesse. O cap. Optate infincou as metralhadora naquele bolo de gente. E o povo ia era pra cima tapar as boca com os pano porque se morresse salvava, num sabe? Não entrava mais ninguém e não saía mais ninguém de lá. Mais eu saí com um pano na cabeça e quando vi foi um cascão de bala de raspão. E eu disse: vala-me Nossa Senhora! Aí corri. Eu tava com um barrigão de Carmelita. (Maria Nascimento).

A maior parte dos depoimentos, inclusive nos relatórios dos comandantes das operações militares, percebe-se que o cerco do cap. Optato Gueiros foi orientado como se estivessem em confronto com forças contrárias com os mesmos dispositivos de enfrentamento. Ouçamos o que diz um dos remanescentes:

Foi tudo assuntado pelo capitão Optato. João Tintino e outros morador da região foi como guia. Um montão de paizano mostrar o

Tintino era um home bem conhecedor de tudo e bem informado e levou o capitão até lá e ia dizendo a distância. Era 96 poliça e muita metralhadora e munição. O capitão cercou o circo com os soldado e

⁵⁹ Para Bourdieu (2001, p.14), o *poder simbólico*: é o poder quase mágico (...) que só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer ignorado como arbitrário”.

⁶⁰ Êxodo 32: 25-29.

disse: Deus que abençoe vocês tudo e saiba que nós vamo enfrentar e lutar com fera e em fera nós tem tudo que se transformar. Durou três dia porque foi da quarta até a sexta-feira. O capitão dava orde para diminuir o tiroteio e mandava um bilhete pratudo se entregar e aí é que o povo se afoitava e ia pra frente do tiroteio.(Lourival Rodrigues).

O governo federal organizou o destacamento do Vale do São Francisco o qual estudou um plano de ataque ao reduto de Pau de Colher. No entendimento das tropas iriam combater “*vítimas de uma psicose religiosa de caráter coletivo*”.

Pode-se refletir, a partir dos depoimentos dos entrevistados, que muitos não sabiam porque tudo estava acontecendo, pois estavam ali para rezar com o objetivo da salvação. Sabe-se, porém, que, para os seguidores, foram momentos de desespero conforme podemos observar do depoimento a seguir:

Senhorinho não falava nada com a gente. Ele falava lá só com os mandado dele. A gente não sabia o que ia acontecer. Era muito soldado. A gente nunca viu tanto soldado junto. Tinha gente que nem sabia o que era um soldado. Quando chegaram em Pau de Colher não contaram fiado. Soltaram as metralhadora, ram, ram, ram, raaamm. Aí o capitão mandou parar o fogo e disse que era para as mulher e criança sair. O povo era tudinho correndo lá dentro do acampamento sem saber para onde ia. Tudo avariado das idéia. Sem saber pra onde correr. Uns corria para o mato e outros para frente das metralhadora. Foi uma agonia horríve! (Simoa Pereira).

Recebendo denúncias de que o movimento de Pau de Colher, que se processara no município de Casa Nova, obedecia orientação comunista e envolvia destacadas figuras locais, o coronel Maurino Cezimbra Tavares saiu da vila militar em Salvador com o Esquadrão Motorizado até Juazeiro-BA.⁶¹

Acertado o plano de ação, designou o Tem. Rudval da Costa Castro para seguir com uma composição pela Estrada de Ferro Petrolina/Teresina até a vila de Afrânio.

⁶¹ Diário da Tarde, 24, jan.38, página 3.

Algumas pessoas foram detidas para averiguação e enviadas a Salvador e foi concluído que era um movimento de psicose religiosa que atingia a todos quando ocorria ouvir José Senhorinho.

Suas prédicas bíblicas e reza do terço, segundo o cel. Maurino, impressionavam aquela gente ignorante, mas humilde e boa e por essa razão fácil de ser conduzida.

Para o local, o Governo Federal mobilizou o destacamento do vale do São Francisco constituído do 19^o.e 28^o. Batalhões de Caçadores e o Esquadrão Motorizado sob o comando do Major Edgar da Cruz Cordeiro e mais tarde substituído pelo cel. Maynard Gomes.⁶²

O cel. Maurino Cezimbra Tavares, após a chegada dos destacamento ao local, pode apenas constatar os fatos, posto que as forças policiais de Pernambuco, sob o comando do cap.Optato Gueiros, já haviam destruído adjunto *“Estou em Pau de Colher. Impossibilitado sepultamento determinei incineração. (...) Fiz vasculhamento circunvizinhança encontrando apenas crianças e mulheres indefesas”*.

Por que o comportamento dos seguidores em Pau de Colher se modificou?

Movidos por essas respostas rumou-se ao local para conversar com os remanescentes e obtendo-se os relatos que vêm a seguir.

O Olho d' Água era lugar de gente boa. Não sei o que foi que entrou na cabeça deles que aí viraram uns cão desse jeito(...) Disse que eles tomavam um chá de jurema e um torrado.(Maria de Oliveira Rodrigues).

Começaram com o pessoal que não queria seguir a lei deles(...) Tomaram minha casa no dia 08 de janeiro de 38, depois da bagunça que fizeram na Barra Cercaram minha casa,mataram dez home, uma muié e um menino. Mataram no facão e no cacete.(João de Souza Rodrigues).

⁶² O Drama Sangrento de Pau de Colher escrito pelo cel. Maurino Cezimbra Tavares em seu relatório ao então interventor Federal Antonio Fernandes Dantas, consta no trabalho apresentado ao Instituto baiano de História da Medicina, do dia 30 de março de 1950, intitulado, “Fatos históricos de criminalidade: estudo médico social. (Livro de Campo, setor jornais, 6, jan. 2003).

Faltou alimentos e eles começaram a buscar nas propriedades vizinhas e aí foi o confronto com as autoridades.(Raimundo Pinto).

Sabe-se que aqueles que não tomaram parte do movimento exigiam que o governo de Casa Nova tomasse providências para acabar a concentração dos “fanáticos”. E, possivelmente, isso tenha motivado a mudança pois, dentro dos princípios do movimento, aqueles que não participavam impediam a evolução do grupo para a conquista da salvação. Inimigos deles próprios, pois estavam se negando a salvação, e de Deus, e como pecadores mereciam a disciplina dura do céu que seria através dos cacetes, encarados como um símbolo da justiça divina, cuja morte seria considerada mais um bem coletivo do que um crime. O cacete, entendido como arma santificada, possuía a função de permitir a passagem para um novo lugar onde a vida de miséria de antes seria substituída por uma vida de fartura “*a gente ia voltar em sete anos rico e novo e todo mundo pedia para Senhorinho santificar*”. No interior dos fundamentos religiosos, deveriam ser eliminados os que mostrassem ser contrários ao grupo e aos padrões de comportamento. A morte se desligava da idéia de crime e se ligava à idéia de salvação.

No entendimento de Duarte, (1969, p. 20) os mecanismos de repressão e purgação pelo homicídio e a disposição para a luta, que motivaram a intervenção das forças legais eram justificadas pelo próprio dinamismo religioso do grupo.

Esse comportamento funcionava dentro da compreensão religiosa do movimento como um protesto e como vingança de Deus. Sobretudo a presença de Quinzeiro aponta-o como aquele que vinha com a missão guerreira.

Ao se dirigir para o acampamento com o *ethos* do Estado Novo (cf.2º. Capítulo), assim como relacionando o movimento à guerra de Canudos que, para o Estado, era fruto da rebeldia e um desafio à República recém inaugurada, foram definidos como

fora da ordem o que exigia uma ação urgente e disciplinadora do Estado considerados “foras da lei” excluídos sem julgamento.⁶³ Infere-se dos documentos constantes nos arquivos das Polícias Militares que os mesmos sugerem articulações que foram organizadas como uma ação preventiva para evitar qualquer situação crítica de manifestações religiosas que pudessem ameaçar o regime autoritário recém – inserido.⁶⁴

Cabe também ressaltar que as ações policiais organizadas pelas polícias militares dos três Estados envolvidos sinalizam de um lado o profissionalismo dos comandantes das operações no desenvolvimento de sua missão tão convicta quanto a convicção dos religiosos de Pau de Colher quanto ao que pretendiam e defendiam. Do lado das tropas policiais temos uma ação do litoral com a leitura do litoral; do lado dos caceteiros uma ação do sertão com a leitura do sertão.

Percebe-se que as expressões da cultura do sertão e a análise das falas sobre o cerco ao “adjunto” apresentam a força do sertanejo e a sua determinação ao defender, também com convicção a cultura que dá sentido às suas vidas e o exercício cotidiano da religiosidade impregnada de catolicismo popular.

Ao término da “missão” por parte das tropas do cap. Optato Gueiros, da Brigada Militar de Pernambuco ficaram os lamentos do cel. Maurino Cezimbra Tavares quando se deparou, em Pau de Colher, com os resultados da “vitoriosa campanha”. Ouçamos o que diz:

A falta de submissão ao comando do Destacamento do Vale do São Francisco por parte do cap. Optato Gueiros e a sua precipitação em

⁶³ Constatamos em diversos relatórios das Polícias Militares dos três Estados envolvidos que houve uma pesada operação militar envolvendo-se no cerco paulatinamente: Companhia de Fuzileiros, Batalhão de Caçadores, homens caçadores de cangaceiros, Brigada Militar, contingentes policiais de Juazeiro-BA. E São Raimundo Nonato que formaram o Destacamento do Vale do São Francisco e se dirigiram, para o local, munidos, dentre outras, de metralhadoras.

⁶⁴ Ver sobre o assunto, no livro de Luiz Henrique Tavares, História da Bahia, 10^a. ed., Editora da EDUFBA- Ed. UNESP.

atacar, isoladamente, o elementos concentrados em Pau de Colher, quando tudo estava previsto para uma ação simultânea das forças piauienses, baianas e pernambucanas encontramos um grande número de sacrificados, homens, mulheres e crianças. Cadáveres estirados ao chão.

O cel. Maurino Cezimbra Tavares encerra seu relatório com a citação em Deuteronomio, capítulo 08, versículos 10 e 12: *Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho ou filha, fazendo-os passar pelo fogo...; porque todas estas cousas abominam o Senhor e por semelhantes maldades exterminará ele estes povos a tua entrada.*

3.7 O SUFOCAMENTO DO MOVIMENTO

Logo que o Sr. Major Secretário de Polícia de Segurança Pública teve conhecimento das incursões que vinham realizando pela zona nordestina deste Estado os fanáticos do beato Zé Lourenço tomou as medidas de urgência que a situação exigia enviando tropas para reforço dos destacamentos locais de modo a capacitá-los a resistência aos bandoleiros. Certificados de que o grupo se achava em Pau de Colher, distrito do município de Casa Nova, ordenou o sargento Geraldo Bispo dos Santos, comandante do destacamento, a adesão de alguns civis e dirigiram-se logo para o local a fim de combater os desordeiros fanáticos em número de 600 entre homens, mulheres e crianças. Cercando-lhes o acampamento, deu-lhe combate, sendo morto o chefe do grupo alcunhado de “Senhorinho” e chefe Beata Santa. Não estava com os seus o famigerado beato José Lourenço. Na refrega, perdeu a polícia um cabo e um soldado. (Jornal Diário da Bahia, 08, jan.1938, p.1).

Cabo Vieira mandou rezar uma missa de corpo presente e disse: minha mãe mande rezar a missa por que eu sei que não volto, mas a vida de Senhorinho eu tiro.

Aí foi e quando chegou lá no acampamento, disse:

Senhorinho! Ele tava dormindo e levantou, aí bateu no peito.

Sou eu aqui!

Cabo Vieira mandou o tiro bem na cabeça. Aí o cabo Vieira entrou pra dentro de um quintalzinho que tinha, mas não deu tempo, eu tive dó. (Raimunda Santos Castro).

Diante de várias notícias que chegavam sobre o que se passava em Pau de Colher foi enviada uma força policial de Casa Nova momento em que morre o beato Senhorinho o que permite ao beato Quinzeiro exercer a liderança do comando entre os seguidores. Reforços chegavam dos três Estados envolvidos o que impediu a manutenção do adjunto e a destruição do mesmo pelas forças policiais pernambucanas, que, sob o comando do cap. Optato Gueiros, após resistirem a três dias de combate e se atirando para as bocas das metralhadoras, pois acreditavam na salvação, foram finalmente desbaratados. Mortos cerca de quatrocentos seguidores. As crianças e os que ficaram foram levados, pelo capitão Optato, até Casa Nova.⁶⁵ Cerca de cinquenta crianças foram encaminhadas para Salvador, tuteladas pelo Estado, em direção à Escola de Preservação de Menores.⁶⁶

O fato é que, diante dos acontecimentos, que chegavam a Casa Nova sobre as “atrocidades” dos caceteiros, o governo baiano enviou o Esquadrão Motorizado sob o comando de Cel. Maurino Cezimbra Tavares e de uma companhia de Fuzileiros sob o comando do tenente Zacarias dos Santos; o governo de Pernambuco manda a Brigada Militar sob o comando do cap. Optato Gueiros; a Polícia Militar do Piauí vai sob o comando do cap. Benedito Alves da Luz.⁶⁷

⁶⁵ O Boletim da Brigada Militar de Pernambuco, 24, jan. 1938, dá notícias sobre o combate, feridos e prisioneiros e que a luta “foi renhida iniciada corpo a corpo”.

⁶⁶ Boletim do Comando da Polícia Militar do Piauí, Batalhão de infantaria, Quartel em Teresina, 8, mar. 1938; Jornal Estado da Bahia, 01, fev.1938, Relatório enviado pelo cap. Perouse, do 19º. Batalhão de Caçadores em palestra com o representante dos Diários Associados; Telegramas enviado pelo cel. Maurino Cezimbra Tavares ao Tem. cel. Augusto Maynard, comandante do 28º. Batalhão de Caçadores, enviado da Fazenda América, Ouricuri-BA., no. 21, p. 33, de 26, jan.1938, Boletim do Esquadrão da Polícia Motorizada da Bahia; Boletim Geral, jan. 1938, Brigada Militar de Pernambuco, p. 17.

⁶⁷ O Diário Oficial do Estado do Piauí, 25, jan. 1938, divulga os telegramas dos prefeitos de São João do Piauí e São Raimundo Nonato ao interventor Federal do Piauí Leônidas Mello, comunicando as “perturbações no sul do Estado” e pedindo “homens para o serviço de defesa”; no Boletim do Batalhão de Infantaria da Polícia Militar do Piauí, 19. abr. 1938, consta a designação de Benedito Alves da Luz para o comando das tropas daquele Estado.

Foram porém, as forças pernambucanas que, ao chegar primeiro no lugarejo e, justificando não poder esperar por temer reação dos beatos, organizaram sua tropa e iniciaram o cerco.

Há notícias de que o cap. Optato Gueiros alojou-se com sua tropa, de 96 homens, na Fazenda América de propriedade do Sr. João Tintino, que ficava perto de Ouricuri-BA., próxima seis léguas de Pau de Colher. Homem de posses e influente na região que teria servido como guia conduzindo a polícia até o local e que “*João Tintino ia dizendo a distância: olhe é de 200 metros pra trás. O capitão formou a polícia em duas fila e arrudiu três vez e abençoou a tropa e ele dizia que tinha que se virar em fera porque ia enfrentar fera*”.

Foi observado que, chegar ao lugar do reduto sem o acompanhamento do pessoal da região, seria impossível. Primeiro por ser dentro da caatinga e, segundo, por não ter estradas para acesso a carro. Caminhos de carreiro, tortuosos, tomados pela macambira. O não conhecimento da região exigiu a ajuda de homens que se colocaram à disposição das tropas para ajudar no combate e alojá-los.

Do outro lado dos acontecimentos, mais tarde, em 1939, encontra-se o seguinte:

*Considerando este comando a insuficiência da prestação de contas, apresentada pelo major Optato Gueiros, como gestor da Caixa de Abonos das F.C.C.B. durante sua permanência no comando daquelas forças, nomeio-vos para juntamente com os srs. Major Miguel Calmon de Oliveira Cabral e Manoel Alves de Queiroz, constituirdes a comissão que fica incumbida de proceder a Inquérito Administrativo sobre os fatos que se relacionam com a mesma prestação de contas, na conformidade do no. 38 do art. 32 do Regulamento de Administração do Exército.*⁶⁸

Três dias de cerco e 42 horas de fogo. Três dias de resistência e mais os meses que se seguiram, dentro da caatinga, com a formação de novos núcleos de resistência dos

⁶⁸ Arquivo Geral do Comando da Brigada Militar de Pernambuco, pasta confidencial do cap. Optato Gueiros, onde consta o inquérito administrativo aberto pelo Ce. Agenor Bryner Nunes da Silva, 6, set. 1939, portaria 74.

caceteiros os quais foram perseguidos pelas polícias da Bahia e do Piauí “*depois de 42 horas combate dominei reduto 140 baixas tiveram fanáticos afora feridos prisioneiros e os que fugiram baleados. Luta foi renhida iniciada corpo a corpo*” é o que informa o cap. Optato ao comandante da Brigada Militar de Pernambuco.

De acordo com o exposto e com mais um grande número de documentos levantados nos arquivos das Polícias Militares dos três Estados percebe-se que a objetividade e a racionalidade guiaram não só o cerco ao adjunto como o vasculhamento que se estendeu por mais três meses dentro da caatinga “*numa campanha de perseguição e captura aos elementos escapos de Pau de Colher*”.⁶⁹

Com a tarefa de pacificar a região, livrá-la da ação dos “bandoleiros” e extinguir o “banditismo” as forças policiais dos três Estados agiram em conjunto numa ação que se deslocou com a visão e instrumentos punitivos do litoral. Não só a ótica era urbana. A ação também o era. Chegam a região Batalhões de Caçadores, Polícia Motorizada, Brigada Militar, Companhia de Fuzileiros numa ação conjunta que se estendeu pela caatinga por mais algum tempo pois “*vamos enfrentar feras e em fera nós tem que virar também*”.⁷⁰

Há no interior dos depoimentos uma certa controvérsia entre as falas (fato que pode ser justificado pela maior ou menor atração ora pelo movimento, ora pelos repressores) sobre as motivações da violência, assim como sobre o sentido da violência. Não importa fundamentá-la, pois se entende que a violência cometida tanto por parte dos caceteiros, como por parte da polícia encontra-se no interior; de um lado, do mundo rural elaborado pelos sertanejos a religiosidade rural uma violência castigo

⁶⁹ Consta dos relatórios apresentados pelo cel. Augusto Maynarde, comandante do 28º. Batalhão de Caçadores da Bahia, ao Comandante do Esquadrão Motorizado de Juazeiro, no. 12, jan.1938.

⁷⁰ Depoimento do Sr. José Tintino da Fazenda América cujo pai, João Tintino, foi um dos participantes como guia e como combatente junto à tropa do cap. Optato Gueiros. (Riachinho, 04/03/03).

que tem o poder de purificar e restabelecer um equilíbrio rompido; a violência como indignação inconsciente da miséria social que toma a fé como instrumento de superação; do outro, as representações da sociedade enquanto mundo urbano, civilizado, letrado, e *o Estado considerado como a única fonte de “direito” de usar a violência*” Weber (1979, p. 98)⁷¹. Um, estranho ao outro. Ocorreram dentro de um quadro de ambivalência onde a autonomia e a subordinação existem enquanto polarizações principais.

A morte de Senhorinho, relatada acima por Dona Raimunda Castro, pode ser inserida na lógica do movimento onde o mensageiro (Senhorinho) é introduzido na mensagem e com a entrega do seu próprio corpo, do seu sangue, diante do Cabo Vieira, representa a idéia de morrer pelo grupo, do sacrifício para manutenção do vínculo.⁷²

O fato é que, após o sufocamento do adjunto a polícia, juntamente com moradores voluntários da região, desenvolve uma ação estratégica para procurar os fugitivos na caatinga “*passsei três mês nos mato caçando bandido por que a gente tinha um prazer imenso quando pegava um bandido*”. Muitos prisioneiros e a abertura de um processo que ficou pelo caminho. Os órfãos levados a Salvador, alguns para Teresina, outros ficaram em Casa Nova criados pelas famílias da região. Buscar a continuidade do movimento a partir dos que sobreviveram, está fora ainda dos textos. Para onde foram? O que aconteceu com suas vidas? Que interpretação os sobreviventes fazem do acontecido? De que maneira os remanescentes foram desencaixados do seu meio ambiente e foram encaixados em outro espaço? Como sobreviveram tendo que

⁷¹ Max Weber diz que “Hoje, porém, temos de dizer que o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, *o monopólio do uso legítimo da força física* dentro de um determinado território”. (1979, p.98).

⁷² Camille Tarot “Pistas para uma História do nascimento da graça” (In: *A dádiva entre os modernos*, 2002), refere-se à lógica da dádiva dizendo que “quem aceitar perder sua vida, quem a der, há de encontrá-la, enquanto aquele que a guardar, irá perdê-la. A lógica da dádiva aplicada à morte de Jesus e depois ampliada pela idéia da graça”. *A Dádiva entre os modernos*, Martins (2002, p.180).

desconstruir um mundo até então com seus costumes e valores e construir um outro longe de suas raízes?

Para além dessa visão busca-se encarar uma outra que subverta os limites de uma interpretação preconceituosa do homem e do mundo rurais retirando dos próprios textos, falas, depoimentos, gestos, atos, manifestações; do material pesquisado, das entrevistas um outro olhar, uma outra interpretação que não seja mais dicotômica: fala dos caceteiros de um lado, fala da polícia do outro; fala do Estado de um lado, fala dos beatos do outro; como se um fosse positivo e o outro negativo, como se de um lado acusador e do outro acusado; como se ora o Estado é réu, no outro os caceteiros o são.

A caatinga, o mandacaru, as “unhas de gato”, os imbuzeiros, as juremas, imburanas, a terra, os pedregulhos, o cachi, o tanque, o rosário, as medalhas de Padre Cícero, a Bíblia, as contas de capim, o feijão, o milho, o pintado, a rapadura, os santos entrelaçados numa história de experiência, do modo de vida e não numa visão ficcional, de um lado; nem do outro, o valente, o corajoso, o temido, o organizado, o cidadão, a lei, a vida “normal”, o ajustado, o religioso, o alfabetizado que também é relatado, também como se fosse uma ficção.

3.8 O QUE RESTOU DO MOVIMENTO: O INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO

E REFORMA

De acordo com os órfãos que foram para a Escola de Menores, hoje com idade entre 77 e 86 anos, ao chegarem em Casa Nova aprisionados pelo cap. Optato Gueiros numa viagem, a pé, 130km, ficaram numa casa grande pertencente ao médico da região, Raimundo Estrela, e, de lá, alguns foram adotados por famílias de Casa Nova, algumas famílias de Salvador (as meninas, inclusive a família Viana adotou alguns), outros

levados para Salvador, algumas de Salvador foram adotadas por famílias do Rio de Janeiro e, quatro, foram levados pelo cap.Benedito Alves da Luz, da polícia do Piauí.⁷³

Todos os órfãos entrevistados apresentaram uma memória bastante lúcida e relembram, com clareza, dos fatos passados na Escola de Menores:

Todos acordavam às quatro da manhã, acordava e banho frio, gelado. Às sete horas era o café com pão. Oito horas, escola. Para quem ia estudar de manhã a oficina era à tarde e quem ia estudar à tarde, a oficina era de manhã. Era dividido o grupo e era obrigado estudar. A aula ia até onze horas e aí era almoço. Eles colocavam aquelas panelona em cima das mesa e a gente se servia, era feijão, arroz, carne e o refresco. De doze até duas horas era o recreio. Largava às cinco horas. Uma vez por semana, na quarta-feira, naquele horário de descanso, tinha aula de catecismo e nas terça e quinta, no mesmo horário do descanso, era aula de catecismo. Depois que largava à noite ia tomar banho e jantar. A janta era sopa com pão e às vezes sobremesa de jaca, manga, banana. Banana era direto ao meio dia. Era numa salona grande com quatro mesa. Vinha duas pessoa segurando as panelona e a gente se servia. Comia com colher e vinha o copo para tomar água. No refeitório tinha uma torneira e bebedor. Depois da janta tinha instrução, vinha o instrutor do exército, até às oito, de fila e pelotão, acabava nove horas e tanto, era todo dia aula de instrução na rua e quando era sete de setembro nós treinava muito. Voltava, tomava banho. Às nove horas da noite tocava o silêncio. Aí tinha o guarda e não podia mais fazer bagunça. Aos domingos, também tinha jogo de football. A gente tinha um time e as camisas do time. Cada um lavava a sua. Durante o dia tinha os guarda que tomava conta se alguém ia fazer uma mau conduta. A nossa professora que se chamava Valdomira de Oliveira Nogueira, era muito boa e ficou ensinando a gente o tempo todo por que as outra não queriam ensinar as crianças do Pau de Colher. (Lourival de Souza Rodrigues).

Percebe-se que havia uma organização disciplinar interna rígida que tem ressonância com o momento político brasileiro do Estado Novo e que está carregada de reflexos das relações mestre/escravo do período anterior à República.

⁷³ Vários prisioneiros foram levados para Salvador, alguns doentes e feridos deram entrada no serviço de saúde do Hospital da Polícia Militar do Estado da Bahia como podemos atestar na seguinte informação daquele serviço: “Por haver falecido em 1º. deste mez teve alta do H.P.M. o fanático Euclides Rodrigues de Souza que ali se encontrava em tratamento” (...).

A escola funcionava como um espaço de dinâmica disciplinar cujos horários estavam relacionados às atividades principais. Escola e oficina eram conduzidas por guardas que organizavam o trabalho de forma administrativa e burocrática.

Com relação à educação, a orientação indicava a obrigatoriedade do ensino primário e instituindo, em caráter obrigatório em todas as escolas primárias, normais e secundárias, o ensino de trabalhos manuais. E o ensino profissional que se destina “às classes menos favorecidas e é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado” (art.129).

Uma análise desse período, segundo Ribeiro (1990, p. 115), “aponta para uma orientação político-educacional capitalista de preparação de um maior contingente de mão de obra para as novas funções abertas pelo mercado”.

O internato, embora rígido, aparece nas falas dos depoentes como um lugar de oportunidade onde eles puderam aprender um ofício, desenvolver competências e habilidades que ainda hoje colocam em prática e a serviço de uma vida social, ligando suas vidas, hoje, a outras representações nas quais aparecem ao lado de explicações divinas e naturais, as explicações onde a realidade aparece sob a ótica do poder

Em sua grande maioria, as lembranças dos depoentes compartilham o passado e o presente, não estão isoladas, fechadas. Eles se reportam ao que vivenciaram durante o movimento de Pau de Colher, considerando a história de vida vivida no adjunto, entrelaçando-a e comparando-a , à história de vida e oportunidades a partir da Escola de Menores, assumida pelo Estado, em sua responsabilidade de recuperar e, ao mesmo tempo, responder pela tutela dos órfãos..

Existem um tempo e um espaço em suas etapas de vida . Lembranças da miséria da vida do sertão, do dia-a-dia do roçado ao oratório, ligadas por um universo construído que falava sobre suas expectativas de atingir o céu, da bondade divina, manifestação

do corpo, do que estava muito dentro de si, da fome, do furor, da sede, da miséria, de uma fé que se misturava à vida de labuta pela sobrevivência revelada no contexto dos textos dos benditos, das orações, das romarias. Agora, a etapa anterior calcaria a etapa que estava às suas frentes na Escola de Menores oferecendo um caminho diferente daquele onde “*nós ia tudo numa nuvem para o sítio Caldeirão*”.⁷⁴

O convívio com outros valores diferentes dos quadros sucessivos de vida do sertão, indicava a necessidade de uma nova aprendizagem. Cada episódio da vida cotidiana nos lugares que passaram a pertencer as suas vidas após o “naufrágio”, como disse seu José Justiniano, uma série de imagens que souberam aproveitar, embora guardando lembranças dos seus parentes, da roça, do criatório, o dia-a-dia do antes, como momentos que são ressaltados de grande importância para suas vidas de hoje, alia-se aos momentos do vivido em Pau de Colher, para construir uma outra oportunidade de vida de recomeçar após o trauma irreversível de que foram vítimas enquanto indivíduos.⁷⁵

No Instituto de Preservação e Reforma, no Exército, na Marinha, no convívio com as famílias adotivas o pensamento se apoiou para conservar e reencontrar a imagem do passado.

Não esquecem dos lugares do vivido e em todas as falas existe o transportar para os elementos da religião e da miséria que os permitiram viver a experiência do vivido em

⁷⁴ “Labuto com madeira que foi o ofício que aprendi na escola” (Sr. Lourival); “o estudo que tive me fez ver o mundo de outra forma e hoje sou responsável pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Casa Nova, em Lagoa do Alegre” (Sr. Justiniano); “participei, como combatente da Força Expedicionária Brasileira. Hoje sou tenente aposentado e vivo aqui, no Rio de Janeiro. Conheci vários lugares e minha vida se desenvolveu entre a marinha, o teatro, o cinema” (Sr. Daniel Nascimento).

⁷⁵ Nos vários depoimentos dos órfãos está presente a marca desse trauma como o que nos revelou Dona Vitalina da Costa (o sobrenome Costa é o da adoção) “Essa bala no meu braço me lembra a lembrança que deixaram do fogo(...) Esse fogo do Pau de Colher fez eu me achar uma criança diferente das outras crianças. A alegria que as outras tinha eu não tinha. Eu vivia bem na casa dela, mas eu sentia falta como hoje ainda eu sinto de ser criada fora por outra pessoa que não era sangue meu nem nada”. (Casa Nova, 31, mai. 2002).

Pau de Colher e que agora abrem espaço para uma reconstrução numa outra perspectiva.

“E se somos severinos iguais em tudo na vida”...

4 – PAU DE COLHER PASSADO A LIMPO

*Desse jeito Deus me quis
E assim me sinto bem;
Me considero feliz
Sem nunca invejá ninguém
Profundo conhecimento
Ou ligeiro como o vento
Ou divagá como a lésma
Tudo sofre a mesma prova,
Vai batê na fria cova;
Esta vida é sempre a mesma*

(Patativa do Assaré – Canta lá que eu canto cá)

4.1 “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra, passaram”
(Apocalipse, 21:1)

O profeta é aquele que anuncia e denuncia

Leonardo Boff

A idéia de sertão aparece em diversos discursos, transformando-se quase sempre em oposição ao que é urbano, civilizado, culto. A separação que ocorre é evidente toda vez que surgem novas idéias de novos trabalhos. É algo que está latente ou sempre ali, presente.

O sertão é caracterizado como o lugar do coronel, do clientelismo político, de jagunços, de cangaceiros, da violência, do fanatismo religioso, da ignorância, do carrancismo onde os indivíduos são vistos como inferiores, infelizes, envelhecidos, ou mesmo que não desfrutam de uma consciência social onde não há possibilidade da existência de pessoas livres, onde não há uma existência concreta, onde os marcos da existência estão submetidos às ações de “homens de fora”.

As análises relativas ao sertão do Nordeste do Brasil, com certeza, não podem ser feitas sem considerar esses pontos e contrapontos. São análises recorrentes aos aspectos relativos ao que, por exemplo, Roger Bastide (1978, p. 86) apresenta nos seus escritos sobre “O Outro Nordeste” onde aparece a segmentação: esse é um, aquele é o outro e que foram transpostos, desde os primeiros momentos de nossa formação, como nos revela a carta de Pero Vaz de Caminha cujas bases religiosas estavam desde sempre ali estabelecidas:

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muitos bons ares...Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar,, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar, parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

Não se deve negar as injunções da formação histórica do Brasil, de exploração, de invasões culturais, a imposição cultural do colonizador (explorador europeu), muito pelo contrário, estamos reconhecendo na herança histórica pontos e contrapontos no sentido de indicar possibilidades dialogáveis e, recorrendo às páginas da historiografia e às ações institucionais que, desde épocas remotas, estão presentes na sociedade, para trabalhar as significações da religião e da miséria que dentro da cultura do sertanejo serviram de instrumentos capazes de almejar uma nova realidade. A retenção e a elaboração de elementos do universo simbólico do cotidiano rural permitem um processo de reconstrução, que a linguagem da santificação e salvação foram capazes de criar condições dentro do “adjunto” que seria vivenciada fora dele, que para eles seria no Sítio Caldeirão.

A religião e a miséria dentro da “cultura rústica” do sertanejo, traduzidas dentro do adjunto, que no dizer de Monteiro (1974, p.103), seria o “reencantamento como processo de reconstrução” que se fez a partir de valores que dentro e fora do adjunto representavam a base dessa construção. Assim, destaca-se nesses primeiros entendimentos que a História do Brasil está entregue ao representante de Deus para salvação dos indígenas. E, como “*Ao descer na praia ergue-se a cruz de Cristo*”, os seguidores de Pau de Colher, os caceteiros, o faziam “*lá no Sapateiro o Quinzeiro que foi dos que liderou o grupo lá armou uma cruz bem grande no meio do campo onde conversava com nós e nas ponta dos cacete tinha fazia uma cruz que nós marcava com o facão.*”

Ao contrário de querer negar toda essa formação é afirmá-la. É a herança vista por outro olhar, e trazer o que Roger Bastide (Ibid, p.87) diz em sua obra “Brasil Terra de Contrastes”:

O homem da caatinga nada tem diante de si, a não ser um céu imenso, implacavelmente azul estendendo-se sobre seu chapéu de couro, e em raras nuvens se esgarçam desvoradas pelo sol insaciável. (...) Tudo o incita à partida, à marcha, ao galope do cavalo, impelido pelo vento, em luta contra o espaço.

O caminho de se procurar entender e inserir os sujeitos moradores das áreas rurais dentro da história de suas próprias experiências; dentro de espaços simbólicos não dicotômicos (atraso/avanço, culto/inculto, popular/erudito); dentro de uma desconstrução de conceitos de progresso ou de um imaginário etnocêntrico, dentro de uma formação histórica que coloca o fervor do entendimento e a prática religiosa como ditames, dentro de uma religião e cultura que se deslocam de fora para dentro do “adjunto” num processo de reconstrução, dentro do diálogo que a natureza permitiu ao sertanejo alojar sua fé e esta naquela, foi o que envolveu o presente trabalho.⁷⁶

O imaginário penetrado no Brasil, através da “colonização européia”, estabeleceu uma contraposição por assim dizer: civilização& barbárie o que se cristaliza, às vezes, de forma inconsciente, as relações veladas e, ainda hoje, presentes em nossa sociedade: mestre/escravo.

Poder-se-ia aqui passar horas relatando exemplos que corroborariam para apoiar as afirmações acima.

O conjunto simbólico desse imaginário vai se desdobrando e quer seja em qualquer segmento da sociedade, em qualquer lugar deparar-se-ão com as relações de

⁷⁶ Gilmário Arruda em sua obra Cidades e Sertões (2000, p. 18), nos estimula afirmando: “Falar de sertões significa, entre outras coisas, dialogar com os significados atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias”.

dominação e de poder, velada ou transparente. Pau de Colher não escapou a todo esse processo. Fora do adjunto ou dentro dele observa-se essa dinâmica.

Não se está entretanto, no presente trabalho, como foi refletido no início deste e, principalmente mais explicitado no terceiro capítulo, à procura de trabalhar Pau de Colher na perspectiva desse jogo de poder (dominador/dominado; explorador/explorado; colonizador/colonizado), embora não se neguem essas marcas, até hoje, nesse processo de formação histórica. Caminha-se numa perspectiva de trabalhar o simbolismo, rico, mágico, tentador, criativo, sua força, mais do que sua forma, suas motivações mais do que a constatação dos mesmos, no sentido de apresentar Pau de Colher dentro da perspectiva de um sertanejo que, vivendo dentro daquelas condições de sobrevivência, construiu seu lugar dentro de um espaço cheio de “aqui e agora”, no dizer de Berger e Luckmann. E que este espaço não é uma coisa homogênea e vazia, diz-se.⁷⁷

Isto posto, e à luz de uma conclusão, procurar-se-á retomar algumas reflexões colocadas no primeiro capítulo, e aprofundadas no segundo e terceiro, no sentido de verificar a lógica do movimento de Pau de Colher dentro do universo simbólico que circulou entre a religião e a miséria, presentes na sociedade (lugar) onde o mesmo teve sua dinâmica e cujos atores sociais, seguidores desse movimento, o vivenciaram, construindo-o a partir dos componentes, religioso, histórico, cultural, social e econômico, presentes em seu cotidiano.

Apoiados na visão de Ralpf Della Cava e Duglas Teixeira Monteiro que em seus trabalhos sobre Juazeiro e Contestado, respectivamente, trazem no aspecto religioso,

⁷⁷ Ouçamos o que nos diz Milton Santos (1999 , p. 70), sobre esse espaço: *Mais do que essa perspectiva é considerá-lo para além de dados estáticos onde o lugar- mundo, o espaço de vida deve ser considerada como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido.*

catolicismo popular, não como um dos componentes do movimento, mas como sua base lógica, o movimento de Pau de Colher ganha, aí, sua perspectiva mais frutífera, neste trabalho, que é, herdando o olhar dos autores acima, considerá-lo não como epifenômeno, mas, mais ainda, analisar a lógica do movimento a partir dos componentes da religião e da miséria, entrelaçados e, a partir daí, o universo simbólico presente nos dois componentes. Que, ao contrário de se constituir enquanto movimento instintivo, ou mesmo fruto de derivações psico-patológicas, segue um dinamismo colado ao padrão cultural onde os rituais de promessas, de penitências, de benditos, de romarias dentro de um universo mítico onde o ritual correspondeu àquela vivência entre homem-natureza-Deus.

Inclui-se dentro desse padrão cultural, cujo universo simbólico deu dinamismo, a questão da violência marca imprimida ao “fanático” que atrai uma “inevitável perplexidade”, no dizer de Monteiro (1974, p.11), mas que não é tratada como *“enigma, resultante da posição etnocêntrica em que nos colocamos*, continua Monteiro., *nem considerar seus agentes como “primitivos”*, (compreensão urbano-civilizada), mas, como foi dito no primeiro capítulo, tratados como pessoas próximas, vizinhos, parentes, amigos. Busca-se uma aproximação em torno da forma como o sertanejo elabora seu pensamento, a partir de que componentes, fazendo uma aproximação entre o pensar e o agir. Monteiro(1974) ainda orienta que todo o esforço para o entendimento desses movimentos não deve ser feito ficando-se dentro desse mistério, mas para entendê-lo como um sistema cuja ordenação é diferente da que prevalecia no mundo sem mistério que o rodeava. Sem “mistério” que o rodeava? Perguntamos como complemento.

Tudo isso não implica que se esteja olhando a violência que foi cometida tanto pela Polícia Militar quanto pelos caceteiros, no adjunto e arredores, como uma banalização

da violência, mas que não deve ser entendida como algo fora da prática, muitas vezes muito mais violenta e recheada de requintes, pois é pensada por aqueles “urbanos”, “civilizados”, “eruditos”, pessoas que estão próximas das leis, do entendimento, das oportunidades. E ainda como ensina Monteiro (Ibid, p.11) “ *que a violência inspirada ou impulsionada manifestamente por valores religiosos é um traço comum na História. Tão comum quanto a violência política, com a qual muitas vezes confunde-se*”.

Nesse sentido, e partindo dos pressupostos desses autores, entende-se o Movimento de Pau de Colher dentro das condições histórico-sociais de um catolicismo rural, desenvolvido a partir da nossa formação histórico-religiosa, construído no interior da presença minguada dos representantes do catolicismo oficial que, contraditoriamente, ofereceram, com suas parcas visitas (desobriga), oportunidade ímpar para seus agentes criarem um universo simbólico que se dinamizou repleto de significados, dentro das condições de vida do sertanejo, não só dentro da lógica do sistema, mas dentro de uma lógica interna, da sua cultura, do seu modo de vida; em seguida, evidenciar o universo de significados construídos pelos seguidores. E aqui, apóia-se em Queiroz (apud Monteiro, 1974, p. 197) que, embora coloque o movimento de Pau de Colher dentro da tradição messiânica, afirma que “*o messianismo brasileiro não é o resultado da opressão, mas, ao contrário, de uma excessiva liberdade que degenera em licença*”.

Em que medida essas colocações foram adequadas para atingir, pelo menos em parte, o que propusemos como objetivos dessa pesquisa, é o que se deixa para ser avaliado.

Estendendo a preocupação desse trabalho para o interior do universo simbólico, e todo um movimento que se fez a partir desse universo movimentado pelos seguidores, tem-se procurado articular os elementos da religião e da miséria na perspectiva de uma análise sócio-antropológica e, nesse sentido, procurou-se apoio, também, em Gilbert

Durand e Marcel Mauss que, respectivamente, oferecem oportunidade para enriquecer o tema na medida em que procuram, em suas obras, o entendimento dinâmico daquele universo.⁷⁸ No interior desse entendimento, os elementos do imaginário simbólico que perpassaram o movimento de Pau de Colher foram vistos não só de forma dinâmica e carregados de suas motivações como nos ensina Durand (2001) de um lado; e de outro, como nos ensina Mauss (1979), no sentido mais da força desses elementos do que da forma e, nesse sentido, a circulação do universo simbólico construindo vínculos sociais

Certamente, o fundamental é explicar que a representação de Pau de Colher, a compreensão e explicação daquele evento para os seguidores, seu conteúdo social, perfazem um caminho cuja predominância de explicação está nos elementos da vida cotidiana, do meio natural, significações naturais e religiosas, que foram analisadas no sentido de um estudo relacional onde os elementos foram intercalados entre si e onde se buscou o lugar de cada elemento na dinâmica do movimento e seus inter-relacionamentos.

As representações que os mesmos faziam do lugar Pau de Colher compreendiam uma visão naturalista-religiosa alimentada pela busca do que lhes faltava para sobreviver, da vida minguada, da busca da presença da água, do pasto, dos alimentos, do criatório, através das práticas de um catolicismo rural que, em torno das promessas, penitências, canto dos benditos, rezas, iriam obter. As representações sociais de Pau de Colher

⁷⁸ Durand (2001, p.246) nos ensina que: “E, de certo, o habitat, a morada relacionam-se positivamente numa dialética sintética com o meio ambiente geográfico” ; Mauss (apud Caillé, 2002, p.226) nos ensina também que: “ *Ele é em primeiro lugar o que (re)une o que se acha separado. (...) Quem diz símbolo diz significação comum para os indivíduos- naturalmente reunidos em grupo- que aceitam este símbolo, que escolheram mais ou menos arbitrariamente, mas unicamente, uma onomatopéia, um rito, uma crença, um modo de trabalhar em grupo, um tema musical, uma dança.*”

envolvem um sertanejo que, ao conviver com uma realidade concreta (natureza) dialogou com a mesma, entendeu seu comportamento (da natureza), se compreendeu como agente de transformação ou mesmo de superação dos desafios e, com o homem religioso, temente a Deus, mas que entende um Deus piedoso e misericordioso a quem tudo pertence. Esses desafios foram alimentados por uma marca onde natureza e religião foram suas molas propulsoras.

Nesse contexto, entre religião e miséria, no contexto de uma vida de dificuldades e de uma religião onde o Deus “punidor” era também um Deus misericordioso, onde no lugar Pau de Colher obteriam um grau de passagem para um novo modo de vida, nessa relação, miséria-religião-Pau de Colher, os seguidores dinamizaram um universo simbólico que se inscreve menos nas questões de terra, ou nas questões relacionadas às brigas pelo poder, do que nas questões relacionadas ao entendimento de sujeitos cuja realidade, vida escassa, minguada cujo Deus ali presente iria solucionar. Inserem-se numa visão de mundo onde eles são os responsáveis por terem reverter dentro de um universo de esperança, que é divina: *“quem faz a chuva não é o governo, é Deus. Quem salva é Deus não é o governo”*.(Lourival Rodrigues)

Assim, Pau de Colher foi o momento de consagração, através da entrega de tudo, *“nós levamos tudo o que tinha”*, para um Deus que sendo, castigador e misericordioso, os recompensaria com um novo lugar, um novo modo de vida, que para eles seria *“no tal sítio Caldeirão de Zé Lourenço”*, onde se viveria em comunidade.

Tem-se uma visão naturalista e divinizada do mundo, movimentada por uma religiosidade que, ao mesmo tempo, ao explica essa condição, encaminha alternativas de solução, no entendimento dos seguidores *“eles dizia que nós tudo voltaria, sobrevivia, rico e jovem e era lá no tal Sítio Caldeirão”*.

A existência de Pau de Colher, deles próprios e da dinâmica de suas vidas localiza-se numa representação naturalista da vida, a natureza está ali, Deus é o representante maior daquilo tudo, a terra é de Deus, a natureza, o criatório, as coisas, os recursos, seus corpos, suas vidas que são movimentados por uma prática de fé impregnada como condição *sine qua non* de existência.

Durante o dia nós vai pra roça, fica o dia todo lá se é longe da morada aí já levamos o de comer, se é perto a gente vem comer em casa, mas o certo é comer lá na roça, lá pras cinco hora quando a gente volta, a gente prende os bicho nos criatório, porque os bicho ficam solto, no mato o dia todo, vai comer com a famia e rezar no oratório para o outro dia fazer tudo do mesmo jeito. Nós só tem os recurso e Deus. Aí nós reza pedindo chuva e pagando promessa da chuva que encheu o tanque. (Abi Gomes Marques).

Estabelecidos esses elementos fundamentais que percebidos desde sempre engendrados no contexto dos povoados e moradias do cenário geográfico do movimento, enquanto significações da religião e da miséria, transfere-se a atenção no sentido de apresentar as representações sociais relativas à realidade Pau de Colher, *o porquê do deslocamento dos atores sociais para Pau de Colher? Como a realidade Pau de Colher era representada pelos mesmos?*

Guiados por essas questões os depoimentos, em sua maioria expressiva, apontam para a presença de Deus (religião), da natureza (o lugar, o meio ambiente), e dos sujeitos (atores sociais e a sociedade que os cercava).

A partir desse compartilhamento observa-se que os atores sociais envolvidos com o movimento ao internalizarem suas representações sobre o lugar por eles vivido (de seca, de vida minguada, da dinâmica da vida entre o roçado e a morada, das rezas, dos benditos, das promessas, da presença dos oratórios), vão expressar a relação entre eles próprios com o lugar (mundo) com o qual eles mantêm uma relação cotidiana de sobrevivência material e espiritual e, ao mesmo tempo, essas representações os situam

nesse mundo, não no sentido da contestação consciente, da luta pelo poder, nem na órbita da responsabilidade do poder constituído, nem da ação social dos homens investidos de poder, rivalidade entre classes sociais, mas no sentido da aceitação como tal, como algo natural próprio do meio ambiente, subjacente ao mundo religioso. Pau de Colher significaria o desembocar do dinamismo: com a seca não há vida no roçado, os animais definham, há escassez, a vida ganha o dinamismo da escassez; a vida espiritual se dinamiza, mais ainda, para responder e permitir a continuação das motivações da vida e dá sentido à mesma; chove, a vida no roçado ganha o dinamismo da fartura; seca/ dinamismo espiritual/chuva; escassez/práticas de fé/fartura.

Entre a escassez e a fartura a religião significava a possibilidade da presença da vida como a válvula de escape para a insuportável vida minguada, de miséria. Lá dentro do adjunto a religião e a miséria que estavam desde sempre presentes em suas vidas, intimamente relacionadas, ligavam cotidianamente a miséria, à falta de condições básicas de vida à sua opção religiosa.

Para dentro do “adjunto”, momento culminante para a saída do mundo anterior de miséria em função de outro mundo, misturaram-se todos os “eu”, todos os “outros”, numa representação de um todo a partir da junção das coisas partidas, todos os pedaços foram colados um ao outro: pedaços de miséria (representado por corpos desgastados), pedaços de fartura (representado pela abnegação da vida material e doação da mesma, de tudo o que tinham levado para o adjunto; pedaços da fé (representado pelas suas presenças, seus corpos) de cada um que compartilharam, no adjunto, na perspectiva da salvação, da obtenção de um lugar que para eles seria no Sítio Caldeirão, lugar de fartura, de vida comunitária, de vida onde não faltaria nada, lá era o céu, era a salvação e o encontro com Deus. Esses elementos permitiram uma ordem em que os seguidores se orientaram no mundo material, espiritual e social comandando-o. Pau de Colher

representa para os seguidores, o altar, a igreja que faltava, o refúgio, a salvação, o escape, a culminância, a concretização, a realização, a ancoragem do bom e do ruim, do bem e do mal, a alteridade, o arrebatamento, a imagem da realidade de miséria. As práticas de fé, os recursos de autodefesa e proteção (os cacetes, o facão, as rezas, os benditos, as romarias etc...) revelam uma autonomia em relação ao catolicismo oficial, manifestas no adjunto, que não eram entendidas como hostis aos agentes eclesiais oficiais, mas que tornam sua presença dispensável. A prática da desobriga, desenvolvida pela Igreja Católica, como revelou o Pe. Manuel Lira Parente *“a igreja mantinha uma presença minguada naquelas localidades, de ano em ano nós saíamos, éramos três padres, para as visitas quando batizávamos, ministrávamos a missa numa fazenda que escolhíamos, fazíamos casamentos, atos de confissão. Era muito pouco”*, exerceu entre os seguidores motivações para o exercício de suas necessidades espirituais dentro de uma reelaboração cultural-religiosa.

Por outro lado, o Estado ao considerar a concentração dos seguidores em Pau de Colher *como própria da ação de “bandoleiros” e “bandidos”, próprias de indivíduos preguiçosos e ignorantes, cujas medidas urgentes deveriam ser tomadas enviando tropas para devolver a ordem e a moral, para salvaguardar a cultura e a civilização e a fé da boa gente sertaneja*”, desvincula miséria e religião passando a focalizar apenas a violência dos atos ligando-a à desordem e à preguiça e à ação de comunistas que, *“se aproveitando da simplicidade e boa fé daquela gente explorando-os por todos os meios pela atuação desses espertalhões no que se refere ao caráter religioso de que reverterem”*, assume uma postura moralista ante a violência e transfere o comportamento e a responsabilidade dessa violência como atitude de *“homens ignorantes que se aproveitam da boa fé da gente simples”*, desliga das condições de vida minguada, parca, sub-humanas. Isso remete para o entendimento de que o Estado e as forças

policiais militares que estavam a seu serviço como único poder oficial da violência física, têm incorporado o ideário urbano-civilizado e ao *ethos* do recém Estado Novo.

O Estado, não considerando como questão social, não se incluindo como agente de exclusão, pela omissão e ausência de projetos infraestruturadores, prefere mais comodamente tratar os religiosos como “bandidos”. Dessa forma, não percebe no conteúdo das rezas, dos benditos, do simbolismo criado para o convívio, denúncias sociais, mesmo não tendo os seguidores consciência de o estarem fazendo. Ao transferirem a responsabilidade da construção de Pau de Colher para a ação “*nefasta de beatos que se fazem passar por iluminados, enviados de Deus*”, passam por cima das denúncias contidas nos textos dos benditos, das rezas, das romarias, da situação de pobreza com a qual convivem, não se colocando dentro da discussão.

Por outro lado, insistir no não compartilhamento entre miséria e religião, o Estado desvia, também, as explicações no sentido de ligar o movimento à presença de intelectuais como Guanaes Pereira de Remanso e Sodré Viana, acusando-os de líderes intelectuais cujas idéias radicais ameaçavam o Estado Novo e pretendia derrubar o governo de Getúlio Vargas.

As Polícias Militares dos três Estados envolvidos (Piauí, Pernambuco e Bahia) para justificar sua ação militar desligam religião e miséria e inscrevem Pau de Colher e seus seguidores como caso de polícia, como criminalidade que ameaçava a ordem pública “civilizada” o que vem acentuar a oposição urbano/rural, cidade/campo, a idéia de um Brasil dividido em espaços simbólicos dicotômicos: o espaço cidade, pólo avançado; o espaço dos sertões estigmatizado pelo seu atraso.

Juntamente com a Polícia Militar, a Imprensa compartilha com a idéia de que Pau de Colher era resultado da atitude de pessoas ignorantes que se enganam e seguem discurso apocalíptico de beatos e ligam Pau de Colher à memória de Canudos, como

fanatismo próprio das populações rurais, cujos atos de rebeldia contra o Estado, a Igreja e o Exército, contra a ordem estabelecida cuja ameaça e risco à República, deveria ser corrigida com uma ação “educativa e evangelizadora”.

A ótica da Igreja não difere muito da ótica do Estado, pois, também, quando vincula a ação dos beatos à ação de homens leigos que não representam, de fato, o catolicismo oficial, liga o movimento à inocência de homens “fanatizados”, “iludidos” e ignorantes trazendo a responsabilidade daqueles atos à falta de instrução. Ao mesmo tempo, coloca o discurso da igreja enquanto única responsabilidade legal de promover as práticas e ensinamentos doutrinários, puxando para si a responsabilidade, também, de ministros da graça da salvação. A dimensão do simbolismo de Pau de Colher, através do catolicismo popular/rural reinterpretado a partir das rezas, dos benditos, das romarias, de todo o universo simbólico, comportamento no adjunto, vestuário utilizado, os cacetes como instrumento/símbolo de poder e de salvação, o exercício cotidiano das pregações do Evangelho, como foi colocado no início deste capítulo, estavam voltados para a mesma preocupação inicial com a terra Brasil, *salvar essa gente*, pois diziam que “*nós fomos para Pau de Colher por que a gente queria ir pro céu, todo mundo ia por causa da salvação*”, cuja tradição religiosa busca-se lá nas missões religiosas dos padres jesuítas e da cultura do sertanejo. Além de serem reconhecidas como ação de sujeitos “fora da lei” pelo Estado e Polícias, foi descaracterizada pela Igreja Católica por não seguir uma vinculação formal com a mesma e ainda tida como expressão de atraso.

Os fazendeiros, por sua vez, aqueles que não participaram, mas que tinham ascensão política sobre o lugar (pois representavam o poder intermediário descentralizado entre o poder da sede do município e os povoados e moradias, homens “sabidos”, que resolviam as questões de briga de família, partilhamento de terra), corroboram com a

visão do Estado que desconecta o evento Pau de Colher das condições de pobreza, pois são beneficiários diretos da mão de obra que circula em suas fazendas (vaqueiros, agricultores, domésticas), ligando a religião, especificamente à ação dos beatos, à rebeldia e, ao mesmo tempo, à esperteza daqueles que queriam tomar suas terras e ficar com a mão de obra *“eles já tinham tudo dividido: Pau de Colher era de um, Lagoa Comprida era do outro, já tava tudo traçado, eles queriam tomar tudo e mandar no lugar e dominar as fazendas porque tinha muita fazenda de muito recurso”*. Nesse entendimento, a ação dos fazendeiros é a de denúncia, à polícia local, recorrendo às autoridades políticas por se sentirem ameaçados com prejuízo de sua mão de obra.

Entre os remanescentes de Pau de Colher as representações sobre a religião e a miséria inseriam-se numa visão naturalística, onde vida cotidiana, material, pobreza, miséria, fome, vida minguada como um processo natural da vida, e religiosa que emergem das condições do lugar que oferecem tradicionalmente as possibilidades de suas existências e dinâmica das mesmas. A seca, o tanque seco, a criação magra e, o contraponto, a chuva, o tanque cheio, a criação gorda é o seu dia-a-dia, é algo natural com a qual condição, têm que sobreviver, dinamizar suas vidas, resistindo, reagindo, criando possibilidades, e a religião, suas práticas de fé, dentro de um catolicismo rural, de sua cultura que, segundo eles, *“é já da tradição, vem dos tempos pra trás”*, daquele lugar, ou seja, o contexto onde estão inseridos, nada mais é que algo normal. Em consequência, suas práticas de rezas, benditos, romarias, promessas, penitências desenvolvem-se dentro de uma compreensão de um Deus que *dá a roupa conforme o frio”, não dá mais do que nós possa agüentar”*, Deus que permite o *“bom e o ruim, o dia e a noite, a seca e a chuva, o castigo e a misericórdia, a morte e a salvação*.

Tem-se nesse sentido, as representações ligadas ao entendimento natural e religioso e que, para superação das condições adversas de vida, ou para superação da vida de

pobreza constroem um universo simbólico em torno da questão que é projetado numa representação do “adjunto” como o lugar do arrebatamento. Dessa forma, as representações que os remanescentes fazem de Pau de Colher, em sua expressiva maioria, liga-as a uma vontade divina que exige dos seus fiéis uma vida de humildade, simplicidade e entrega dos seus recursos, do corpo e da própria vida subordinando, assim, uma à outra (miséria à religião), alimentando uma com a outra. O universo simbólico, que é construído desse entendimento e prática, vai permitir, mesmo sem uma consciência tão clara, que as questões sociais vão emergindo, pois quando fala da roça, do criatório, da seca, da chuva, das rezas, da abundância e da escassez, as condições miseráveis de vida vão aparecendo a cada declaração. Emergem, por outro lado, não só as carências materiais, mas as ausências espirituais com as quais têm que conviver criando seus recursos (memória e oralidade), que materializam suas conquistas.

Os remanescentes de Pau de Colher quando revelam que, *“nós não tinha outra coisa senão de dia ir para a roça e de noite rezar no pé do oratório”*, nutrem suas vidas a partir dessa realidade que aparece concretamente aos seus olhos como algo natural e religioso, conseqüentemente criam um universo, a partir daí, que funciona como um veículo que vai garantir algumas possíveis soluções.

Suas representações estão desligadas das questões humano-sociais, quais sejam, de uma realidade que está fora do crivo do poder, que está fora da responsabilidade dos homens que estão no poder e, nesse sentido, desligam-nas da responsabilidade do Estado. Dessa forma, o movimento de Pau de Colher não tem, para os seguidores, pelo menos visivelmente, sua existência na omissão dos governantes, nem na esfera da ação social dos homens. Com esse entendimento, compete aceitar como um projeto divino,

o pensamento, o sentimento, as motivações. A aspiração de salvação é estruturada e se fortalece no entendimento dos preceitos religiosos.

Na compreensão dos seguidores, a realidade Pau de Colher não foi uma construção e objeto das diferenças sociais, da posse e propriedade de terras nas mãos de alguns e nem na luta entre dominadores e dominados, mas no plano religioso que se desenvolveu numa relação homem-natureza-Deus para obtenção de uma nova vida, “*vi novo céu e nova terra*”. Pau de Colher, representado como o lugar da salvação, do arrebatamento, insere-se na existência da compreensão religiosa de que tudo está nos planos de Deus cuja compreensão é a de que *quem se alimenta de Deus, por ele viverá*”. E como afirmam “*eles dizem que é para a salvação pra nós ir tudo lá pro Sítio Caldeirão onde nós vai ter uma vida diferente*”, *a gente vai tudo numa nuvem pra lá em janeiro*”. E, nesse sentido, repete-se o que está lá em Apocalipse, 21:1, *vi novo céu e nova terra porque o primeiro céu e a primeira terra passaram e em Tessalonicenses 4:17, “Depois nós os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor”* e que aparece nas falas dos depoentes.

O cotidiano dos remanescentes que se movimenta entre a roça e o oratório, o plantio e as rezas, a seca e a chuva, os pedidos feitos aos santos e a doação através das promessas, a vida minguada e a busca dos preenchimentos com as orações, preces e benditos, intimamente ligados, impulsionou seus atos. A concentração durante os vinte e oito dias no “adjunto” de Pau de Colher, como foi dito, lugar de onde sairiam (arrebatados) para um outro, a religião e a miséria estiveram juntas diariamente.

A ligação, no dia-a-dia, da miséria e da religião não significava, na representação dos remanescentes, uma contestação à ordem estabelecida ou insubordinação (representação do Estado); ou uma “desobediência” ao poder do catolicismo oficial,

desrespeitando a figura do padre; nem à “inocência dos humildes sertanejos” (representação da Igreja); nem, tão pouco, à “sabedoria dos beatos” que enganavam o povo para ficar com as terras (representação dos fazendeiros), mas como um alimento presente no cotidiano dos mesmos que fez circular um universo simbólico para o alvo maior que era a salvação.

O compartilhamento entre religião e miséria, na representação dos seguidores, é reconhecido na medida em que estimulava a construção de um universo simbólico, reinterpretado do catolicismo oficial a partir das suas condições cotidianas de vida. Ou seja, a vida dos remanescentes, a moradia, a roça, o criatório, o chiqueiro, o tanque, o depósito de lenha, o depósito de cereais, vizinhança estava indissociável da vida religiosa, alimentado-se uma pela outra, símbolos de pertencimento ao lugar e, mais tarde, ao grupo religioso de Pau de Colher. Aqui a relação entre o universo acima era a de criar e manter os vínculos que consideravam necessários para dar dinâmica às suas vidas e que transportaram para Pau de Colher em função de um novo modo de vida que não viam também indissociável desses elementos. Inclusive o deslocamento para Pau de Colher foi uma ação em conjunto com a família. Raros foram os casos de se deslocarem sozinhos, “*minha mãe e meu pai foi com os dezessete fio*”, “*meu marido foi primeiro e depois eu fui ver o que era aquilo e fiquei lá*”, “*fui com marido e dois fio e um estava molinho, molinho que eu tava de dieta*”.

O cotidiano em Pau de Colher representava o cotidiano da vida fora de Pau de Colher para lá levado, lugar preparatório para entender as coisas que viriam após, a exemplo do Antigo Testamento que funciona como um evangelho preparatório para o entendimento das coisas que viriam após a morte de Jesus Cristo., “*Porque Deus amou o mundo de tal forma que deu seu filho unigênito para que todos que nele creê não pereça, mas tenha a vida eterna*” (João 3:16).

A representação do sacrifício com a entrega de tudo (alimentos, criação, roupas, bens pessoais, santos, cada um seguidor, a própria família), liga-se a seguidores que, entregando tudo o que tinham, inclusive sua própria vida, abdicam da riqueza (quando tinha chuva) e da pobreza (quando esta faltava), que caminha no sentido contrário da dinâmica do capitalismo. O homem (seguidor), em Pau de Colher, é representado por aquele que, ao mesmo tempo, entrega-se a si próprio e o que tem. O sacrifício, a entrega de tudo, não significa uma atitude de contradição mas a confirmação da certeza de que nada do que tinham lhes pertencia e que teriam de volta tudo, retribuído por um Deus misericordioso “*todo mundo ia voltar rico e jovo*”.

O sacrifício em Pau de Colher, o procedimento de entrega dos seguidores, representava atitude importante para produzir a fé.

Suas falas estão carregadas da representação do adjunto enquanto religiosidade que vai buscar nos ensinamentos do Antigo e Novo Testamentos seus referenciais. A representação do adjunto enquanto em forma circular onde a casa (oratório) de José Senhorinho, ficava num plano mais alto onde os seguidores se juntavam para ouvi-lo; o beato Quinzeiro que se retirava para trás da casa de Senhorinho e ficava sentado em uma pedra a falar para os seguidores, em número reduzido, pois não gostava de magotada, estava sempre ali com alguns enquanto Senhorinho estava com o grande grupo. Busca-se esse simbolismo no Novo Testamento, na passagem das Bem Aventuranças. Nessa perspectiva, buscaram ,através de Pau de Colher, lugar do arrebatamento, possibilidades de viverem outra linguagem, solidária, irmã e coletiva que seria no “*Sítio Caldeirão com um tal Zé Lourenço*”, não importa onde, mas seria o lugar onde os afetos, os vínculos, as coisas partidas seriam juntadas e que foram entendidas, pelos diversos seguimentos que os julgaram, incompatíveis de serem pretendidas e realizadas por “fanáticos”, “bandoleiros”, “bandidos”, “baderneiros”,

“ignorantes”, “incultos”, “criminosos”, que no “mafuá”, no “adjunto”, no “redemoinho”, “no reboiço”, no “circo”, no “coito”, e que “*deveriam sofrer uma ação coercitiva das autoridades civis e eclesiásticas a fim de não sacrificar a tradição moral dos nossos sertanejos e, ao mesmo tempo, os nossos foros de cultura e civilização*”.

Todas as expressões citadas refletem uma concepção do movimento, por parte das instâncias políticas, que desatrela das questões relacionadas às condições de miséria, pobreza da região, transportando e desviando a ótica de responsabilidade exclusiva de pessoas “ignorantes e fanáticas” e, ao mesmo tempo, no sentido de desqualificar o movimento procurando criar, junto à opinião pública, a concepção de uma concentração sem sentido, não percebendo os valores culturais do homem do sertão, seu modo de vida, pelo contrário destruindo-os no sentido social e cultural etc... Pelos depoimentos dos remanescentes, pelo contrário, revelam que Pau de Colher era um sítio localizado entre Lagoa do Alegre e Ouricuri, na Bahia; era ponto de cruzamento de boiadeiros, onde existia uma feira, vendia-se tudo, onde o povo trabalhava, com a criação, no comércio e na roça, e onde todo mundo tinha seus recursos, “*Aqui debaixo desse juazeiro tinha uma feira muito grande, vendia de tudo, isso aqui era cheio de trem, isso aqui era sortido, aqui era tudo zelado, tinha açougue e a água era bem aí*”. Pau de Colher era uma comunidade religiosa onde seguiam as práticas do catolicismo oficial re-interpretadas dentro da cultura e modo de vida dos mesmos, a partir de textos bíblicos; existia um comportamento ritualizado e hierárquico, pois havia disciplina interna para o grupo “*lá tinha hora pra dormir e pra acordar. Cada um no correr do dia ficava rezando e Senhorinho vinha de noite rezar e botava o pessoal numa fila*”; regras eram seguidas; tarefas diárias dividiam as funções entre mulheres e homens; havia um código de punições para “*quem não seguisse a lei do Senhorinho*”, e,

finalmente, representava os objetivos de salvação para todos do grupo. Era um lugar concreto dentro de uma realidade que não era ilusória ou ficção, mas realidade concreta, palpável, visível.

Afirma-se que Pau de Colher e o universo simbólico criado pelos seguidores, representaram significados, que apontam para maximizar as explicações de cunho natural-religioso onde as interferências sociais, políticas e econômicas foram diminuídas e que o universo simbólico desenvolvido dinamizou e deu sentido ao mesmo na direção da vida num “novo lugar”.

Concluindo, considera-se Pau de Colher um campo que se pretendemos continuar estudando cujos povoados e moradias precisam ainda de um resgate maior em tantos outros terrenos como, por exemplo: o retorno dos órfãos que foram para a Escola de Preservação e Reforma, o que fazem, hoje; suas lembranças, saudades, os choques culturais entre a vida em Salvador e o retorno para o circuito do movimento, suas frustrações, seus medos; como vivem; um levantamento sobre o imaginário dos trinta meninos e as vinte meninas levadas para Salvador; a experiência de alguns desses engajados nas Forças Expedicionárias durante a Segunda Guerra Mundial; o imaginário dos que procuram, ainda hoje, suas raízes perdidas após o combate final, que não sabem quem eram seus pais e que querem preencher esse vazio como é o caso de Dona Maria da Conceição que, em Salvador, procura os estudiosos do assunto para ajudá-la a se encontrar.

Retirar do chão de Pau de Colher a história, não dos líderes beatos ou de seus “mandados”, mas a história daqueles homens e mulheres que compuseram aquele cenário numa dimensão simbólica micro, que, ainda hoje, está fazendo parte, nos estudos, da periferia do movimento, incluídos, apenas como coadjuvantes, pura

figuração e, terminar relembrando o que Berger & Luckmann (1983, p.132) nos ensinam que

O que tem particular importância é que as situações marginais da vida do indivíduo (marginais no sentido de não estarem incluídas na realidade da existência cotidiana da sociedade) são também abrangidas pelo universo simbólico.

Que não participem da história através de autos de processo, indiciados em ocorrências policiais, ou manchetes de jornais, sobre o título de bandoleiros, fanáticos e bandidos, mas por meio de um resgate que dê conta de suas presenças enquanto história de vida de pessoas iguais, vizinhas, próximas, irmãos.

“E nós tudo ia viajar numa nuvem para o Sítio Caldeirão”.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Participantes e contemporâneos de Pau de Colher

- João de Souza Rodrigues (88 anos, Olho d'Água-PI.)
- Lourival de Souza Rodrigues (77 anos, Lagoa Comprida-BA.)
- Abi Gomes Marques (77anos, Tanque do Bonito-BA.)
- José Tintino (68 anos, Riachinho-BA)
- José Justiniano Reis (77 anos, Lagoa do Alegre-BA.)
- Maria Madalena do Nascimento (69 anos, Casa Nova-BA.)
- Maria de Oliveira Rodrigues (88 anos, Olho d'Água-PI.)
- Raimundo Pereira Pinto (54 anos, Casa Nova-BA.,)
- Rosalina Amorim Miranda (83 anos, Casa Nova-BA.)
- Simoa Maria Pereira (86 anos, São Bento-BA.)
- Vicente Mendes da Silva (84 anos, Barra do Jesuino-BA.)
- Manuel Rodrigues Ribeiro (85 anos, Pau de Colher-BA.)
- Alvina Pereira da Silva Pinto (89 anos, Algodão-BA.)
- Maria da Silva Carvalho (69 anos, Casa Nova-BA.)
- Manuel de Anchieta Carvalho (40 anos, Casa Nova –BA.,político de Casa Nova).
- Abel Moreira de Siqueira (81 anos, São José –PI).
- José Teles (89 anos, Rajada-PE.)
- Manuel Lira Parente (89 anos, Dom Inocêncio-PI.)
- Teodoro Pereira do Rosário (89 anos, Olho d'Água-PI.)
- Rufino de Souza Rodrigues (73 anos, Barra-BA.)

Maria Ferreira Santos (90 anos, Olho d'Água-PI.)

Maria Nascimento (84 anos, Castanheiro-BA.)

Josefa de Souza Rodrigues (80 anos, Lagoa Comprida-BA.)

Raimundo do Zeca (38 anos, Dom Inocêncio-BA., filho de contemporâneo)

Raimunda Santos Castro (83 anos, Minador das Pombas-BA.)

Daniel Nascimento (77 anos, Castanheiro-BA.)

Vitalina da Costa (67 anos, Casa Nova-BA.)

Arquivos, Batalhões e Bibliotecas

AUTO de Denúncia Crime. Apresentado pelo adjunto da Pretoria Pública. Casa Nova, 1, jun. 1938.

AUTO de Autuação dos Menores. João José Lopes e José Joaquim de Souza. Casa Nova 12, nov. 1938.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. (Recife-PE.). Jornais: Pequeno e A tarde, jan., fev., mar., 1938

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. (Teresina-PI.) Diário Oficial, jan., fev., mar., 1938.

BATALHÃO da Brigada Militar de Pernambuco. (Recife, PE.). Boletim de Ocorrência Jan., a jun., 1938.

BATALHÃO do Esquadrão Motorizado da Polícia Militar do Estado da Bahia. (Salvador,BA.). Boletim de Ocorrência, jan., a jun., 1938.

BATALHÃO de Infantaria da Polícia Militar do Estado do Piauí. (Teresina, PI.). Boletim de Ocorrência, jan. a jun. 1938.

BATALHÃO do Serviço de Saúde do hospital da Polícia Militar do Estado da Bahia. (Salvador, BA.). Boletim de Ocorrência, jan., a jun., 1938.

BIBLIOTECA JURACY MAGALHÃES. (Salvador-BA.). Jornais: Diário da Bahia, Estado da Bahia, O Imparcial, Diário da Tarde, jan., fev., mar., 1938. IBGE.

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO. *Informações básicas dos municípios baianos. Baixo Médio São Francisco.* No. 85. Salvador, BA. 1993.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AURÉLIO. Novo dicionário da Língua Portuguesa. 2^a. ed, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BÍBLIA Sagrada/ Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2^a ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ALEXANDER, Jeffrey C. *O novo movimento teórico*. RBCS, no.4, vol. 2, p. 5-28, jun. 1987.
- ANDRADE, Manuel Correia. *A Terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da reforma agrária no Nordeste* / Manuel Correia de Andrade. 5^a. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*/ Gilmar Arruda. – Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- ASSARÉ, Patativa. *Canta lá que eu canto cá: filosofia de um trovador ordestino*. 6^a. ed. Editora Vozes-Petrópolis- RJ, 1986.
- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*/ Georges Balandier: tradução de Suzana Martins. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O feudo, A Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil*/Luiz Alberto Moniz Bandeira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes: Corpo e alma do Brasil*. 8^a. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (por) Peter L. Berger (e) Thomas Luckmann; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BITOUN, Jan. *Contextualizando cidadania e democracia no Recife*. In *Economia Popular e Solidária: desafios teóricos e práticos*/ org. Alzira Medeiros e Paulo Henrique Martins. – Recife: Bagaço, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência*/ Leonardo Boff. – Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

_____. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In Bourdieu, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher na letra e na voz/ Gilmário Moreira Brito*. – São Paulo: EDUC, 1999.

CAILLÉ, Alain. *Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva*. *RBCS*, vol,13,38, 5-39,out, 1998.

_____. *Antropologia do Dom; o terceiro paradigma/ Alain Caillé/ tradução de Ephraim Ferreira Alves*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 35^a. ed. Rio de Janeiro: F. Alves; Brasília, 1991.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

DUARTE, Raymundo. *Um Movimento messiânico no interior da Bahia*. In *Revista de Antropológica*, vol.11, nos. 1 e 2, jun.-dez. 1963.

_____. *O movimento messiânico de Pau de Colher*. Comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. UFBA. Salvador, 1969.

DURAN, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral/ Gilbert Durand; (tradução Hélder Godinho)*. 2^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTRELA, Raimundo. *Pau de Colher, uma pequena Canudos: conotações políticas e ideológicas*. 2 ed. ver. Salvador: Assembléia Legislativa, 1998.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FREITAS, Oscar Marques. *Boletim do Serviço de Saúde do Hospital da Polícia Militar do Estado da Bahia, dando conta do falecimento de “fanáticos”, no. 100, 4, maio 1938*.

GOMES, Alfredo Macedo. *Imaginário social da seca, suas implicações para a mudança social/ Alfredo Macedo Gomes*. – Recife: FUNDAJ, Editora Massangano, 1998.

HISTÓRICO de Pau de Colher – Carta anônima ao Bispo de Juazeiro D. José Rodrigues, Manuscrito – Juazeiro da Bahia, 1938.

HOBBSAWM, E. J. *Rebeldes Primitivos*. 2 . ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914/1991/ Eric Hobsbawm*. Tradução Marcos Santarrita; revisão teórica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do homem simples: cotidiano e história anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, Paulo Henrique. (Org.). *A Dívida entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. & Medeiros, Alzira. *Economia Popular e solidária: desafios teóricos e práticos*/ org. Alzira Medeiros e Paulo Henrique Martins. – Recife: Bagaço, 2003.

MAUSS, Marcel. *Antropologia*/organizador (da coletânea) Roberto Cardoso de Oliveira: (tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldi Meirelles e Ivonne Toscano). – São Paulo: Ática, 1979.

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. *História política do Baixo Médio São Francisco*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 1989.

MELLO NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*/ João Cabral de Melo Neto. – 4. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MELO, Rogacimo Correia de. Boletins nos. 17, 22 e 24, jan. 1938, da Brigada Militar de Pernambuco sobre operações do Cap. Optato Gueiros no “combate aos fanáticos”.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In Jovchelovitch, S. & Guareschi, P (Org.) Textos em Representações Sociais. 4^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas cidades, 1974.

MUSEU DO SERTÃO. (Petrolina, PE), Museu do Sertão. Petrolina: Jornal, jan., fev., mar., 1938.

OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. *De Caldeirão a pau de colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, BA: R.B.B. Oliveira, 1998.

PEREIRA, Raimundo. Telegrama do prefeito de São João do Piauí, ao Interventor Federal do Piauí, Leônidas Mello, 8. jan. 1938, comunicando sobre a “horda de bandidos no sul do Estado e pedindo providências urgentes”.

POMPA, Maria Cristina. *Histórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. Dissertação (mestrado em antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: UNICAMP, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

_____. *O mandonismo local na vida política brasileira: da colônia à Primeira República – Ensaio de Sociologia Política* – Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo-Brasil, 1969.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar/* Maria Luíza Santos Ribeiro. – 10^a. ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

RICHARDSON, R.J. & Colaboradores. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 3^a. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas/* João Guimarães Rosa. – 20^a. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Novos aos velhos coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife, PIMES, 1974.

SANTOS, Milton.. *A natureza do espaço e tempo: razão e emoção./* Milton Santos. – 3^a. ed. – São Paulo: Hucitec. 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 2^a. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Zacarias Justiniano dos. Telegramas enviados ao comandante da Polícia Militar Tito Coelho Lamêgo apresentados no Boletim no. 59 de 28, mar. 1938; Boletim no. 34 de 14, fev. 1938, informando sobre operações contra o “inimigo”.

SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Novos aos velhos coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife, PIMES, 1974.

SCARES, Elesbão. Certidão dos Assentamentos Gerais do Cel. Benedicto Alves da Luz. Polícia Militar do Piauí, 27, out. 1980.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil /* coordenador geral da coleção Fernando Novaes; organizador do volume Nicolau Sevcenko – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Agenor Brayner Nunes da. Ofício no. 279, da Comissão de Inquérito Administrativo da Brigada Militar de Pernambuco incumbida de proceder a Inquérito Administrativo de prestação de contas contra o cap.Optato Gueiros, 6. set. 1939.

SILVA Francisco. Telegrama do prefeito de São Raimundo Nonato ao Interventor Federal do Piauí, Leônidas Mello, 10, jan. 1938, comunicando ataque de “bandoleiros” e pedindo remessa de munição.

SILVA, Hélio. *História da República Brasileira. In O Estado Novo*. Vol. 10. São Paulo :Editora TRÊS LTDA, 1998.

SILVA, Maria do Carmo Vieira da. Coletânea de Casa Nova: registros da História de Casa Nova. Biblioteca Municipal de Casa Nova, 2002.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. *História da Bahia*/ Luiz Henrique Dias Tavares. – São Paulo: Editora UNESP; Salvador, BA: Editora EDUFBA, 2001

TAVARES, Maurino Cezimbra. *Fatos históricos de criminalidade: estudo médico social*. Trabalho apresentado ao Instituto Baiano de história da medicina. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.

TAVARES, Maurino Cezimbra. Boletim de ocorrência do Esquadrão Motorizado da Polícia Militar do Estado da Bahia, Destacamento do Vale do São Francisco, no. 9, no. 20, no. 24, no. 26, jan. 1938.

TAROT, Camille. *Pistas para uma história do nascimento da graça*. In: *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*/Paulo Henrique Martins (organizador); tradução Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis, RJ:Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987

WEBER, Max. *Ensaio sociológico*. De Max Weber e Mills, C.W. e Gerth (org). In “A política como vocação”. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

ANEXOS

Anexo A - Depoimento

Sra. Simoa Maria Pereira, 86 anos, residente em São Bento-BA, participante direta e ativa do movimento. Nasceu em 1917 e tinha 21 anos na época. Era casada, tinha dois filhos, um com dois anos e outro recém-nascido. Era sobrinha de José Senhorinho. Presenciou várias ações ligadas ao cotidiano do adjunto. Para o adjunto foram: sua mãe, seu marido, seus filhos, tios, primos. Foram motivados pela aspiração de salvação, pelo encontro, no sítio Caldeirão, com o beato José Lourenço, pela vontade de Deus.

“Sou entendida por Simoa. Eu nasci em 1917 e morava no Piauí. Eu era casada com um rapaz do Piauí. Quando eu fui pra lá eu já tinha casado, tinha dois filho, quando eu fui prá lá. Eu fui de dieta ainda. Eu levei ele nos braço, molinho, molinho ainda. Ai eu fui prá lá. Quando cheguei lá cacei logo um lugar pra me arrachar. Primeiro de tudo chegou o Severino Tavares rezando e dizendo que atrás vinha outro. Ele ficou três dia lá em casa e disse: cuidado meus filho na vida de voces. De conseeiro só tem um. Porque a senhora sabe que os pade não se extremecia pra vim aqui nesses fim de mundo. Naqueles tempo era tudo de jumento pelas estrada de carreiro. Eles vinha só de tempos e tempos e os beato era como os pade. O Pau de Colher foi o ajuntamento de tudo nas reza. Fui em dezembro e saí de lá em janeiro quando houve uma guerrona lá matando o povo e nós correu pro mato. A metade. Os outro ficaro lá. Nós fomo pra lá porque quizemo ir, porque achemo que não ia acontecer o que aconteceu lá. Disse que nós ia pro sítio Caldeirão pra ver o tal Zé Lourenço, o chefe de lá. José Senhorinho, meu tio, irmão da minha mãe, fio de Romualdo, os pai dele morrero tudo lá. Eles pregavam, rezavam o terço. O campo lá era grande. Hoje só tem pau.

Ele rezava assim: fazia um redemoinho, fazia uma fila de mulher, assim de um lado e home do outro. Era só na hora da reza. Mas lá não tinha o refém do deboche não. Ele recomendava que quem usasse de perversidade lá morria. Nós vivia lá na lei e na orde do Senhorinho. Tudo

na linha de Deus. Na disciplina. Pra rezar o terço, home do lado direito e mulher do lado esquerdo, em linha. Ele rezava o terço e quando acabava de rezar ia pro altar deles mais santa deles. As santa era as mais bonita que eles escolhiam pra ficar com elas lá dentro da casa. Quando acabava a reza ia deitar. Já era meia-noite. Durante o dia nós rezava com as beata rezadeira que ele mandava debaixo dos pé de pau. O juazeiro era os pé de pau. Mas só rezava com os que ele dava permissão. Com os mandado deles. Quando a gente queria um conseio, ia falar com eles. O Quinzeiro vivia detras da casa isolado. Ele não gostava de muita gente arrudiado. Quem vinha rezar no circão era Senhorinho.

Senhorinho ninguém nunca ensinou a ele nada. A memória dele era do juízo dele. Nunca entrou na escola. Sabia tudo da Bíblia e contava tudo pra gente. Ele cantava os bendito muito bonito e a gente cantava tudo do jeitinho dele. Não tinha pessoa mais sabida do que ele dento desse mato. Podia aparecer o que aparecesse ele lia tudo direitinho. Ele era alto, um homão. Ele vestia roupa preta quando passou pra essa lei. Lá no acampamento todo mundo vestia de preto ou azul. A roupa era comprida. As mulher era de cabelo comprido e os home de cabelo curto, rapado.

Quando deu o ajuntamento lá nós pegamo nos cacete que era de pau feita dos pé de pau mesmo de lá. Fui caceteira e fanática e pegava no cacete de novo. Acreditava no que eles dizia pra ir pro céu que ia ser no sítio Caldeirão onde a vida era boa. Dizia que lá no Caldeirão tinha água, tinha plantação, ninguém passava fome, cada cá tinha sua morada. Porque o povo aqui nos mato vive da terra, dos criatório, esperando a chuva que Deus manda. Que governo? O governo é de Deus. Quem já ouviu falar de home fazer chuva? Ele pode cavar buraco, mas se não descer água, não adianta. Eles é que já explora a bondade de Deus ajuntando água nos buraco que eles faz. Aqui é tudo unido. Um ajuda o outro. A seca quando vem já é esperada, a seca é a vontade de Deus e nós sabe tudo viver com ela. No bom e no ruim. Mas não é que é ruim porque o que vem de Deus não é ruim. A gente vive assim: durante a seca, o povo reza , ninguém passa bem como quando tem chuva, mas a gente sabe viver; durante a chuva a gente planta e cria. O tempo todo a gente reza. A vida da gente é

assim. Mas a gente é feliz na nossa morada. Deus dá condições para gente viver. Lá no Caldeirão dizia que era um povo que vivia tudo igual, tudo junto rezando e Deus abençoando. Eles dizia que ia viajar tudo pro sítio Caldeirão onde tava o Zé Lourenço. Os home assubia nos pé de juazeiro para ver se já era o dia de viajar. Um irmão meu foi subir e caiu emborcado aí o finado Senhorinho correu ligeiro desemborcou ele, pegou no braço dele, pegou o facão e disse: olhe, seu atrevido. E santificou ele. Lá as orde era dele. Lá a gente cantava o dia todo os bendito e rezava debaixo das latada com as santa deles. Juntou muita gente lá no circo deles. Era um campo grande. O Quinzeiro tinha chegado do Piauí, chegou com o povo lá do Sapateiro. Ele deitava de trás da casa, numa rede afastado dos outro.

Lá no adjuto foi dois mês que durou, mas foi coisa que a gente viu! Era um movimento o dia todo. Os mandado dele começaram a sair pra buscar comida nas fazenda perto, porque faltou comida no acampamento e ainda não tinha chegado o dia da viagem. A gente rezava muito pra chegar esse dia, rezava alto, cantava os bendito tudo alto, balançava os braço, levantava as mão esperando o dia. Quando acabou a comida foro busca lá na Barra que era a fazenda do Zé da Barra. Zé da Barra não quis fazer parte, não. Senhorinho ordenou os mandado dele ir buscar Zé da Barra para se salvar. Mas ele não queria e aí foi aquele sangueiro. Depois foro lá no Janjão que era um grande, tinha um comercio grande. Janjão era amigo deles, mas não quis passar pra essa lei, não. Aí depois foram lá em Janjão e incendiario o sítio dele com querosene. Janjão é de lá do Piauí. Minha dona, foi gente que participou. Era muita gente tudo incutido pra se salvar e voltar de novo tudo novo e com recurso. A vida da gente era regrada. Muita gente se estremeceu das morada pra ir pro Pau de Colher. Pau de Colher, antes, era um lugar onde tinha uma feira grande que ajuntava gente de todo canto. Vendia de tudo. Aqui a gente tendo a morada, o plantio e a criação é o que nós quer porque é dado por Deus que é bondoso, mas exempla, também . Dá o castigo.

Lá no ajuntamento a gente ouvia as oração de Senhorinho que ele falava da Bíblia. Era a mesma coisa que a gente ouvia nos bendito e reza das morada da gente no oratório das casa e quando tinha festa do padroeiro. Aqui era São José. Senhorinho era chamado, no adjunto, de

São José. Era como se ele fosse. Veio, olhe, muita gente de fora, desses mato tudo desse mundo. Eu sofri no adjunto. Ele castigava quem desobedecesse as lei dele. Eu mesma fiquei três dia no sol deitada porque agarrei no sono e as outras agarraram também junto de mim. Foro dizer a ele que eu tava mandando as mulher dormir. Eu apanhei, mas minha mãe, ela era irmã dele, pediu para eu sair do castigo. Ela disse: Senhorinho, Simoa quer sair. Eu fui castigada porque só era pra dormir na hora certa. Lá tinha hora para dormir e para acordar. Minha dona, de repente foi aquela guerrona toda. Os soldado tudo armado de metralhadora atirando. Quando nós demo fé, foi a força do Pernambuco que entrou e acabou com tudo. Mas hoje eu lhe digo, a gente continua do mesmo jeito. Vivendo da terra, esperando a chuva e rezando. Hoje eu sou evangélica e eu obedeço o que ele diz. Eu lhe digo que se chegar outro conseeiro o povo vai tudo de novo. Quando acabou tudo eu fui pra Casa Nova e o meu marido foi pra Salvador. Quando ele voltou de Salvador eu disse: agora vamos Manuel pro nosso lugar”.